



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ  
CENTRO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA

ALANA KERCIA BARROS DEMÉTRIO

***A MAÇÃ NO ESCURO* COMO METÁFORA DA TRAJETÓRIA CONCEITUAL DA  
REFERÊNCIA NO ÂMBITO DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM**



FORTALEZA-CE

2014

ALANA KERCIA BARROS DEMÉTRIO

***A MAÇÃ NO ESCURO* COMO METÁFORA DA TRAJETÓRIA CONCEITUAL DA  
REFERÊNCIA NO ÂMBITO DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada do Centro de Humanidades da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Maria Helenice Araújo Costa.

FORTALEZA-CE

2014

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação**  
**Universidade Estadual do Ceará**  
**Biblioteca Central do Centro de Humanidades**  
**Bibliotecário Responsável – Doris Day Eliano França – CRB-3/726**

D377m      Demétrio, Alana Kercia Barros.  
A maçã no escuro como metáfora da trajetória conceitual da referência no âmbito dos estudos da linguagem / Alana Kercia Barros Demétrio. – 2014.  
CD-ROM. 141 f. ; il. (algumas color.) : 4 ¾ pol.  
“CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm)”.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2014.  
Área de Concentração: Linguagem e Interação.  
Orientação: Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa.

1. Referência. 2. Sociocognição. 3. Clarice Lispector. 4. A maçã no escuro. I. Título.

CDD: 418

ALANA KERCIA BARROS DEMÉTRIO

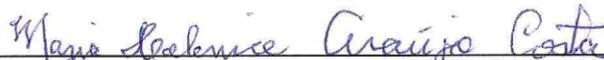
A MAÇÃ NO ESCURO COMO METÁFORA DA TRAJETÓRIA CONCEITUAL  
DA REFERÊNCIA NO ÂMBITO DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Linguística Aplicada do Centro  
de Humanidades da Universidade Estadual do  
Ceará, como requisito parcial para a obtenção  
do grau de Mestre em Linguística Aplicada.

Área de Concentração: Linguagem e Interação

Aprovada em: 22 / 05 / 2014.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Helenice Araújo Costa (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Profa. Dra. Helena Franco Martins (1º Membro)  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ



Profa. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar (2º Membro)  
Universidade Estadual do Ceará – UECE

## AGRADECIMENTOS

Ao Rondinelle, meu amor, pelo carinho e incentivo, pela dedicação e paciência, pela sensatez, que tão bem me faz, e pelo esforço apaixonado de entender meu coração.

A meus pais, Ana Júlia e Demétrio, pelos muitos sacrifícios que fizeram para priorizar a educação dos filhos e protegê-los do mundo.

Ao Alan, meu irmão, pela credibilidade que sempre me atribuiu e pela admiração que tanto demonstra.

À Rogéria, irmã de coração, pelo suporte que para mim representa nossa amizade de tantas rugas.

À Andrea, à Andrezza, à Maninha e à Raquel, amigas queridas, por compartilhar, às vezes de perto, outras nem tanto, as angústias da vida real e da acadêmica.

À Benedita, ao Carlos, à Erika, à Jariza, e à Poly, pessoas incrivelmente competentes e encantadoramente humildes, com quem tive a sorte de conviver e aprender nos últimos anos.

À Erika, mais uma vez, pela disposição para ler este trabalho e pelas pertinentes sugestões.

À professora Helenice, por me orientar de verdade desde a graduação, por se importar tanto com o que faz, por ouvir, por compreender, por inspirar (pelo compromisso, pela sagacidade, pela humildade), pelo incentivo e pela amizade.

À Andrezza, à Poly e à professora Helenice, novamente, pela ajuda preciosíssima com o trabalho dos bastidores.

À professora Mônica, pelo olhar crítico que contribuiu para a definição dos rumos da pesquisa.

À professora Claudiana, pelas sugestões que teceu a partir da leitura do projeto e por aceitar participar da defesa deste trabalho.

À professora Helena Martins, por aceitar o convite para compor a banca examinadora e demonstrar interesse pelo trabalho.

Ao PosLA, pela oportunidade de participar do programa.

À CAPES, por possibilitar, com o apoio financeiro, a realização deste estudo.

Tentei descobrir na alma alguma coisa mais profunda do que não saber nada sobre as coisas profundas.

Consegui não descobrir.

Manoel de Barros

## RESUMO

Este estudo aborda a relação entre o drama da linguagem presente no romance *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, e a trajetória conceitual da referência. Apoiando-nos nas contribuições teóricas que amparam as transformações envolvidas nessa trajetória até a construção da noção de referenciação, analisamos 43 passagens do romance as quais consideramos remetentes à tríade *cognição, linguagem e referência*. Nossa análise consistiu no exame dessas passagens à luz da discussão filosófica sobre o problema da verdade (DAVIDSON, 1974; 2008; MARTINS, 2000; 2004; 2012; RORTY, 1980; WITTGENSTEIN, 1968; 1996); do despertar da Linguística para a importância da dimensão discursiva dos atos de referir (ARAÚJO, 2004; 2007; BAKHTIN, 1997; BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006; BLIKSTEIN, 2003; CARDOSO, 2003; COSTA, 2007; MONDADA E DUBOIS, 2003) e da construção da hipótese sociocognitiva como alternativa ao conflito erguido entre o essencialismo e o relativismo radical (MARCUSCHI, 2007; SALOMÃO, 1997; 1999; 2005). Os resultados a que chegamos apontam para a presença de uma tensão constante no percurso trilhado pelo protagonista da obra, uma tensão que incorpora, de certo modo, uma crise paradigmática semelhante à que caracteriza os estudos da linguagem (MARTINS, 2004); e evidenciam que o personagem assume, ao final da narrativa, uma concepção segundo a qual com a linguagem damos forma ao mundo, análoga, portanto, à visão sociocognitivista.

**Palavras-chave:** Referência. Sociocognição. Clarice Lispector. *A maçã no escuro*.

## ABSTRACT

This study addresses the relationship between the drama of language in *A maçã no escuro*, by Clarice Lispector, and the conceptual trajectory of reference. Leaning on the theoretical contributions which support the transformations involved in this trajectory until the construction of the referenciation concept, we analyzed 43 passages of the novel which we considered associated with the *cognition, language and reference* triad. Our analysis consisted of examining these passages in light of the philosophical discussion about the truth issue (DAVIDSON, 1974; 2008; MARTINS, 2000; 2004; 2012; RORTY, 1980; WITTGENSTEIN, 1968; 1996); the awakening of Linguistics to the importance of the discursive dimension of referring acts (ARAÚJO, 2004; 2007; BAKHTIN, 1997; BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006; BLIKSTEIN, 2003; CARDOSO, 2003; COSTA, 2007; MONDADA E DUBOIS, 2003) and the construction of the sociocognitive hypothesis as an alternative to the conflict which was raised between essentialism and radical relativism (MARCUSCHI, 2007; SALOMÃO, 1997; 1999; 2005). The results we found indicate the presence of a constant tension in the path taken by the protagonist in the novel, a tension that incorporates, in a certain way, a paradigmatic crisis which is similar to the one that characterizes language studies (MARTINS, 2004); and highlight the character's assumption, at the end of the narrative, of a conception according to which through language we shape the world, a conception that is therefore analogous to the sociocognitivist vision.

**Keywords:** Reference. Sociocognition. Clarice Lispector. *A maçã no escuro*.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. DISCUTINDO A TRAJETÓRIA CONCEITUAL DA REFERÊNCIA.....	16
1.1. A relação linguagem/mundo e uma tensão paradigmática .....	16
1.2. A questão da referência nos estudos da linguagem .....	19
1.2.1. A língua sem sujeito.....	19
1.2.2. O período das “viradas”: funcionamento, performatividade, formas de vida.....	22
1.3. A referenciação como uma noção de base sociocognitivista.....	28
2. CONSTRUINDO A COMPREENSÃO DO PROBLEMA .....	34
2.1. <i>A maçã no escuro</i> .....	34
2.2. Procedimentos metodológicos .....	36
3. REFLETINDO SOBRE LINGUAGEM, COGNIÇÃO E REFERÊNCIA NO PERCURSO CONFLITUOSO DO PROTAGONISTA DE <i>A MAÇÃ NO ESCURO</i> .....	44
3.1. Reconstruir o mundo.....	45
3.1.1. Reconstruir o mundo pela linguagem .....	49
3.1.2. Abandonar a linguagem convencional.....	52
3.1.3. Viver em um plano sensorial sem linguagem .....	55
3.1.4. Criar uma linguagem capaz de refletir a realidade .....	64
3.1.5. Criar uma linguagem privada.....	68

3.2. Reconstruir o mundo: bases de um conflito epistemológico .....	71
3.2.1. Crença numa realidade abstrata, essencial, independente, corrompível pela linguagem .....	71
3.2.2. Crença numa linguagem capaz de transformar e construir em vez de refletir.....	77
3.3. Reconstruir o mundo: frustrações de um projeto de reconstrução.....	82
3.4. Reconstruir o mundo: epifanias de um projeto de reconstrução.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	92
REFERÊNCIAS .....	96
APÊNDICE .....	101

## INTRODUÇÃO

No romance *A maçã no escuro*, de Clarice Lispector, o narrador onisciente conta o percurso de Martim, um homem que, motivado pela necessidade de negar a autoria de um crime, dá início a um ambicioso projeto de reinvenção da linguagem convencional. Após o crime, Martim foge sem rumo definido e vivencia um processo de ruptura com o conjunto de elementos e relações que compunham seu mundo. Nesse processo de ruptura, a linguagem desempenha papel central. Convencido de que as palavras comprometiam a verdade das coisas, o personagem passa a rejeitá-las, adotando o silêncio e os sons guturais como primeiro passo de seu projeto. Aos poucos, entre experimentos e frustrações, Martim vai duvidando da exequibilidade da árdua tarefa que se propôs e reformulando abduativamente seus objetivos, até reintegrar-se ao mundo do qual buscara se desvencilhar.

O drama do personagem de Lispector remete a uma preocupação que não é recente: a relação entre linguagem e mundo ou, nas palavras de Cardoso (2003, p. 1), entre “um dizer” e um “não dizer”. No Ocidente, remonta à Antiguidade Clássica o delinear do debate acerca do assunto. Esse debate, protagonizado pelos socráticos e pelos sofistas, tinha como problema central a questão da verdade. Como nos conta Martins (2004), Platão e Aristóteles fomentaram o mesmo paradigma filosófico de leitura da realidade, o essencialismo, segundo o qual, há uma realidade dada *a priori* e uma verdade absoluta, tangível. Já os sofistas teriam fundado com seu pensamento o paradigma relativista, conforme o qual, a realidade é manipulável de acordo as experiências humanas e a verdade, condicionada a contextos particulares.

Os paradigmas filosóficos que fundamentaram o pensamento dos gregos norteiam diferentes perspectivas linguísticas. O essencialismo, por tomar a realidade como entidade preexistente às práticas humanas, admite a linguagem como representação<sup>1</sup>. O relativismo, por outro lado, por sustentar uma visão de realidade instável, em construção, e de verdade mutável, orienta uma perspectiva antirrepresentacionista de linguagem.

---

<sup>1</sup> Referimos-nos aqui à concepção forte do termo, de acordo com a distinção feita por Varela (1998, *apud* COSTA, 2007). Em oposição à visão fraca, que, conforme Costa, agregaria ao termo o sentido de interpretação, a visão forte de representação carrega sentidos como reprodução, cópia, reflexo.

Segundo apontam Teixeira e Martins (2008), a perspectiva antirrepresentacionista abriga um questionamento central: podem os usos das palavras corresponder a significados essenciais? Concordando com Wittgenstein II, as autoras reconhecem que há uma “resistência das palavras a revelar seu suposto significado essencial” (p. 8) e argumentam que tal resistência “favorece a ideia de que a linguagem talvez não tenha como função apenas a nomeação e a descrição de estados ou de coisas” (p. 8). Nesse sentido, afirmam Mondada e Dubois (2003) que a indicialidade da linguagem quebra a ilusão de uma descrição única e estável do mundo.

O reconhecimento da inexistência de uma relação biunívoca entre linguagem e mundo e a recusa da ideia, pressuposta pelo representacionismo, de uma realidade pronta, estática e transparente, passível de ser refletida pela linguagem, amparam a concepção sociocognitiva. Para Salomão (1999), o sociocognitivismo é a alternativa que se apresenta quando se tornam insustentáveis os estudos centrados na tese de uma linguagem sem sujeito ou na tese gerativista de um sujeito exclusivamente cognitivo. Adotar essa alternativa quer dizer, conforme a autora, “postular a linguagem como operadora da conceptualização socialmente localizada através da atuação de um sujeito cognitivo, em situação comunicativa real, que produz significados como construções mentais, a serem sancionadas no fluxo interativo” (p. 64).

Assumindo posicionamento semelhante ao de Salomão, Marcuschi (2007) argumenta que “a cognição é fruto de uma operação que executamos cooperativamente sobre o mundo num esforço de construí-lo discursivamente para nossos propósitos” (p. 86). O mundo comunicado seria, portanto, fruto de atividades intersubjetivas de comunicação e construção e não um conjunto de entidades naturalmente discretas a serem identificadas.

Vistas sob essa ótica, a indicialidade da linguagem de que falam Mondada e Dubois (2003) ou a subdeterminação do significado pelo significante a que se refere Salomão (1997) não devem ser atribuídas a uma falta de eficácia do sistema linguístico e cognitivo. Não sendo o mundo um repositório de entidades discretas, como sujeitos falantes, produzimos sentidos por meio de um processo de “categorização adaptativa” (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 40). Para as autoras, por esse processo, advindo de práticas simbólicas, os atores situados discretizam os objetos do mundo, constituindo entidades discursivas individual e socialmente. Propondo o deslocamento da noção de

“referência” à de “referenciação”, elas explicam que “o problema não é mais [...] de se perguntar como a informação é transmitida ou como os estados do mundo são representados de modo adequado, mas de se buscar como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão sentido ao mundo” (p. 20). As autoras esclarecem ainda que, apesar da maneira flexível com que a categorização evolui, a linguagem não é caótica porque os objetos de discurso, embora dotados de uma instabilidade constitutiva, sofrem processos complexos de estabilização.

São esses processos que nos permitem, em nossas práticas discursivas, estabelecer consensos e produzir sentidos; é a partir de categorias estabilizadas que construímos nossa intercompreensão. Por outro lado, como não se trata de uma relação de correspondência *categoria-coisa*, as palavras não se acomodam sem resistência aos usos que delas fazemos em nossos enunciados, de modo que desempenhamos de forma constante em nossas interações a atividade de recategorização.

Em *A maçã no escuro*, a pretensa inadequação das categorias estabilizadas incomoda profundamente o protagonista Martim, a ponto de levá-lo a uma recategorização radical. O personagem passa a recusar palavras que não eram suas: “o homem se sentia agora longe da linguagem do outros” (LISPECTOR, [1961] 1998c, p. 35); ele executa sua ambiciosa tentativa de construção de uma linguagem própria: “‘Crime’? Não. ‘O grande pulo’ — estas sim pareciam palavras dele, obscuras como o nó de um sonho” (LISPECTOR, 1998c, p.36).

Identificamos na narrativa de Lispector, observando esse árduo trabalho de reconstrução empreendido por Martim, uma espécie de metáfora da trajetória conceitual da referência no âmbito dos estudos da linguagem. Com o objetivo de investigar a possível relação entre o discurso presente na obra e essa trajetória, propusemos, para orientar esta pesquisa, o exame das seguintes questões:

- É possível identificar semelhanças entre o conflito acerca da linguagem desenvolvido na obra e a tensão paradigmática em torno da representação?
- Diante do que nos apresenta o narrador onisciente, podemos associar ao representacionismo a postura inicialmente adotada pelo protagonista?

- Como o projeto de reconstrução da linguagem elaborado pelo protagonista da obra pode ser visto sob a ótica do sociocognitivismo?
- Quais as contribuições teóricas dessa concepção para a avaliação dos desdobramentos da execução de tal projeto?
- Como os desdobramentos da execução do projeto transformam a percepção do protagonista sobre o fenômeno da (re)categorização?
- É possível observar semelhanças entre a concepção de linguagem assumida pelo personagem a partir dessa mudança de percepção e aquela que norteou a construção da noção de referencialização?

O intuito de investigar tais questões foi motivado pela curiosidade nascida ainda durante o curso de graduação, logo após tomarmos conhecimento dos estudos sobre referencialização, cujos aspectos nos fizeram inevitavelmente recordar o romance de Clarice e o conflito de Martim. É verdade que a crise em torno da linguagem alimenta a angústia de vários outros personagens de Lispector, nessa e também em outras obras. Em *A maçã no escuro*, Ermelinda e Vitória, como Martim, se veem às voltas com o desafio de organizar a alma em palavras; em *A hora da Estrela*, Macabéa adivinha nos significados que desconhece a solidez que falta à sua existência; em *Um sopro de vida*, o “Autor” (narrador-personagem) chega a inventar a personagem “Ângela Pralini”, seu contraponto, para que ela enfrente em seu lugar a temida cilada das palavras; em *Água Viva*, a protagonista resigna-se à indicialidade da linguagem, fazendo um apelo para que seu interlocutor compreenda o que ela não diz quando diz; em *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*, Lóri se debate entre a ilusão de plenitude do silêncio e a confusão imprescindível das palavras; em *A paixão segundo G.H.*, a protagonista experimenta um transe epifânico que lhe revela a linguagem como uma dimensão, e não como um instrumento, da consciência; em *A cidade sitiada*, Lucrecia aceita a linguagem dos outros para mentir suas verdades; em *O lustre*, Virgínia crê na expressão de uma essência que prescinde ou que se dá apesar das palavras; em *Perto do coração selvagem*, Joana não confia nas palavras por saber que elas não são passivas. Pode-se pensar, a partir dessa constatação de que a preocupação com as questões da linguagem se fazem presentes em todas essas obras, que essa é simplesmente uma marca do estilo

da autora e que, em consequência, não haveria motivo para se desenvolver um estudo a esse respeito especificamente em *A Maçã no escuro*. Contudo, o drama de Martim nos despertou interesse especial por tratar-se de uma situação em que o incômodo do personagem com a linguagem é tão contundente a ponto de nele desencadear a determinação de transformá-la. Além disso, a trajetória percorrida por ele em busca dessa transformação apresentou-se a nós como um desenho literário do movimento produzido pelas diversas abordagens acerca do problema da referência. O destaque que atribuímos ao romance deve-se ainda ao fato de que supomos estar esboçada ali, nas idas e vindas de Martim, no desenvolvimento não linear de suas descobertas, frustrações, dúvidas e adaptações, uma metáfora do próprio processo epistemológico.

Consideramos importante a realização desse estudo pela contribuição que ele pode oferecer à compreensão dessa obra de Lispector, expondo nossas considerações sobre o drama da tríade *cognição, linguagem e referência* como uma leitura possível para o romance. Da mesma forma, por vislumbrarmos na narrativa uma metáfora de uma teoria linguística, a teoria da referenciação, nosso trabalho pode colaborar para facilitar a compreensão de abordagens, conceitos e categorias com elevado grau de abstração e complexidade.

De modo geral, os estudos sobre referenciação vêm apresentando enfoque diverso daquele que pretendemos construir em nossa pesquisa. Na maior parte dos casos, são desenvolvidas análises, propostas e revisões classificatórias. Exemplos desses estudos são os trabalhos de Cavalcante (2000; 2003; 2004) e Ciulla (2002; 2008).

Em Cavalcante (2000), a autora procura caracterizar os dêiticos discursivos, diferenciando-os dos anafóricos discursivos. Nos trabalhos de 2003 e 2004, Cavalcante propõe a classificação de diversos processos referenciais. Tomando também o rumo da classificação, o estudo de Ciulla (2002) tem como objetivo a caracterização de elementos anafóricos e dêiticos, sugerindo a reorganização desses elementos no quadro geral das expressões referenciais, e seu estudo mais recente (2008) identifica a sobreposição de funções ligadas aos processos referenciais. Embora tenha lidado, neste último trabalho, com o discurso literário, a própria autora afirma ter tomado os trechos de contos que analisou apenas como exemplário dessas funções. Nossa pesquisa diferencia-se, portanto, também nesse aspecto, uma vez que estabelece com o discurso literário uma relação que entendemos ser muito mais estreita. A referenciação está, de

acordo com nosso enfoque, imbricada no percurso mesmo do protagonista do romance de Lispector, nosso objeto de análise. Foi a partir dos anseios, das angústias e das frustrações desse personagem e das espirituosas considerações de um narrador onisciente que pretendemos erigir nossas reflexões sobre o que é dizer o mundo.

Inspirando-nos nas contribuições de Costa (2007), que, ao analisar processos referenciais em mensagens de uma comunidade virtual, nos mostra como a evolução do pensamento filosófico influenciou o conceito de referência e nos chama a atenção para o papel das concepções de cognição no modo de perceber os fenômenos discursivos, obedecemos à necessidade de aprofundar essas reflexões, aproveitando-nos da tese que vimos esboçada na obra literária de que tratamos.

Nosso trabalho foi estruturalmente organizado em três capítulos.

No capítulo 1, tecemos uma breve discussão sobre as transformações conceituais que sofreu a questão da referência. De início, situamos a questão no seio da disputa filosófica grega em torno do problema da verdade; em seguida, tratamos do período de extradição do sujeito e da referência da linguagem; logo após, discutimos as implicações das viradas linguística e pragmática e, por fim, defendemos a sociocognição como uma noção basilar para a construção do conceito de referência.

No capítulo 2, procuramos contextualizar *A maçã no escuro*, apresentando o drama da linguagem vivenciado pelo protagonista Martim, e contamos nosso percurso metodológico: as transformações que sofreram nossa percepção acerca do fenômeno, a aproximação com os dados, a constituição das categorias, as contínuas reformulações que nos possibilitaram construir nossa compreensão.

No capítulo 3, à luz de nossos pressupostos teóricos, analisamos a trajetória de Martim; buscamos discutir, a partir das reflexões do personagem e do narrador, as noções que fundamentam nosso esforço histórico de compreender como dizemos o mundo, explicitando a semelhança que o conflito literário guarda em relação ao percurso conceitual da referência. Primeiramente, deixamo-nos guiar pelo fio condutor traçado pelos objetivos que identificamos no projeto do protagonista, discutindo as implicações teóricas que neles observamos; em seguida, abordamos o embate erguido em torno de suas crenças epistemológicas contrastantes; após esse momento, problematizamos, sob pontos de vista de alguns estudiosos da linguagem, as frustrações

sofridas por Martim nas tentativas malogradas de execução do seu projeto e, finalmente, mostramos como o êxito que subitamente se revela ao personagem está ancorado numa concepção de linguagem que se mostra como uma interessante alternativa para a conciliação de seu conflito.

Nas considerações finais, retomamos cada uma de nossas perguntas de pesquisa e apontamos nossa identidade com o processo conflituoso de Martim, compartilhando algumas frustrações e epifanias de nosso próprio percurso.

Após tais considerações, apresentamos as referências citadas em nosso trabalho e, em seguida, exibimos como apêndice nosso quadro de dados por categoria.

## 1. DISCUTINDO A TRAJETÓRIA CONCEITUAL DA REFERÊNCIA

Eu tenho à medida que designo — e este é o esplendor de se ter uma linguagem. Mas eu tenho muito mais à medida que não consigo designar. A realidade é a matéria-prima, a linguagem é o modo como vou buscá-la — e como não acho. Mas é do buscar e não achar que nasce o que eu não conhecia, e que instantaneamente reconheço. A linguagem é o meu esforço humano. Por destino tenho que ir buscar e por destino volto com as mãos vazias. Mas — volto com o indizível.

Clarice Lispector

Como sabemos, o olhar sobre a referência passou por diversas transformações no âmbito dos estudos da linguagem. Em *A Maçã no Escuro*, o projeto de reconstrução do protagonista também não é o mesmo ao final do romance. Percebemos que, no processo que vai da idealização do projeto aos caminhos tortos de sua execução, as relações de Martim com a linguagem são profundamente alteradas. No contexto dessas mudanças, as que observamos no romance e fora dele, entendemos que um aspecto teórico primordial a merecer lugar nesta discussão diz respeito à passagem da noção de “referência” à de “referenciação” proposta por Mondada e Dubois (2003). A compreensão dessa passagem pressupõe, como sugere Costa (2007), a revisão da trajetória percorrida pelo conceito de referência. Para apoiar nossa pesquisa, recorreremos, assim, às contribuições de alguns autores que se dedicaram ao estudo das bases filosóficas que fundamentam essa transformação conceitual; adotamos o ponto de vista de alguns teóricos que demonstraram a importância da dimensão discursiva na questão da referência; e buscamos ainda suporte nas reflexões delineadas por alguns estudiosos acerca da hipótese sociocognitiva, a qual consideramos o alicerce em que se ergue a tese da passagem.

### 1.1. A relação linguagem/mundo e uma tensão paradigmática

Conforme afirmamos em outro momento, as especulações a respeito da relação entre linguagem e mundo remontam, no Ocidente, à disputa estabelecida entre

socráticos e sofistas em torno da questão da verdade. De acordo com Martins (2004), é imprescindível dar atenção a essa disputa se quisermos compreender as teorias da linguagem nascidas na Linguística. A controvérsia grega dá origem a dois paradigmas: de um lado, às perspectivas realista e mentalista, orientadas segundo a concepção de que a verdade prevalece sobre o consenso; de outro, a uma visão que a autora considera verdadeiro embrião de uma abordagem pragmática do sentido.

Ao descrever o olhar de Platão sobre a linguagem, Martins explica por que o nome do filósofo é associado a uma compreensão realista do sentido. Sob a ótica platônica, “**as palavras têm por propósito representar a realidade**, não a realidade fenomênica, mas a realidade essencial das coisas. As essências que as palavras representam são entidades extralinguísticas, autônomas e transcendentess” (MARTINS, 2004, p. 461, grifos nossos).

Enquanto a tese platônica fomenta a ideia de linguagem como representação do real, a filosofia aristotélica monta as bases para uma visão de linguagem como representação do pensamento. Martins nos conta que, para Aristóteles, pelos sentidos, o intelecto humano seria capaz de abstrair essências universais; o vínculo entre as palavras e as *afecções da alma*, as mesmas para todos os indivíduos, seria lógico, objetivo. O quadro desenhado pelo discípulo constitui “uma novidade importante com relação à tematização da linguagem em Platão: a substituição de uma díade, linguagem-real, por uma tríade, linguagem-alma-real” (MARTINS, 2004, p. 464). De reflexo de essências metafísicas, a linguagem passa a ser reflexo das representações mentais universais de tais essências. Percebemos, portanto, que o cunho representacionista se faz presente em ambas as concepções. Tanto o idealismo platônico<sup>2</sup> quanto o logicismo aristotélico reconhecem a linguagem como um instrumento capaz de reproduzir essências universais e autônomas, o que os coloca, conforme a autora, em oposição ao pensamento sofista.

Martins justifica a frequente associação de uma postura relativista aos sofistas evocando a famigerada mensagem do sofista Górgias: “Nada existe que possa ser conhecido; se pudesse ser conhecido, não poderia ser comunicado; se pudesse ser

---

<sup>2</sup> Consideramos pertinente apresentar aqui o esclarecimento de Martins (2004) acerca da noção de “ideia” para Platão: embora o filósofo chame de ideias as essências, elas não são representações mentais; são entidades autônomas que existem em si; habitariam, então, “uma outra dimensão, intemporal e universal” (p. 455).

comunicado não poderia ser compreendido” (*Do não-ser*, Fragmento I, *apud* MARTINS, 2004, p. 450). A leitura que a autora propõe desse trecho é compreendê-lo como resposta ao suposto questionamento sobre a relação entre a linguagem e o real. A sugestão de Górgias apontaria então para a impossibilidade de ser o mundo dito pela linguagem. Vemos aqui negado o representacionismo que veio a ser tão veementemente proclamado pelos socráticos. O real não pode ser representado pela linguagem porque não há uma realidade autônoma que se dá a conhecer; há uma realidade que se manifesta no e pelo discurso.

Apesar do radicalismo da visão relativista dos sofistas, para quem “um mesmo dizer [...] pode não apenas significar mais de uma coisa, como também, e mais importante que isso, pode significar uma coisa e seu exato contrário” (MARTINS, 2004, p. 452), a autora observa que, ao desestabilizar a distinção absoluta entre o falso e o verdadeiro e exaltar a soberania do discurso, eles são frequentemente considerados precursores da abordagem pragmática da linguagem; fazem emergir “um ângulo segundo o qual a linguagem significa quando é usada em circunstâncias concretas e variáveis, inscrevendo-se nos assuntos humanos e com eles mantendo laços mutuamente constitutivos” (p. 452-453).

Martins (2000) já sinaliza a dificuldade de experimentar o ponto de vista dos sofistas quando salienta a força com que o projeto essencialista criou raízes no mundo ocidental, resistindo mesmo aos “prognósticos negativos da reflexão filosófica mais recente” (p. 22), a ponto de continuar fundamentando o desenvolvimento da Ciência Cognitiva e de muitas disciplinas acadêmicas como a Psicologia Cognitiva, a Antropologia, a Inteligência Artificial e até mesmo a Linguística.

Em Martins (2004), a autora argumenta que a dificuldade está em renunciar a uma arraigada expectativa: “trata-se de estar preparado para pensar talvez que a linguagem ‘não diz o que **é**’, mas em alguma medida ‘**faz ser** o que diz’” (p. 453, grifos nossos). O fato é que, em termos epistemológicos, a tensão entre os dois paradigmas tem dividido as ciências de um modo geral; a Linguística, sobretudo, “ocupa nesse cenário uma posição especialmente delicada, pois toma como seu objeto o próprio nervo contemporâneo da controvérsia, a linguagem” (MARTINS, 2004, p. 472).

## 1.2. A questão da referência nos estudos da linguagem

É interessante o modo como a Linguística incorpora essa tensão paradigmática. Para escapar ao dilema, a saída encontrada é, inicialmente, negar a relação linguagem/mundo como preocupação legítima do campo de estudos. Em seguida, a questão, abraçada pela Filosofia, toma rumos lógico-formalistas e é consolidada sob a hegemonia essencialista clássica. Somente na segunda metade do século XX, a tradição essencialista é abalada<sup>3</sup> e o problema da referência passa a ser visto sob uma ótica pragmatista.

### 1.2.1. A língua sem sujeito

Propondo a revisão da agenda dos estudos da linguagem, Salomão (1999) identifica, na primeira metade do século XX, um influente triângulo formado por Saussure, Frege e Durkheim<sup>4</sup>, cujos trabalhos têm como eixos o foco no significante e o tratamento do significado como propriedade das formas. Esses eixos apontam para a exclusão do sujeito como usuário da linguagem.

É esse período que Cardoso (2003) classifica como o primeiro “deslocamento” passível de ser considerado no discurso da Linguística. É quando referente e referência são extraditados do domínio da língua. Esta, tida como sistema, carrega consigo o

---

<sup>3</sup> Sobre essa afirmação, há que se reconhecer que o pensamento saussuriano já contraria, de certo modo, o pensamento essencialista clássico, ao postular que “a língua não comporta nem ideias nem sons preexistentes ao sistema linguístico” (SAUSSURE, [1970] 2006, p. 139). Entretanto, é observável a permanência do caráter de representação na concepção do linguista, que, ao sustentar a arbitrariedade do signo, remete inevitavelmente à noção de um suposto laço vinculando-o, por convenção, à realidade: “a língua aparece sempre como uma herança da época precedente. O ato pelo qual, em dado momento, os nomes teriam sido distribuídos às coisas, pelo qual um contrato teria sido estabelecido entre os conceitos e as imagens acústicas” (p. 85-86). Por reconhecer essa tensão no pensamento de Saussure, Martins (2004) chega a enquadrar o linguista “entre as vozes ‘desestabilizadoras’ mais fortes do século XX” (p. 272). Segundo a autora, o relativismo embutido na proposta saussuriana é, como mostram as propaladas contradições do *Curso*, refreado pelo desconforto epistemológico que ele provoca. Martins explica que, “levado às últimas consequências, [tal relativismo] incompatibiliza-se com o projeto da *ciência* assim como entendida tradicionalmente, podendo ser associado, como de fato tem sido por alguns autores contemporâneos, aos perigos da ‘morte da epistemologia’” (p. 472, grifo da autora).

<sup>4</sup> Salomão (1999) afirma que todos esses pensadores deixam de reconhecer a dimensão psicológica como pertinente ao estudo do sentido ou à compreensão da sociedade, eliminando o sujeito da investigação.

sentido. A imanência é assegurada pela teia de relações mantida entre seus elementos. A autora argumenta que, apesar de se encontrar ainda bastante preso à tradição clássica, o *signo* saussuriano é, em certa medida, inovador, pelo fato de não coincidir com o *significante*. Reconhece, contudo, que a distinção bem marcada entre o *significado* e as coisas no mundo é uma tentativa frustrada de se esquivar do problema da referência, uma vez que é insustentável pôr à parte as coisas da realidade quando se fala em representação ou designação<sup>5</sup>. “Extraditando-se o referente do signo linguístico, [...] o *signo* passa a ser signo de quê?” (CARDOSO, 2003, p.21). Os aspectos simbólicos da linguagem deixam de constituir, como conclui a autora, o interesse dessa linguística das formas.

Conforme Salomão (1999), Chomsky e seus adeptos trazem à tona, em meados desse mesmo século, questões ligadas à natureza da mente, fazendo emergir, nos estudos da linguagem, o reconhecimento de um sujeito cognitivo. “A geração das formas [passa a ser] tratada como **capacidade** (virtualmente ilimitada) **do sujeito**” (p. 63, grifos da autora). Entretanto, como ela mesma ressalta, assim como a língua é para Saussure um sistema social desencarnado, o sujeito chomskyano é abstrato; apresenta uma potencialidade de ação com base em uma razão universal; não é um sujeito concreto situado. Permanece então desprezada a necessidade de “qualquer ponte entre o sentido [...] e o sentimento concreto do sujeito no mundo” (p. 64).

O problema que se interpõe nesse cenário é apontado por Araújo (2004). A autora argumenta que *língua* e *competência* são insuficientes para dar conta do significado. Deixar o dilema da referência a cargo do filósofo, sob a alegação de que ele ultrapassa o limite do domínio linguístico, é, para ela, uma atitude incongruente, tendo em vista que o *linguístico* não é um universo à parte e que dificilmente a semântica é capaz de evitar a recorrência ao que é considerado extralinguístico.

Cardoso (2003) nos mostra como a filosofia analítica da linguagem, que tem em Frege um de seus principais representantes, tomou para si a questão da referência. Segundo a autora, o projeto dos lógicos modernos nasce como uma tentativa de superar as limitações da análise lógica tradicional, de base aristotélica. Ela explica que, para aqueles filósofos, os enunciados gramaticais das línguas naturais podiam camuflar as

---

<sup>5</sup> Segundo Cardoso (2003), Saussure “não diz que as palavras designam as coisas, mas diz que as palavras designam conceitos, ou seja, que *o significante representa o significado*” (p.15, grifos da autora).

relações que eram de fato estabelecidas pelo pensamento. Isso os teria levado a pensar em uma linguagem formal, circunscrita a proposições lógico-matemáticas condicionadas ao *valor de verdade*. “Se uma proposição [...] é verdadeira, deve existir uma identidade de estrutura entre ela e o fato a que se refere. [...] A referência de um nome, segundo Frege, é uma função do sentido do nome” (CARDOSO, 2003, p. 42).

Nesse ponto, fica evidente que Frege distingue *sentido* e *referência*, os dois aspectos da significação de um nome. Conforme Cardoso, para o filósofo, o sentido é o caminho para se chegar à referência. “Assim, 3+4, 5+2 e 6+1 são diferentes expressões ou sentidos da mesma referência, o número 7” (CARDOSO, 2003, p. 46). Como nos conta a autora, é acreditando na isenção de toda a subjetividade da linguagem formal, concebida no esquema “X a Y”, em que “X representa Y”, que Frege supõe poderem diferentes línguas ter como referência o mesmo objeto.

Ainda sobre Frege, Cardoso acrescenta que o filósofo não ignorou o fenômeno, comum às línguas naturais, da ocorrência de “sentido sem referência”. Como resposta a essa constatação, Frege teria feito a ressalva de que, embora coubesse ao *sentido* determinar a *referência*, ele era apenas condição necessária, mas não suficiente, avaliando os casos de “sentido sem referência” como uma imperfeição das línguas naturais.

Essa tendência formalizante também está presente nos primeiros estudos de Wittgenstein. Araújo (2004) afirma que a *teoria da figuração*, formulada no *Tractatus*, é pensada com o propósito de traduzir a “estrutura lógica do mundo em uma notação adequada” (p. 75). A autora explica que, para Wittgenstein I, “o mundo é afigurado por um conjunto de fatos que se dão num espaço lógico onde se combinam objetos simples formando a substância do mundo, fixando-o em colorido, espacial, temporal etc. Cada figuração dos fatos no espaço lógico é um modelo de realidade” (p. 75). A linguagem estaria, assim, restrita às proposições, que, por sua vez, projetariam a estrutura relacional dos fatos do mundo. Por exemplo, no caso de “‘A ser maior que B’, há três elementos a serem representados, sua forma lógica é ‘x R y’” (p. 76).

Araújo entende que, para Wittgenstein I, o mundo é pensável porque figurável, mas a verdade ou falsidade da sentença é uma etapa posterior à figuração; é a verificação se o estado de coisa afigurado se adequa ou não ao fato. “As proposições são modelos, figurações da realidade tal como pensamos que seja, afirma Wittgenstein (§

4.01) e pela projeção a proposição mostra como estão as coisas. Se ela for verdadeira diz que as coisas estão assim. A realidade confirma ou não as proposições” (ARAÚJO, 2004, p. 80).

A autora acrescenta que, por não serem projetivamente figuráveis, são considerados inefáveis, pelo filósofo, valores éticos, religiosos e estéticos; para ele, esses valores não teriam sentido, uma vez que o sentido estaria no limite do pensável, isto é, só haveria sentido naquilo que fosse logicamente formulável.

Diante das considerações tecidas nesta seção, observamos que, assim como a linguística moderna, a filosofia analítica desenvolvida na primeira metade do século XX permaneceu presa à forma, excluindo da linguagem o sujeito situado e a história. Para Salomão (1999), quando os estudos da linguagem abandonam a tradição formalista das análises do significante e do significado e passam a tratar do fenômeno da significação, desmontam-se tanto a tese de uma linguagem sem sujeito como a tese gerativista de um sujeito exclusivamente cognitivo.

### **1.2.2. O período das “viradas”: funcionamento, performatividade, formas de vida**

O momento em que a Linguística resgata o sujeito e a referência como objetos de estudo é chamado por Cardoso (2003) de segundo deslocamento. A autora apresenta Benveniste como um dos principais expoentes desse período. Afirma que o linguista foi responsável por integrar a referência na *enunciação*.

Já se considera [então] o sentido dependente do contexto situacional, que envolve a realidade física e social, e interlocutores agindo nesse contexto, volta-se a falar de maneira mais explícita em referência. Esse conceito já se encontra, contudo, bastante alterado: a concepção da relação entre a linguagem e a realidade já não é mais a concepção clássica (CARDOSO, 2003, p. 3).

Como aponta a autora, embora Benveniste não tenha ignorado a relação entre o *semiótico* e o *semântico*, ele instituiu uma distinção radical entre os dois sistemas. Essa distinção é que permitiria o retorno ao papel essencial do signo, a significação.

Enquanto o *semiótico* se caracteriza como propriedade da língua; como as relações mantidas em suas estruturas formais<sup>6</sup>, o *semântico* resgata a questão da referência, pondo a “língua em emprego e ação, na sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, permitindo a integração da sociedade e a adequação ao mundo” (CARDOSO, 2003, p. 70).

Ao mostrar a evolução no pensamento de Benveniste, identificada em seus sucessivos trabalhos, a autora salienta que, nas últimas décadas do século XX, o linguista reconhece não existir referência fora da enunciação. Com efeito, para Benveniste ([1974] 1995b, p. 84),

[...] na enunciação, a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz de cada locutor um co-locutor. A referência é parte integrante da enunciação.

Cardoso (2003) explica que a ação de referir passa a implicar, desse modo, a reunião de condições necessárias à produção do discurso: a língua enquanto possibilidade a ser apropriada pelo interlocutor em circunstâncias específicas; o eu e o tu da interlocução; o ato enunciativo e o próprio discurso, que seria, por sua vez, “o produto da enunciação” (p. 80). De fato, para ressaltar que seu objeto de estudo é “o ato mesmo de produzir um enunciado e não o texto do enunciado” (BENVENISTE, 1995b, p. 82), o autor demanda: “o discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação não é simplesmente a ‘fala’?” (p. 82).

A atribuição ao discurso da qualidade de produto ou de simples manifestação nos permite adivinhar por onde se encaminha a crítica que Cardoso (2003) dirige a Benveniste. Depois de reconhecer o grande avanço representado pelas contribuições teóricas do linguista que reabilitou o tema da referência, deslocando-a da estrutura da língua para seu funcionamento, a autora pondera que a subjetividade e “a pragmática elementar do aqui e agora do ato discursivo” (p. 81) encobrem as determinações

---

<sup>6</sup> Percebemos, com Cardoso (2003), que Benveniste não pretendeu negar a noção saussuriana da *língua enquanto sistema*; seu trabalho consistiu em desdobrar a língua em *forma e funcionamento*.

histórico-sociais a que todo discurso está sujeito; deixam de evidenciar que todo interlocutor fala de um lugar social marcado e sugerem que o dinamismo da cena enunciativa é ideologicamente neutro.

Outro aspecto para o qual a autora nos chama a atenção é a separação radical que Benveniste estabelece entre o *semiótico* e o *semântico*. Apoiando-se em Maingueneau, ela argumenta que “não se trata de duas regiões complementares, mas de duas linhas que se embaralham e se repelem” (p. 83). Sobre essa questão, consideramos problemática e confusa qualquer tentativa de separação rígida entre o que é linguístico e o que não é. Os estudos da linguagem ancorados na hipótese sociocognitiva, de que trataremos mais adiante, nos autorizam a afirmar que, não sendo as formas portadoras de sentido, é inócua e ineficaz a tentativa de demarcar fronteiras entre os diversos fatores que concorrem para a construção do significado.

Apesar das questões pendentes deixadas por Benveniste, Cardoso (2003) destaca o pioneirismo do debate erguido por ele no seio da Linguística. Ressalta, todavia, que um debate análogo já vinha crescendo entre os filósofos, que vinham pondo em causa o princípio fregiano de que o sentido determina a referência e desenvolvendo seus estudos com base na noção de linguagem em uso.

O movimento desses filósofos, que passaram a rejeitar a semântica de Frege e considerar os aspectos sociais e culturais da linguagem, ficou conhecido como *virada pragmática*. Cardoso aponta Austin, com sua *teoria dos atos de fala*, como um dos autores de maior impacto desse período. Afirma que, segundo a proposta de Austin, “o que importa não é mais produzir grandes sistemas através dos quais se possa *conhecer o mundo* ou *interpretar a realidade*. O que verdadeiramente importa é *transformar a realidade* através de nossa ação no mundo; [...] transformar o mundo através da nossa ação com a linguagem” (p. 86, grifos da autora).

Conforme expõe Cardoso, os filósofos da “virada” compreendem a incompletude dos enunciados das línguas naturais como um fenômeno muito mais amplo do que supunha Frege, que o atribuíra a uma imperfeição: eles procuram demonstrar que, como acontecimentos discursivos, esses enunciados estão sempre inseridos em um contexto que extrapola os limites das formas, invalidando a possibilidade de qualquer relação intrínseca entre a expressão linguística e sua referência. Assim, “se para a semântica lógica de Frege a **necessidade do contexto**

situacional deixa o enunciado sem referência [...], para a teoria dos atos de fala é justamente a **omissão do contexto** que deixa o enunciado sem referência” (CARDOSO, 2003, p. 86, grifos nossos).

Numa breve exposição dos trabalhos de Austin, a autora nos conta que, com o intuito de promover uma concepção de linguagem capaz de dar conta de fatores como contexto, convenções de uso e intenções do falante, o filósofo abriu mão de uma teoria do significado em nome de uma teoria da ação. Cardoso nos mostra como a proposta inicial de opor enunciados *performativos* a *constatativos* logo foi reconhecida por Austin como insustentável: ao perceber que dizer algo é sempre fazer algo, ele suspende a dicotomia em favor da *teoria dos atos de fala*, os quais foram caracterizados como *locucionários*, *ilocucionários* e *perlocucionários*.

Não podemos deixar de tocar em um ponto que nos chamou a atenção desde o primeiro contato com o pensamento austiniano, a incongruência que parece residir entre uma proposta que abriga a pretensão de superar as teorias vericondicionais da referência e a tentativa de isolar o ato *locucionário* do ato *ilocucionário*. Não fora exatamente por perceber que uma teoria da ação tornar-se-ia incoerente admitindo um enunciado que fosse simplesmente uma declaração que Austin (1962) suprimiu o enunciado *constatativo* ao abolir a dicotomia pensada *a priori*? Para quê, então, trazê-lo de volta, embutindo-o no ato *locucionário*?

A respeito dessa questão, Cardoso (2003), que também reconhece esse “remanescente da teoria da verdade analítico-referencial” (p. 102), sugere, apoiada em uma afirmação de Rajagopalan (1990), que, pelo estilo autocrítico de Austin, o filósofo estaria provavelmente se encaminhando para retomar o processo sem fim de revisão das contradições da própria teoria. “Nesse caso, a nova dicotomia entre ato *locucionário* (que conteria o *constatativo*) e ato *ilocucionário* seria apenas mais uma dicotomia a aguardar o golpe fatal, que só não aconteceu por causa da morte prematura de Austin” (CARDOSO, 2003, p. 103).

Otoni (2002), apesar de não se manifestar diretamente em relação ao assunto, ao criticar as tentativas de formalização do pensamento austiniano, alegando que Austin, em seus textos, teria sempre alertado sobre a necessidade de encarar o *ato de fala* como algo mais geral, parece também nos dar indícios de que estaria iminente a desconstrução de mais essa dicotomia. Com efeito, a primeira de uma série de afirmações citadas por

Austin (1962) sobre sua teoria é a de que “o ato de fala total na situação de fala total é **na verdade o único** fenômeno que, em última instância, deve ser elucidado”<sup>7</sup> (AUSTIN, 1962, p.153, grifo do autor). Pensamos que essa declaração de Austin possa afinal nos levar a entender que a pretensa distinção entre sentido, força e efeito não seja, sobretudo entre as duas primeiras instâncias, marcada a ponto de comprometer a defesa do caráter performativo do enunciado.

Após mostrar-se ciente da problemática, o autor discute como as declarações podem, de fato, apresentar todas as características que configurariam o ato *ilocucionário*, reforçando que “assim que percebermos que o que precisamos estudar não são as sentenças, mas a problematização dos enunciados numa situação discursiva, dificilmente poderá haver ainda a possibilidade de não se ver que declarar é performar um ato”<sup>8</sup> (AUSTIN, 1962, p. 144). Por outro lado, o autor faz a ressalva de que sobre os performativos já não se pode afirmar que constituem igualmente declarações. Explica que, por mais que ao **fazer** algo, os *performativos* também **digam** algo, há a questão de “que eles não são essencialmente verdadeiros ou falsos como são as declarações”<sup>9</sup> (p. 145).

Questionando, contudo, a própria afirmação, Austin discute como o falso e o verdadeiro não podem ser tomados em termos absolutos: “a verdade ou falsidade de uma declaração não depende meramente dos significados das palavras, mas do ato que se está performando em determinadas circunstâncias”<sup>10</sup> (p. 150). Diante disso, o autor esclarece que o que restou da distinção entre constatativos e performativos foi sua tentativa de abstrair do *ilocucionário*, a partir de uma simplificação reducionista, aspectos do ato de fala que corresponderiam àquilo que, idealmente, pudesse ser dito em quaisquer circunstâncias, com quaisquer propósitos, para qualquer audiência. Nesse

---

<sup>7</sup> “The total speech act in the total speech situation is the *only actual* phenomenon which, in the last resort, we are engaged in elucidating” (AUSTIN, 1962, p. 153).

<sup>8</sup> “Once we realize that what we have to study is not the sentence but the issuing of an utterance in a speech situation, there can hardly be any longer a possibility of not seeing that stating is performing an act” (AUSTIN, 1962, p. 144).

<sup>9</sup> “that they are not essentially true or false as statements are” (AUSTIN, 1962, p. 145).

<sup>10</sup> “The truth or falsity of a statement depends not merely on the meanings of words but on what act you were performing in what circumstances” (AUSTIN, 1962, p. 150).

sentido, assegura que “em geral, o ato *locucionário* tanto quanto o *ilocucionário*, são apenas uma abstração: todo ato de fala genuíno constitui ambos”<sup>11</sup> (p. 152).

Ao mover o foco da troca linguística da *significação*<sup>12</sup> para a *enunciação*<sup>13</sup>, o pensamento austiniano representa reconhecidamente uma ruptura com as teorias logicistas e um grande avanço nos estudos da linguagem. Todavia, conforme argumenta Costa (2007), parece ser Wittgenstein, em sua segunda fase, que verdadeiramente abre caminho para a perspectiva pragmática. A autora nos mostra como o filósofo abandonou a *teoria da figuração* em nome de uma noção de linguagem ancorada nos usos, nos “jogos’ que os falantes desenvolvem ao porem a linguagem em funcionamento” (p. 36). Esses jogos seriam governados por regras que, segundo afirma, “poderiam ser vistas como ‘consensos de formas de vida’, em oposição a ‘consensos de opinião’” (p. 38), isto é, as regras dos jogos de linguagem seriam estabelecidas coletivamente, mas não deliberadamente; na prática dos jogos é que se constituiriam as regras.

Costa salienta que é a concepção de linguagem subjacente à proposta dos jogos que realmente se destaca no pensamento wittgensteiniano. Para a autora, a proposta implica muito mais do que dar atenção aos contextos de uso. Valendo-se de uma das afirmações básicas de Wittgenstein, ela lembra que os usos constituiriam *formas de viver*. “Entre as formas de viver e a linguagem, existem ‘laços mutuamente constitutivos’. [...] A linguagem é parte da própria realidade, não apenas uma ferramenta usada para projetar essa realidade” (COSTA, 2007, p. 39).

De fato, ao afirmar ser o significado de uma palavra seu uso na linguagem, Wittgenstein II ([1958] 1996) extrapola a preocupação com implicações circunstanciais de ocorrências linguísticas; ao postular os jogos como atividades situadas de que participamos construindo sentidos de modo colaborativo, o autor concebe a linguagem como uma forma de vida.

Na variedade, na contingencialidade e na regularidade dos jogos, a linguagem ou as “linguagens” acontece(m). Para o filósofo, linguagem “não é a unidade formal

---

<sup>11</sup> “in general the locutionary act as much as the illocutionary is an abstraction only : every genuine speech act is both” (AUSTIN, 1962, p. 152).

<sup>12</sup> “the meanings of words” (AUSTIN, 1962, p. 100).

<sup>13</sup> “the occasion of an utterance” (AUSTIN, 1962, p. 100).

imaginada por mim, mas a família de estruturas mais ou menos aparentadas entre si” (p. 70, § 108). Nesse sentido, o autor critica “a tendência de supor um ser intermediário puro entre o signo proposicional e os fatos” (p. 67, § 94), argumentando ser insustentável a ideia de encontrar regras rígidas e claras que orientem a construção da linguagem real e comparando tal intento ao inexecutável propósito de reconstruir com os dedos uma teia de aranha destruída. Propondo uma abordagem capaz de lidar com os problemas filosóficos coerente com essa visão, Wittgenstein sustenta que:

Os jogos de linguagem estão aí muito mais como *objetos de comparação*, os quais, por semelhança e dissemelhança, devem lançar luz nas relações de nossa linguagem. Seremos capazes de escapar da injustiça ou do vazio de nossas asserções, somente na medida em que consideramos o modelo como aquilo que é, como objeto de comparação - por assim dizer, como medida; e não como preconceito ao qual a realidade *tem que* corresponder” (p. 75-76, § 130-131, grifos do autor).

O pioneirismo de Wittgenstein na desconstrução da tradição representacionista o situa, segundo a Costa (2007), como o grande representante da *virada pragmática*. A autora ressalta, apoiada em Araújo (2004), o impacto dessa concepção de linguagem inextricavelmente entrelaçada às *formas de vida* para a evolução do conceito de referência: “a referência, longe de ser um fenômeno dependente das condições de verdade das proposições, passa [...] a ser compreendida como emergindo dos consensos que se estabelecem entre os falantes” (COSTA, 2007, p. 39-40).

### **1.3. A referência como uma noção de base sociocognitivista**

Vimos até aqui que, tanto na Linguística como na Filosofia, o advento da enunciação provocou o rompimento com as teorias clássicas da referência, ancoradas na noção de que a linguagem representa a realidade ou o pensamento. Acontece que, segundo Cardoso (2003), a tese de que não há um real autônomo, que independe dos nossos discursos, passa a ser levada ao extremo por algumas correntes da atualidade. A esse período, ela propõe dar o nome de terceiro deslocamento.

De acordo com as correntes pós-modernistas e antirrealistas, que figuram entre os protagonistas desse terceiro movimento identificado por Cardoso, “a linguagem nunca *reflete* nada, ela apenas *significa*, dado que aquilo que chamamos de “realidade” é um construto de nossos discursos” (CARDOSO, 2003, p. 116). Pertinentemente, a autora adverte que, enquanto essas correntes aboliram o referente sob a alegação da inexistência de uma relação causal entre a linguagem e o mundo, o senso comum continua legitimando imperturbavelmente a ideia de que aquilo que dizemos representa as coisas de nosso cotidiano.

Como demonstra, não é apenas o senso comum que resiste a esse relativismo exacerbado. A autora afirma que muitos autores, embora não aceitem mais a concepção de linguagem como espelho do real, criticam o antirrealismo radical, defendendo o “‘real’ como o conjunto específico de práticas que oferecem a *razão* (não a *causa*) para o que se diz e que constituem seu referencial” (p. 119, grifos da autora).

Sobre a questão, Marcuschi (2007) argumenta que a negação de um realismo metafísico “não significa que não se aceite a existência da realidade externa, nem significa assumir um ‘para mim’ ou um ‘para nós’ como medida do real” (p. 90). Trata-se, pois, de uma perspectiva que “reconhece que o mundo existe e que a mente é inseparável do mundo em sua materialidade e em sua história: de fato, a mente é parte do mundo e, nesta condição, não o representa, mas atua nele, e o transforma ao transformar-se” (SALOMÃO, 2005, p. 165).

Como sugere Cardoso (2003), o signo ideológico de Voloshinov é o que ampara da melhor maneira esse posicionamento. “Trata-se de **um signo que garante**, ao mesmo tempo, **a representação** de um terceiro termo ou referente (movimento de ida) e **a refração** do referente, ou a constituição de significados pelo próprio signo (movimento de volta)” (CARDOSO, 2003, p. 119, grifos nossos). De acordo com essa concepção, é a própria prática da representação que molda a realidade.

Ao discutir em que medida a língua conforma-se à realidade, Bakhtin/Voloshinov ([1929] 2006) faz distinção entre *identificação* e *descodificação* e entre *sinal* e *signo*, assinalando que apenas o *sinal* poderia ser identificado, pois, dotado de conteúdo imutável, ele não reflete nem refrata; ocorre que, desde o processo de aquisição da linguagem, o componente de *sinalidade* já seria absorvido na forma

linguística pela nova qualidade de *signo*<sup>14</sup>. Este, por sua vez, “remete a algo situado fora de si mesmo” (p. 29), mas, inseparável de seu conteúdo ideológico, apresenta caráter refratário e deformador.

Também endossando uma abordagem que concilia o antirrepresentacionismo e o reconhecimento da existência de um mundo extramental, Marcuschi (2007) sustenta que a linguagem não é uma categoria ontológica, mas epistêmica. Não construímos com ela o mundo, mas o saber sobre mundo. E esse saber “é uma **fabricação socialmente elaborada** (mediante atividades coletivas) e linguisticamente **comunicada (com mecanismos textuais estabilizados em instrumentos semiológicos supraindividuais)**” (MARCUSCHI, 2007, p. 90, grifos nossos). A noção de “referenciação”, preferida por Mondada e Dubois (2003) em detrimento da de “referência”, incorpora, a nosso ver, justamente esse modo de conceber a fabricação de nossas versões sobre o mundo como uma atividade de construção colaborativa dos referentes, os quais, por não corresponder aos *objetos do mundo*, são recategorizados pelas autoras como *objetos do discurso*.

O que é significativo nessa proposta, como aponta Marcuschi (2007), é que a noção de construção colaborativa remete não apenas ao partilhamento, mas à negociação dos sentidos. Pensar o sentido como instância sancionável na interação implica, primeiramente, abandonar de uma vez as teorias correspondentistas da referência; significa, além disso, conforme nosso entendimento, admitir o sociocognitivismo como hipótese-guia de nosso processo de conceptualização do mundo. Segundo Salomão (2005), a hipótese sociocognitiva indica que “não há cesura entre linguagem e mundo” (p. 165).

O mundo (para nós que o percebemos ou o conceptualizamos) é também sinal; há, portanto, uma continuidade essencial entre linguagem, conhecimento e realidade que não as reduz entre si, mas as redefine em sua fragmentária identidade (como realidade, ou como conhecimento, ou como linguagem), segundo as necessidades locais da interação humana. Assim, a “realidade” pode ser focalizada como “conhecimento” (obviamente, não há conhecimento que recubra, ou

---

<sup>14</sup> O argumento usado por Bakhtin/Voloshinov para demonstrar como o sinal e a identificação, apesar de existirem, são apagados na língua materna, é o de que “no processo de assimilação de uma língua estrangeira, sente-se a ‘sinalidade’ e o reconhecimento, que não foram ainda dominados: a língua ainda não se tornou língua”. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 95).

substitua, a realidade). Do mesmo modo, o “conhecimento” pode assomar como “linguagem” [...] Seja qual for o status ontológico que atribuamos à informação focada, é sempre de semiose que se trata quando geramos configurações cognitivas (SALOMÃO, 1999, p. 70-71).

Ao postular essa continuidade entre as semioses, Salomão (1999) afirma que *comunicação do mundo e conceptualização do mundo* também se misturam; são *representações dramáticas*. A interessante noção de “representação como drama”, oferecida pela autora a partir do ponto de vista de Goffman<sup>15</sup>, é erguida sobre a pressuposição de que a construção do sentido se dá mediante a assunção de determinada perspectiva sobre uma cena; através da inserção do interactante em um *frame* particular; por meio da encenação de um papel comunicativo específico. “Cabe destacar que, por relevante que seja para o êxito da interlocução o prévio estabelecimento das identidades dramáticas, a definição das molduras comunicativas processa-se como contínuo reenquadramento” (SALOMÃO, 1999, p. 72).

Para a autora (1997), noção de enquadre é fundamental para a compreensão do caráter notadamente dinâmico do contexto. Ao defender como premissa teórica esse dinamismo, Salomão critica o fato de que muitas abordagens reduzem o contexto a um conjunto de elementos estáticos e sustenta que ele deve ser “entendido como modo-de-ação, constituído socialmente, sustentado interativamente e temporariamente delimitado” (p. 5). Dessa forma, para lidar com as diversas semioses que operam na configuração do contexto, a autora (1999) considera necessário recorrer à noção de foco. As instruções semiológicas, inclusive as verbais, seriam focadas variavelmente, conforme o centro da atenção comunicativa numa dada situação. Embora reconheça que o sinal linguístico ocupe muitas vezes esse centro, Salomão salienta que muito frequentemente outras pistas, como tom de voz, expressões faciais, implicações de modelos cognitivos idealizados, assumem esse papel. Demonstra que esses elementos

---

<sup>15</sup> Sobre essa questão, ver Goffman (1959), que propõe a representação dramática como uma perspectiva privilegiada de análise sociológica das relações cotidianas, e Goffman ([1974] 1986), que explora a organização da experiência pelos indivíduos em suas interações sociais, sustentando a ideia de que “qualquer evento pode ser descrito em termos de um foco que inclui um trilho que tanto pode ser largo como estreito e [...] em termos de um foco que pode ser próximo como também distante” (p.8) (“any event can be described in terms of a focus that includes a wide swath or a narrow one and [...] in terms of a focus that is close-up or distant” (p. 8)), a depender dos diferentes papéis assumidos pelos participantes em uma atividade.

estão de tal modo imbricados, entre si e com o sinal linguístico, que se torna impraticável procurar limites bem definidos entre as diversas semioses. Assim, os fluxos de atenção por elas convocados provocariam na situação comunicativa a constante redefinição do enquadre.

Consideramos que o fato de não ser a cognição uma dimensão puramente mental, mas um fenômeno socialmente situado, é que provoca esse reenquadramento contínuo. Conforme lembra Marcuschi (2007), “toda nossa ação discursiva é um conjunto de inserções sociocognitivas que permitem operar sobre a realidade” (p. 100). E no modo como operamos impõe-se, segundo o autor, uma condição fundamental, isto é, tudo o que dizemos é mediado por categorias ou conceitos. Endossando a teoria da coerência de Davidson, para quem a verdade e o conhecimento são construções discursivas erguidas com base na coerência entre nossas crenças, Marcuschi critica as abordagens que tratam das categorias com base na noção de representação, como se fossem fixas e estáveis, e argumenta que elas “constituem-se no processo intersubjetivo de pelo menos duas mentes convergindo sobre a melhor forma de construir uma dada proposição diante do mundo. E nisto surge uma relação de coerência de duas posições sobre um dado fenômeno” (p. 136).

Entendemos que é exatamente dessa condição, de mediar o que diz por categorias, que o protagonista de *A maçã no escuro* procura se desvencilhar para pôr em prática seu projeto de reinvenção da linguagem convencional, como parece indicar o exemplo a seguir:

- (1) **Essa cautela que uma pessoa tem de transformar a coisa em algo comparável e então abordável, e, só a partir desse momento de segurança, olha e se permite ver porque felizmente já será tarde demais para não compreender — essa precaução Martim perdera.** E não compreender estava de súbito lhe dando o mundo inteiro. Que era inteiramente vazio, para falar a verdade. Aquele homem rejeitara a linguagem dos outros e não tinha sequer começo de linguagem própria. (LISPECTOR, 1998c, p. 34, grifos nossos).

Na verdade, o personagem, na visão do narrador onisciente, experimenta um estado possível apenas na ficção. Perder a “cautela que uma pessoa tem de transformar a coisa em algo comparável e então abordável” constitui uma façanha dificilmente

alcançável no exercício de nossa atividade cognitiva, uma vez que o olhar que lançamos sobre o mundo é inevitavelmente mediado.

Por serem elaboradas de modo cooperativo no processo de interlocução, as categorias são, de acordo com Marcuschi (2007), muito mais modelos sociais do que modelos mentais. Sabemos que esses modelos, erigidos por meio de atividades complexas, adquirem historicamente uma estabilidade relativa. Entretanto, lembramos, com Mondada e Dubois (2003), que as categorias são, na verdade, dotadas de uma instabilidade constitutiva. Assim como Salomão (1999), as autoras se apoiam no ponto de vista de Goffman para afirmar que, “quando um contexto discursivo é reenquadrado, as categorias podem ser reavaliadas e transformadas [...] A variação e a concorrência categorial emergem notadamente quando uma cena é vista de diferentes perspectivas, que implicam diferentes categorizações” (MONDADA E DUBOIS, 2003, p. 25).

É nesse movimento oscilante e contínuo entre a instabilidade e a estabilidade que podemos situar os fenômenos da categorização e recategorização. O que não podemos perder de vista é que os processos de estabilização são intersubjetivos, culturais e sociais. Como alerta Blikstein ([1983] 2003), não vemos o mundo a olho nu; nosso sistema perceptual, por ser aparelhado de uma *prática social* ou *práxis*, é interpelado por estereótipos; o único modo de enxergarmos a realidade é, pois, com *óculos sociais*.

O protagonista da obra de Lispector, desejando captar o mundo diretamente com a retina, empreende um caminho tortuoso, o qual oscila entre a negação da indicialidade da linguagem como condição constitutiva, atitude que alimenta a utopia da concepção de uma semiose privada e transparente, e o reconhecimento da dimensão discursiva da referência. Acreditamos que o quadro teórico que construímos aqui constitui um ponto de partida para nos guiar na compreensão da relação que se insinua entre a trajetória conflituosa desse personagem e o rumo que tomaram os estudos sobre a referência.

## 2. CONSTRUINDO A COMPREENSÃO DO PROBLEMA

[...] dizemos aos indecisos, Começar pelo princípio, como se esse princípio fosse a ponta sempre visível de um fio mal enrolado que bastasse puxar e ir puxando até chegarmos à outra ponta, a do fim, e como se, entre a primeira e a segunda, tivéssemos tido nas mãos uma linha lisa e contínua em que não havia sido preciso desfazer nós nem desenredar estrangulamentos, coisa impossível de acontecer na vida dos romances, e, se uma outra frase de efeito é permitida, nos romances da vida.

José Saramago

Tendo em vista nosso objetivo geral, de investigar a possível relação entre o discurso presente na obra de Clarice Lispector *A maçã no escuro* e a trajetória conceitual da referência, identificamos em nossa pesquisa um caráter eminentemente teórico. Apesar de buscarmos examinar possíveis pontos de contato entre uma teoria linguística e uma obra literária, não temos a intenção de aplicar ou construir modelos; almejamos, em vez disso, de um lado, aprofundar-nos no estudo do romance de Clarice; de outro lado, tomá-lo como espaço por excelência para explorar com atenção os pressupostos que fundamentam a teoria da referência.

### 2.1. *A maçã no escuro*

Escrito nos anos 50 e publicado em 1961, o romance trata-se de uma narrativa em que a autora aborda mais uma vez a temática da linguagem. Sendo um tópico fortemente presente no conjunto da obra de Lispector, em *A maçã no escuro*, a linguagem parece ocupar o centro do próprio enredo. Por um narrador onisciente, conhecemos a história do protagonista Martim. Acreditando que cometera um assassinato, o personagem empreende uma fuga improvisada e uma ruptura radical com tudo que possa representar vínculo com seu passado. O crime seguido da ruptura é para Martim o pontapé inicial, e absolutamente necessário, para a reconstrução do mundo e de si. Curiosamente, o personagem compreende que tal reconstrução dar-se-ia pela linguagem. É assim que ele decide abandonar a linguagem automatizada, a linguagem

alheia, convencional, a qual considera falsa e pernicioso, e, ambiciosamente, decide inaugurar uma linguagem capaz de exprimir a realidade sem deformá-la. A narrativa é estruturalmente dividida em três partes: *Como se faz um homem*; *Nascimento do herói*; *A maçã no escuro*.

A primeira parte se inicia com a estada angustiada do fugitivo no hotel do alemão<sup>16</sup>, onde buscara abrigo. Temendo ser descoberto, o aflito Martim retoma, na escuridão da noite, sua fuga. Alcançando o vazio de um planalto já sob a luz extasiante do sol, o homem experimenta, aos poucos, em sua obstinada caminhada a nova condição: “— Você não sabe mais falar?!’ [...] — Não sei mais falar, disse então para o passarinho, evitando olhá-lo por uma certa delicadeza de pudor. Só depois pareceu entender o que dissera, e então olhou face a face o sol. ‘Perdi a linguagem dos outros’, repetiu então bem devagar...” (LISPECTOR, 1998c, p. 31). Por ocasião do confuso sermão que Martim faz às pedras no descampado, o narrador revela o que era a linguagem para o personagem: “aquele homem nunca tivera auditório, por estranho que parecesse. É que nunca se lembrara de organizar sua alma em linguagem, ele não acreditava em falar — talvez com medo de, ao falar, ele próprio terminar por não reconhecer a mesa sobre a qual comia” (p. 41). A caminhada de Martim tem fim quando o homem chega à fazenda de Vitória, onde “ele todo tentou se tornar apenas orgânico” (p. 41). O personagem passa a trabalhar na fazenda e, num esforço por se tornar primitivo, confunde-se, enfim, naturalmente, com a terra e com os bichos do sítio, “ele que não tinha uma palavra a dizer. E que não queria falar nunca mais. Ele que em greve deixara de ser uma pessoa. No seu terreno, ali sentado, ficava gozando o vasto vazio de si mesmo. Esse modo de não entender era o primeiro mistério de que ele fazia parte inextricável” (p. 82).

A segunda parte do romance tem início quando o protagonista volta a reconhecer em si uma pessoa. Restava redescobrir agora o mundo. “Na luz da manhã pareceu-lhe simples assim: quando o mundo estivesse refeito dentro dele, ele então saberia agir. E sua ação não seria a ação abstrata do pensamento, mas a real. [...] No primeiro dia, pois, ele pediu de si mesmo apenas a objetividade” (p. 139). Estonteado com a grandiosa tarefa de que se incumbira, a tarefa de reconstruir, Martim se perde, sem saber como “começar pelo começo primeiro” (p. 141). Numa noite, tendo compreendido afinal o

---

<sup>16</sup> Ao “alemão” não é atribuído outro nome na narrativa.

que queria, munido dos óculos, do lápis e do papel, “assim como aprendera a calcular com números, dispôs-se a calcular com palavras” (p. 170). Experimentando o dissabor de ser sucessivamente derrotado pelo branco do papel, “pela primeira vez, teve alívio de não ser tarefa sua a criação do mundo: pois na sua construção ele se via de repente como um homem que tivesse construído um quarto sem porta e ficasse preso dentro” (p. 182).

Na última parte da obra, Martim desconfia de que seus dias na fazenda estão perto do fim. Mesmo pressentindo que fora ou estava a ponto de ser denunciado, o personagem não vê a fuga como alternativa porque ainda era preciso que alguma coisa se cumprisse. A verdade é que, a essa altura, Martim já não sabia ao certo o que exatamente tinha de realizar. O temor resignado de ser finalmente capturado vai dando lugar ao desespero e, na loucura de seu medo, ele passa a reconhecer a inexecutabilidade do plano idealizado *a priori*. “Se tinha encetado uma tarefa de homem, agora parecia-lhe que havia mexido em coisas em que não se mexe: ele tocara de perto demais a ilusão” (p. 219). Acontece que é exatamente quando desiste, quando se imagina vencido, que Martim, olhando os campos transformados da fazenda, compreende que “havia um modo de entender que não carecia de explicação [...] Martim já não pedia mais o nome das coisas. Bastava-lhe reconhecê-las no escuro [...] Depois, quando saísse para a claridade, veria as coisas pressentidas com a mão, e veria essas coisas com seus falsos nomes” (p. 295). O personagem, que estreara frustrado com a linguagem e imbuído do desejo de reformulá-la, chega ao fim da narrativa com outra proposta. Assim como Wittgenstein II (1996) reconhece que a Filosofia não deve “tocar o uso real da linguagem” (p. 74, § 124), deixando “tudo como é” (p. 74, § 124), Martim jurou escrever na prisão um livro em que teria “a coragem de deixar inexplicado o que é inexplicável” (LISPECTOR, 1998c, p. 319).

## 2.2. Procedimentos metodológicos

A coleta e organização dos dados envolveram sucessivas leituras do romance, o que alterou, naturalmente, nosso olhar sobre a trajetória de Martim. Inicialmente, supúnhamos existir no percurso do protagonista uma transformação constituída na

passagem de uma postura essencialista/representacionista a um olhar mais relativista, construtivista e interacionista sobre o mundo, as atividades humanas e a linguagem; depois, compreendemos que a tensão está presente do começo ao fim na narrativa. O narrador onisciente é de fundamental importância na construção dessa tensão. Ele desempenha o papel de “advogado do diabo”, fazendo Martim se debater entre a crença numa essência inalcançável, inacessível pela linguagem convencional, o que motiva sua ambição pela criação de uma outra, e a ciência de uma realidade moldável pela linguagem.

A consciência que adquirimos de ser essa tensão tão onipresente na obra, mesmo após seu desfecho, provocou a necessidade de modificar as categorias que havíamos construído de início, as quais chamáramos de *fases*. Se por um lado estivéramos sempre a par da não linearidade do processo vivenciado pelo protagonista, por outro, ao designar tais categorias, levantávamos inevitavelmente a ideia de etapas evolutivas. Não sendo essa nossa intenção, pareceu-nos mais coerente dar atenção aos objetivos e às crenças que consideramos pertencer ao personagem no desenrolar de seu conflito e construir nossas categorias com base nesses elementos.

Nosso primeiro passo, antes mesmo de nascerem as novas categorias, foi destacar, numa cópia digital da obra, trechos que identificamos como remetentes à tríade *cognição, linguagem e referência*. Em seguida, examinando nosso quadro de hipóteses, questões e objetivos, percebemos que, como nossas primeiras indagações consistiam em saber se o conflito desenvolvido no romance guardava semelhanças com a tensão paradigmática em torno da representação na linguagem e se poderíamos encontrar na postura inicial do protagonista traços associáveis ao essencialismo/representacionismo, seria plausível construir categorias em que definíssemos tais semelhanças e traços. Pensamos que as crenças conflitantes que o narrador nos permite observar nas atitudes de Martim e os objetivos que o personagem apresenta ao longo do romance servem muito bem a esse propósito. Assim, num primeiro momento, estabelecemos como categorias aquilo que parece ser o objetivo geral de Martim: *Reconstruir o mundo*, seguido do que poderíamos considerar seus objetivos específicos: *Reconstruir o mundo pela linguagem; Abandonar a linguagem convencional; Viver em um plano sensorial sem linguagem; Criar uma linguagem capaz de refletir a realidade; Criar uma linguagem privada*, e do que identificamos como suas

crenças: *Crença numa realidade abstrata, essencial, independente, corrompível pela linguagem; Crença numa linguagem capaz de transformar e construir em vez de refletir.*

Vale ressaltar que cada categoria foi se firmando somente à medida que fomos examinando os trechos destacados. Quando uma passagem parecia exemplificar determinado objetivo ou crença, estabelecíamos esse elemento como categoria; criávamos então um documento do *Word* e o nomeávamos com o título da categoria. Em seguida, íamos agrupando ali os diversos trechos que classificávamos como exemplos a ela pertinentes, indicando a página em que se encontravam na cópia digital. Assim, como não foram pré-concebidas, as categorias não nasceram ao mesmo tempo. Foram surgindo e sofrendo modificações à proporção que avançávamos no exame das passagens marcadas. Quando os arquivos do *Word* extrapolaram um certo número, o *Windows* deixou de permitir que os visualizássemos simultaneamente, dificultando nosso trabalho de classificação. Em razão disso, decidimos criar, num único documento do *Word*, um quadro que abrangesse todas as categorias, como é possível perceber na ilustração<sup>17</sup> a seguir. Apesar de ainda apresentar problemas, uma vez que as colunas do quadro<sup>18</sup> acabaram por ficar demasiadamente estreitas, essa estratégia apresentou a vantagem de permitir a visualização simultânea das categorias, o que era necessário à nossa atividade de organização dos dados.

Quadro ilustrativo com categorias e exemplos

<p>1. RECONSTRUIR O MUNDO</p>	<p>[...] o rádio e a mulher nada tinham a ver com a minuciosa raiva de um homem que provavelmente já tinha em si o fato de que um dia teria que começar pelo exato começo. (p. 20).</p>
-------------------------------	---

<sup>17</sup> Com o intuito de auxiliar a compreensão do leitor, apresentamos como ilustração uma versão adaptada do quadro, contendo apenas o primeiro exemplo situado em cada categoria e com *layout* horizontal.

<sup>18</sup> A versão original do quadro está contida no apêndice deste trabalho.

<p>2. RECONSTRUIR O MUNDO PELA LINGUAGEM</p>	<p>A culpa não o atingia mais. “Crime”? Não. “O grande pulo” — estas sim parecia palavras dele, obscuras como o nó de um sonho. (p. 26).</p>
<p>3. ABANDONAR A LINGUAGEM CONVENCIONAL</p>	<p>— Não sei mais falar, disse então para o passarinho, evitando olhá-lo por uma certa delicadeza de pudor. Só depois pareceu entender o que dissera, e então olhou face a face o sol. “Perdi a linguagem dos outros”, repetiu então bem devagar como se as palavras fossem mais obscuras do que eram, e de algum modo muito lisonjeiras. Estava serenamente orgulhoso, com os olhos claros e satisfeitos. (p. 21-22).</p>
<p>4. VIVER EM UM PLANO SENSORIAL SEM LINGUAGEM</p>	<p>Então o homem se sentou numa pedra, ereto, solene, vazio, segurando oficialmente o pássaro na mão. Porque alguma coisa estava lhe acontecendo. E era alguma coisa com um significado. Embora não houvesse um sinônimo para essa coisa que estava acontecendo. Um homem estava sentado. E não havia sinônimo para nenhuma coisa, e então o homem estava sentado. Assim era. O bom é que era indiscutível. E irreversível. É verdade que aquela coisa que lhe estava acontecendo tinha um peso a se suportar — ele bem reconheceu o peso familiar. Era como o peso dele próprio. Embora fosse alguma coisa ímpar: aquele homem parecia não ter mais nada equivalente a pôr no outro prato da balança. (p. 22).</p>
<p>5. CRIAR UMA LINGUAGEM CAPAZ DE REFLETIR A REALIDADE</p>	<p>Com o rosto batido pelo vento que logo passou a simbolizar alguma coisa, Martim viu embaixo os animais soltos no pasto. Desde que havia entendido as vacas, pela primeira vez se achava acima delas na encosta. E também isto lhe bateu no peito. <b>Com o coração batendo Martim então se lembrou inesperadamente de como um homem costuma ser: era como ele estava sendo agora! Numa sensação agonizante, ele se sentiu uma pessoa.</b> Martim estava de algum modo humilde, se era ser humilde o modo</p>

	<p>involuntariamente triunfante como estava montado num cavalo — o que lhe dava altura e espanto e determinação e visão mais larga. Nessa inesperada humildade ele pareceu reconhecer mais um sinal de que estava emergindo porque só os animais eram orgulhosos, e só um homem também era humilde.</p> <p><b>Também a essa coisa indefesa e no entanto audaciosa ele quis dar um nome, mas não existia.</b> (p. 110).</p>
<p>6. CRIAR UMA LINGUAGEM PRIVADA</p>	<p>A culpa não o atingia mais. “Crime”? Não. “O grande pulo” — estas sim pareciam palavras dele, obscuras como o nó de um sonho. (p. 26).</p>
<p>7. CRENÇA NUMA REALIDADE ABSTRATA, ESSENCIAL, INDEPENDENTE, CORROMPÍVEL PELA LINGUAGEM</p>	<p>E de tal modo, com perverso gosto, o homem se sentia agora longe da linguagem dos outros que, por um atrevimento que lhe veio da segurança, tentou usá-la de novo. E estranhou-a, como um homem que escovado sóbrio os dentes não reconhece o bêbedo da noite anterior. Assim, ao remexer agora com fascínio ainda cauteloso na linguagem morta, ele tentou por pura experiência dar o título antigamente tão familiar de “crime” a essa coisa tão sem nome que lhe sucedera. Mas “crime”? A palavra ressoou vazia no descampado, e também a voz da palavra não era sua. Então, finalmente convencido de que não seria capturado pela linguagem antiga, ele experimentou ir um pouco mais longe: sentira por acaso horror depois de seu crime? O homem apalçou com minúcia sua memória. Horror? e no entanto era o que a linguagem esperaria dele. (p. 25-26).</p>
<p>8. CRENÇA NUMA LINGUAGEM CAPAZ DE TRANSFORMAR E CONSTRUIR EM VEZ DE REFLETIR</p>	<p>Embora houvesse os que, apesar de maduros, tinham — “tinham como uma lepra a infância devorando o peito”.</p> <p><b>Esta última frase o homem disse com vaidade porque lhe pareceu que organizara com alguma perfeição as palavras. Certamente o que fez Martim experimentar essa perfeição foi o fato de suas palavras terem de algum modo ultrapassado o que</b></p>

	<p><b>ele quisera dizer. E, embora se sentindo ludibriado por elas, preferiu o que dissera ao que realmente pretendia dizer, por causa do modo muito mais certo como as coisas nos ultrapassam.</b> O que também lhe deu, no mesmo instante, uma impressão de fracasso; e de resignação ao modo como acabara de se vender a uma frase que tinha mais beleza que verdade. (p. 34).</p>
--	---

Os trechos que consideramos exemplificar mais de uma categoria foram situados em cada uma. Para que isso estivesse saliente no momento da análise, resolvemos marcar a repetição sombreando com a mesma cor o trecho duplicado ou triplicado, como é possível observar no apêndice deste trabalho. Na ilustração apresentada, decidimos remover o sombreado para não correr o risco de comprometer a leitura no texto impresso.

Identificamos nesse nosso percurso de construção metodológica semelhanças com o processo de raciocínio abduutivo. Ao discutir algumas abordagens sobre esse tipo de aproximação de um fenômeno, Leite (2007) apresenta a compreensão abduitiva como um movimento cujo primeiro passo envolve a formulação de hipóteses que, após testadas em uma fase exploratória, podem ser suspensas a partir de uma quebra de expectativa e reformuladas numa tentativa de adequação perceptual. Conforme o autor, “a abdução é uma ação intuitiva, mas, de algum modo, orientada em direção à compreensão de um fato ou fenômeno” (p. 156).

Em nosso trabalho, o confronto com os dados provocou o constante reajuste de nossas hipóteses. Estas, por sua vez, comportaram-se como lentes que alteravam nosso foco a cada olhar que lançávamos sobre aqueles. Esse movimento, quase circular, sem atar de pontas no entanto, progressivo, pareceu guiar não só a construção de nossa metodologia, mas todo o nosso processo de compreensão do problema e, curiosamente, a própria trajetória empreendida pelo protagonista de *A maçã no escuro*, em sua relação conflituosa com a linguagem, o pensamento e o mundo.

Consideramos a primeira categoria, *Reconstruir o mundo*, como uma espécie de objetivo geral de Martim porque percebemos que, além de os outros objetivos se assemelharem a modos mais específicos de alcançá-lo, as passagens que julgamos

pertinentes a ela se estendem por toda a narrativa. Todavia, quando avançamos até certo ponto no exame dos dados, eles começaram a oferecer muita resistência às categorias existentes; constatamos, portanto, que era preciso pensar em outras. Observamos que *Reconstruir o mundo*, dado o seu caráter de generalidade, até poderia englobar quase todas essas passagens a que nos referimos como resistentes, mas era necessário marcar, talvez com a criação de subcategorias, mais específicas, o teor dissidente que apresentavam em relação aos exemplos anteriormente situados na categoria. Voltando então a nosso quadro norteador mais uma vez, o quadro de hipóteses, questões e objetivos, verificamos que, se desejávamos analisar, à luz do sociocognitivismo, por que Martim enfrenta tantas dificuldades na execução do seu projeto de reconstrução e refletir sobre a mudança de percepção do personagem acerca do próprio desempenho, um e outro propósito deveriam motivar as subcategorias a serem construídas. Desse modo, inserimos em *Reconstruir o mundo* duas seções, as quais intitulamos: *Frustrações de um projeto de reconstrução* e *Epifanias de um projeto de reconstrução*. Na primeira, situamos os trechos que parecem indicar o fracasso do personagem na implementação de sua tarefa e, na segunda, as passagens que revelam as surpresas no desenrolar do conflito de Martim, quando ele se dá conta de que a reconstrução ocorreu, mesmo que de forma diversa da qual planejara.

Como uma parte das categorias foi motivada pelos objetivos do personagem, optamos por não nominalizá-las. Consideramos também que, ao manter as formas verbais, damos ênfase à ideia de processo, que caracteriza o percurso conflituoso de Martim. Assim, apenas as categorias inspiradas pelas colidentes crenças que alimentaram o projeto e as subcategorias, motivadas pelos desdobramentos a que levou a implementação dos objetivos, receberam formas nominais.

O trajeto metodológico que acabamos de descrever resultou na seguinte organização das categorias:

- **Reconstruir o mundo**
  - *Frustrações de um projeto de reconstrução*
  - *Epifanias de um projeto de reconstrução*
- Reconstruir o mundo pela linguagem

- Abandonar a linguagem convencional
- Viver em um plano sensorial sem linguagem
- Criar uma linguagem capaz de refletir a realidade
- Criar uma linguagem privada
- **Crença numa realidade abstrata, essencial, independente, corrompível pela linguagem**
- **Crença numa linguagem capaz de transformar e construir em vez de refletir**

Ao tecer a análise dos dados, os exemplos que selecionamos do quadro que organizáramos, os quais tinham sido extraídos a partir da cópia digital utilizada para a coleta, foram conferidos e sofreram pequenas correções de acordo com a edição impressa de que dispúnhamos. Assim, 43 dos 45 exemplos apresentados na análise<sup>19</sup> têm como referência a edição de *A maçã no escuro* de 1998, publicada pela editora Rocco. Vale acrescentar que são nossos todos os grifos que neles aparecem.

---

<sup>19</sup> Destacamos que entre os exemplos apresentados na análise há dois poemas de Alberto Caiero, cuja referência é a obra *Poemas completos / Fernando Pessoa*, publicada, em 2008, pela editora Nobel.

### 3. REFLETINDO SOBRE LINGUAGEM, COGNIÇÃO E REFERÊNCIA NO PERCURSO CONFLITUOSO DO PROTAGONISTA DE *A MAÇÃ NO ESCURO*

Tudo para nós está em nosso conceito do mundo; modificar o nosso conceito do mundo é modificar o mundo para nós, isto é, é modificar o mundo, pois ele nunca será, para nós, senão o que é para nós. Aquela justiça íntima pela qual escrevemos uma página fluente e bela, aquela reformação verdadeira, pela qual tornamos viva a nossa sensibilidade morta — essas coisas são a verdade, a nossa verdade, a única verdade. O mais que há no mundo é paisagem, molduras que enquadram sensações nossas, encadernações do que pensamos.

Fernando Pessoa

Neste capítulo, com base nas categorias de análise que construímos, tecemos algumas considerações sobre os dados com o apoio dos pressupostos que foram abordados em nossa fundamentação teórica, a saber, a discussão filosófica em torno das teorias de representação na linguagem, a trajetória conceitual do problema da referência nos estudos linguísticos e a hipótese sociocognitiva como base de apoio para a noção de referenciação.

Por nosso objeto tratar-se de um romance, apesar de não termos a intenção de adotar em nossa análise um viés propriamente literário, também julgamos importante verificar o que nos tinham a dizer os trabalhos que, de modo mais ou menos específico, abrangiam aspectos relacionados à literatura clariciana. Nossas pesquisas acerca de estudos desenvolvidos sobre *A maçã no escuro* e sobre outras obras de Clarice revelaram que uma ampla parcela trata do caráter existencialista, que parece ser a tônica da escrita da autora. De acordo com Nunes (1995), o conjunto de motivos que figuram,

repetidos de romance a romance ou de conto a conto: a *inquietação*, o *desejo de ser*, o *predomínio da consciência reflexiva*, a *violência interiorizada* nas relações humanas, a *potência mágica do olhar*, a *exteriorização da existência*, a *desagregação do eu*, a *identidade simulada*, o *impulso ao dizer expressivo*, o *grotesco* e/ou o *escatológico*, a *náusea* e o *descortínio silencioso das coisas* [...] remete-nos à unidade do pensamento comum que os engloba, e por onde passa a linha de continuidade temática da obra de Clarice

Lispector. A temática assim compreendida é uma temática marcadamente existencial (p. 100, grifos do autor).

Cientes da predominância desse ponto de vista, entendemos, todavia, que, em *A maçã no escuro*, para abordar tais questões existenciais, Clarice põe na mente e na boca do protagonista as dúvidas, os conflitos em torno do uso da linguagem, dos atos de referência. As reflexões do personagem explicitadas pelo narrador onisciente nos mostram como a reinvenção de si e da realidade envolve processos em que vemos delineados pontos de vista epistemológicos acerca da linguagem.

Ao propor a aproximação de ideias entre o *Tractatus* e os aspectos filosóficos de *A Paixão Segundo G.H.*, Pinto (2005) apresenta como justificativa o fato de que “em Clarice, a paixão e o drama da linguagem constituem o fio condutor principal e estão diretamente relacionados com o problema dos limites de nossa capacidade de expressão” (p. 63). A nosso ver, a centralidade da temática da linguagem em *A maçã no escuro* vai além dessa angústia engendrada pela inefabilidade do ser, que se manifesta em todos os romances e em muitos contos da autora. Nesse caso, o que alimenta a narrativa é, conforme entendemos, a problematização da atividade cognitiva que, como usuários de uma língua, exercemos sobre o mundo. Desse modo, o que nos interessa no drama de Martim, no contexto do teor existencialista que ele abriga<sup>20</sup>, é discutir as reflexões epistemológicas em torno da linguagem que a autora consegue forjar por meio da figura do protagonista. Nesse sentido, aproveitamos os objetivos do projeto de Martim para compor, inicialmente, a linha condutora de nossa análise; principiamos com seu objetivo geral: reconstruir o mundo.

### 3.1. Reconstruir o mundo

---

<sup>20</sup> Acreditamos que o existencialismo em *A maçã no escuro*, o qual aparece sobretudo no intuito que carrega o protagonista de recriar a própria existência, conduz necessariamente à preocupação com a linguagem e a seus desdobramentos. Assim como na história da filosofia, conforme explica Costa (2007), as especulações cosmológicas e ontológicas levam à problematização do próprio conhecimento (virada epistemológica) e da comunicação desse conhecimento (virada linguística), a reinvenção do mundo e de si almejada por Martim motiva seu anseio de, como os lógicos, reformar a linguagem. Do mesmo modo que o reducionismo lógico cede lugar à noção de que “a realidade é algo dinâmico que emerge com nossas práticas sociais, entre as quais estão os diversos usos da linguagem” (p. 23) (virada pragmática), o anseio do personagem abre espaço para a reflexão sobre o papel dos atos de referir na construção do conhecimento sobre o ser e sobre o mundo.

Logo no início do romance, o narrador de *A maçã no escuro* nos permite saber o grande intento do protagonista Martim: abolir o conjunto de relações automatizadas que, de acordo com sua percepção, faziam do mundo algo falso e abstrato, uma sucessão de imitações, e recriá-lo, inaugurando um mundo autêntico. Cedo, ficamos sabendo também que o personagem já dera o primeiro passo para a implementação de tão ambicioso projeto: **“Imaginem uma pessoa — continuou então — que não tinha coragem de se rejeitar: e então precisou de um ato que fizesse com que os outros a rejeitassem, e ela própria então não pudesse mais viver consigo”** (LISPECTOR, 1998c, p. 38, grifos nossos). Tal ato, como ficamos sabendo mais tarde, foi a tentativa de assassinato da esposa.

No sermão que oferece às pedras, Martim dá ao crime o nome “ato de cólera”:

- (2) Imaginem, recomeçou então inesperadamente quando estava certo de que nada mais tinha a lhes dizer, **imaginem uma pessoa que tenha precisado de um ato de cólera**, disse para uma pedra pequena que o olhava com um rosto calmo de criança. **Essa pessoa foi vivendo, vivendo; e os outros também imitavam com aplicação.** Até que a coisa foi ficando muito confusa, sem a independência com que cada pedra está no seu lugar. **E não havia sequer como fugir de si porque os outros concretizavam, com impassível insistência, a própria imagem dessa pessoa: cada cara que essa pessoa olhava repetia em pesadelo tranquilo o mesmo desvio.** (p. 37-38).

Há na fala do personagem a denúncia sobre a falta de autenticidade e a automatização presentes no mundo que, com o crime, ele quisera extinguir. A ideia da imitação, repudiada por Martim, impulsiona sua partida em busca de uma nova realidade, na qual a verdade, a essência das coisas, não se perdesse. Percebemos aqui que o ponto de vista de Martim muito se assemelha ao de Platão, para quem as coisas do mundo têm uma essência própria, permanente e estável. No diálogo *Crátilo*, na fala de Sócrates, Platão responde à obra *A verdade de Protágoras*, segundo a qual a verdade teria um valor apenas individual, uma vez que a sensação seria a medida de todas as coisas, posicionando-se em favor de uma noção de verdade absoluta, essencial:

SÓCRATES.— Logo, a mim parece que estás completamente persuadido de que, uma vez que existe uma sabedoria e uma insensatez, é completamente impossível que Protágoras tenha razão. Com efeito, um homem não poderia nunca ser mais sábio que outro, se a verdade não fosse para cada um mais do que aquilo que lhe parecesse. [...] Não cabe a menor dúvida de que os seres têm em si mesmos uma essência fixa e estável; não existem com relação a nós, não dependem de nós, não variam de acordo com nossa maneira de ver, mas existem em si mesmos, segundo a essência que lhes é natural<sup>21</sup> (PLATÃO, s.d., p. 5).

Reconstruir o mundo de modo a torná-lo verdadeiro é, pois, a tarefa que o protagonista se propõe após seu ato inaugural. E mesmo desconfiando de que o que vivenciara não passara de uma ação impulsiva e inconsequente, logo se convence da legitimidade daquele ato como marco inicial, concretização da etapa primeira de seu grandioso trabalho:

- (3) Bem que lhe ocorreu que estava invertendo o que acontecera. Que não cometera um crime para se dar a oportunidade de saber o que um homem quer — essa oportunidade nascera casualmente com o crime. Mas procurou ignorar o incômodo sentimento de mistificação: ele precisava desse erro para ir adiante, e usou-o como instrumento. E, voluntariamente passando ao largo de sua confusão, o homem tentou enfim se abordar. Com um suspiro, abordou-se em termos claros e pensou assim: Que não cometera um crime vulgar. **Pensou que com esse crime executara o seu primeiro ato de homem. Sim. Corajosamente fizera o que todo homem tinha que fazer uma vez na sua vida: destruí-la. Para reconstruí-la em seus próprios termos. Fora isso então o que ele quisera com o crime?**” Seu coração bateu pesado, irredutível, iluminado de paz. Sim, para reconstruí-la em seus próprios termos. (p. 129-130).

É claro que o esforço empregado para se convencer da suposta legitimidade não é ignorado por Martim. Mas isso não o incomoda. Ao contrário, ao se dar conta de que sua experiência não era crua, mas elaborada, construída por ele de acordo com os próprios propósitos, o personagem passa a admitir que a verdade que persegue poderia

---

<sup>21</sup> SÓCRATES.— Luego, a mi parecer, estás completamente persuadido de que, puesto que existe una sabiduría y una insensatez, es completamente imposible que Protágoras tenga razón. En efecto, un hombre no podría nunca ser más sabio que otro, si la verdad no fuera para cada uno más que lo que le parece. [...] no cabe la menor duda de que los seres tienen en sí mismos, una esencia fija y estable; no existen con relación a nosotros, no dependen de nosotros, no varían a placer de nuestra manera de ver, sino que existen en sí mismos, según la esencia que les es natural (PLATÓN, s.d., p. 5).

ser uma verdade inventada, o que não teria importância, e até validaria seu projeto como ato autêntico:

- (4) Agora que emergira até chegar ao ponto de homem na encosta, agora que emergira até entender seu crime e saber o que desejava — ou até ter inventado o que se passara com ele e inventado o que desejava? **que importava se a verdade já existia ou se era criada, pois criada mesmo é que valia como ato de homem** — agora que ele conseguira se justificar, tinha de prosseguir. E conseguir antes do fim próximo a — a reconstrução do mundo. (p. 135).

Percebemos, nessa passagem, um questionamento do protagonista sobre o conceito de verdade. Lembremos com Martins (2004) que, sob o paradigma sustentado pelos sofistas, não é nítida a distinção entre o falso e o verdadeiro, pois este último seria um produto do discurso, e não um modelo, um padrão ideal e abstrato. Martim admite a possibilidade de ser a verdade construída e não essencial, revelando a presença de uma tensão entre os paradigmas essencialista e relativista de leitura do real. Se, de um lado, a busca pela verdade, por uma essência primeira que, num mundo automatizado, estaria comprometida pela imitação, é o que inspira seu projeto de reconstrução, de outro lado, a verdade elaborada do personagem é que se configura como ponto de partida para a execução do plano audacioso.

Observamos outro indício dessa tensão no próprio modo com que Martim concebe a reconstrução. Para o protagonista, o único modo de realizar sua tarefa seria pelo que considerava o “exato começo” (LISPECTOR, 1998c, p. 30; 139): “se quisesse ser leal para com a própria necessidade, não poderia enganá-la: tinha que começar pelo começo primeiro” (p. 141).

Esse ponto primordial ao qual teria de retornar se desejasse concretizar a reconstrução só seria alcançado pela negação da linguagem convencional, a linguagem dos outros: “Sua obscura tarefa seria facilitada se ele se concedesse o uso das palavras já criadas. Mas sua reconstrução tinha de começar pelas próprias palavras, pois palavras eram a voz de um homem” (p. 131).

O personagem compreende, pois, que apenas pela linguagem ele seria capaz de reconstruir o mundo. Essa compreensão nos permite constatar, apoiando-nos nas

contribuições dos teóricos da linguagem que procuraram se distanciar de uma visão representacionista, como Austin, que aponta a importância do fato de transformarmos o mundo através de nossa ação com a linguagem e Wittgenstein II, para quem, linguagem e realidade são instâncias mutuamente constitutivas, que o projeto de Martim, embora inspirado por uma noção que, como vimos, muito se aproxima do essencialismo, também se distancia dessa concepção.

Esse movimento pendular incorpora o conflito paradigmático que há muito alimenta a discussão que se ergue em nossas tentativas de entender o que é o mundo, o quanto a ele temos acesso e como o que dizemos sobre ele relaciona-se ao que ele é e a esse esforço cognitivo que sobre ele empregamos.

A categoria de que trataremos na próxima seção está diretamente relacionada a essa compreensão de Martim. É o que, como explicamos em nossa metodologia, consideramos o primeiro objetivo específico idealizado pelo personagem para o alcance de seu intuito geral, a reconstrução do mundo.

### 3.1.1. Reconstruir o mundo pela linguagem

Ao planejar a ambiciosa reconstrução, Martim percebe, muito oportunamente, que a linguagem é o lugar da transformação, pois, para fabricar sua verdade, era preciso abrir mão das palavras alheias. “A culpa não o atingia mais. ‘Crime’? Não. ‘O grande pulo’ — estas sim pareciam palavras dele, obscuras como o nó de um sonho” (LISPECTOR, 1998c, p. 36). Assim, logo após o grande pulo, o personagem já parece entender a linguagem como dimensão constitutiva do real e não como simples instrumento de expressão:

- (5) Depois do que, Martim recomeçou mais devagar e procurou pensar com muito cuidado pois a verdade seria diferente se você a dissesse com palavras erradas. Mas se você a disser com as palavras certas, qualquer pessoa saberá que aquela é a mesa sobre a qual comemos. De qualquer modo, **agora que Martim perdera a linguagem, como se tivesse perdido o dinheiro, seria obrigado a manufaturar aquilo que ele quisesse possuir. Ele se lembrou de seu filho que lhe dissera: eu sei por que é que Deus fez o rinoceronte, é porque Ele não via o**

**rinoceronte, então fez o rinoceronte para poder vê-lo. Martim estava fazendo a verdade para poder vê-la.** (p. 40).

Observamos nessa passagem um posicionamento que se distancia do representacionismo, pois, o narrador nos mostra que, em vez de atribuir às palavras o papel de expressar entidades autônomas, o protagonista as compreende como elementos imbricados na própria configuração do conjunto de coisas, ações e crenças que compõem o mundo. Identificamos em tal postura forte proximidade com o ponto de vista wittgensteiniano em sua segunda fase, uma vez que “Wittgenstein repudia justamente a ideia de que a linguagem e a realidade são dois domínios discretos, autocontidos, havendo a necessidade de uma “ponte” para interligá-los” (MARTINS, 2000, p. 38).

Por outro lado, ter a pretensão de, pela linguagem, transformar o mundo parece ser, para o protagonista, fruto de sua insatisfação com a linguagem convencional. Martim demonstra crer que, com o sucesso de seu projeto, encontraria o signo supostamente perfeito, capaz de refletir a realidade sem deturpá-la, o qual, ele sabia, não estava ali entre as palavras alheias:

- (6) **Desde que havia entendido as vacas, pela primeira vez se achava acima delas na encosta.** E também isto lhe bateu no peito. Com o coração batendo Martim então se lembrou inesperadamente de como um homem costuma ser: era como ele estava sendo agora! **Numa sensação agonizante, ele se sentiu uma pessoa.** Martim estava de algum modo humilde, se era ser humilde o modo involuntariamente triunfante como estava montado num cavalo — o que lhe dava altura e espanto e determinação e visão mais larga. Nessa inesperada humildade ele pareceu reconhecer mais um sinal de que estava emergindo porque só os animais eram orgulhosos, e só um homem também era humilde. **Também a essa coisa indefesa e no entanto audaciosa ele quis dar um nome, mas não existia.** (p. 114).

O “encontrar-se pela primeira vez acima das vacas” parece indicar para o protagonista, segundo o narrador onisciente, um primeiro lampejo de resgate da condição abandonada, a humanidade a que, atendendo à exigência de seu propósito, decidira renunciar, fundindo-se à natureza na fazenda. Esse retorno conquistado desperta no personagem a retomada de seu ponto de partida, a linguagem, pois, como

ser novamente humano, apenas nela existiria. Para Maturana (2001), como seres humanos, não podemos existir fora da linguagem por sermos nela constituídos. Conforme o autor, isso torna fechado nosso domínio experiencial; não nos é possível sair dele para referir uma realidade supostamente independente. Contudo, por enxergar tal fato como uma frustrante limitação, a linguagem pela qual anseia Martim é outra. Como observamos no trecho a seguir, para que se concretizasse a reconstrução, o personagem acreditava que era preciso inaugurar uma linguagem que lhe revelasse a compreensão:

- (7) Agora que, como primeiro passo, chegara através do filho àquele ponto em que dor se misturava com feroz alegria, e alegria era dolorosa, pois esse ponto rápido devia ser o aguilhão da vida e o encontro dele consigo mesmo — então, assim como a alma de um cachorro late, ele incoercível disse: ah! para a água. **Ah! disse ele em amor e angústia e ferocidade e piedade e admiração e tristeza, e tudo isso era a sua alegria. Mas por que não lhe bastou então? Por que não lhe bastaria apenas exclamar? Porque acontece que ele queria a palavra. Enquanto fosse quem era estaria preso à sua própria respiração à espera de que ela o unisse a si mesmo, vivendo com essa palavra na ponta da língua, com a compreensão quase por se revelar, nessa tensão que termina por se confundir com a vida, e que é ela própria, acontece que ele queria a palavra.** (p. 166).

Na busca de Martim por essa palavra reveladora, percebemos mais uma vez a presença da tensão paradigmática em torno da representação. O personagem espera encontrar um signo capaz de exprimir a confusão de sensações que experimenta. Sua procura é por uma linguagem que espelhe uma situação que ele supõe anterior a ela e dela independente, o que traz o pêndulo oscilante na conduta de Martim de volta à concepção representacionista de linguagem.

Como os lógicos, os quais procuraram criar uma linguagem que, por meio de proposições com funções e valor, correspondesse às coisas no mundo de modo exato, o protagonista passa a ter como determinação imbuir-se de objetividade: “assim como aprendera a calcular com números, dispôs-se a calcular com palavras” (LISPECTOR, 1998c, p. 170). Para enfim inaugurar a linguagem pretensamente autêntica que idealizara, ele decide pôr no papel as poderosas palavras. Mas logo e de novo, Martim pressente que, com as palavras, não revelaria suas experiências; ele as fabricaria:

- (8) E desinchado, de óculos, tudo o que lhe parecera pronto a ser dito evaporara-se, agora que queria dizê-lo. **Aquilo que enchera com realidade os seus dias reduzia-se a nada diante do ultimato de dizer.** Como se via, aquele homem não era um realizador, e como tantos outros, só sentia a intenção, da qual o Inferno está repleto. Mas para escrever estava nu como se não lhe tivesse sido permitido levar nada consigo. Nem mesmo a própria experiência. **E aquele homem de óculos de repente se sentiu singelamente acanhado diante do papel branco como se sua tarefa não fosse apenas a de anotar o que já existia mas a de criar algo a existir.** (p. 171).

Ao chegar a esse impasse, o personagem pensa estar fracassando na tentativa de execução de seu projeto. Ele, que acreditara, tão hábil, ter-se desvencilhado da linguagem dos outros, destruindo o mundo abstrato com seu ato de violência, esbarrava agora com surpresa no que considerara uma etapa naturalmente exequível de sua tarefa. Tomara para si o dever que Wittgenstein I ([1921] 1968) atribui à filosofia: “a filosofia deve tomar os pensamentos que, por assim dizer, são vagos e obscuros e torná-los claros e bem delimitados” (p. 77, § 4.112). Martim só não imaginara que encontrar a palavra viria a ser um obstáculo. Pensara que bastaria manter-se atento, e então saberia onde falhara na primeira vez, tomando o cuidado de não repetir seu erro. Esperara que, se cumprisse os passos de seu projeto, a palavra viria e concretizar-se-ia a reconstrução, mas, sem sucesso, sua primeira reação parece ser a de concluir, como Wittgenstein I, que “o que não se pode falar, deve-se calar” (p. 129, § 6.54). Abandonar a linguagem convencional tinha sido o segundo desses passos, aquele que se seguira ao ato de cólera; é sobre ele que discutiremos na próxima seção.

### 3.1.2. Abandonar a linguagem convencional

A fuga desencadeada após o crime leva Martim a um descampado onde o homem começa a interpretar astutamente sua experiência. É o lugar onde o personagem admite sua rejeição à linguagem comum: “— Não sei mais falar, disse então para o passarinho, evitando olhá-lo por uma certa delicadeza de pudor. [...] ‘Perdi a linguagem dos outros’, repetiu então bem devagar como se as palavras fossem mais obscuras do

que eram, e de algum modo muito lisonjeiras” (LISPECTOR, 1998c, p. 31). Recusar a linguagem alheia permite a Martim recategorizar seu crime como um rito de passagem, uma transgressão necessária, um ato capaz de engatilhar a grande reconstrução.

De acordo com uma visão não representacionista de linguagem, nossa dificuldade de referir, a resistência que as coisas no mundo oferecem às palavras, é um indício de que as entidades não se encontram discretizadas, como objetos pré-fabricados aguardando a nomeação; somos nós que as discretizamos, de modo colaborativo e situado, na interação. Foi apoiando-se nessa concepção que Mondada e Dubois (2003) propuseram a noção de *objetos de discurso* como alternativa à de *referentes*, uma vez que a referência estaria de fato na construção que se dá sociocognitivamente; ela seria o próprio processo. A recusa do protagonista consiste, pois, em deixar de tomar parte nesse processo que é requisito primordial para que se estabeleça comunicação:

- (9) Porque mesmo a compreensão, a pessoa imitava. A compreensão que nunca fora feita senão da linguagem alheia e de palavras. Mas restava a desobediência. Então — **através do grande pulo de um crime — há duas semanas ele se arriscara a não ter nenhuma garantia, e passara a não compreender.** E sob o sol amarelo, sentado numa pedra, sem a menor garantia — o homem agora se rejubilava como se não compreender fosse uma criação. **Essa cautela que uma pessoa tem de transformar a coisa em algo comparável e então abordável, e, só a partir desse momento de segurança, olha e se permite ver porque felizmente já será tarde demais para não compreender — essa precaução Martim perdera. E não compreender estava de súbito lhe dando o mundo inteiro. Que era inteiramente vazio, para falar a verdade. Aquele homem rejeitara a linguagem dos outros e não tinha sequer começo de linguagem própria.** E no entanto, oco, mudo, rejubilava-se. A coisa estava ótima. (p. 34-35).

Se aceitarmos o pressuposto de que é de modo colaborativo que os falantes vão construindo os sentidos, entendemos que o único meio de Martim abandonar a linguagem convencional é decidindo não mais colaborar. Perdendo essa “precaução”, o homem acreditava-se então desprovido de linguagem. E se essa condição lhe oferecia como consequência um mundo **inteiro** e **vazio**, era porque, não verbalizado, aquele mundo era como uma massa amorfa, ainda não discretizada por categorias. Era esse o seu modo de eximir-se das repercussões de seu crime; recusando as palavras alheias,

comprometedoras, ele se abstinha de construir com os outros os sentidos que desejava negar:

- (10) **E de tal modo, com perverso gosto, o homem se sentia agora longe da linguagem dos outros que, por um atrevimento que lhe veio da segurança, tentou usá-la de novo.** E estranhou-a, como um homem que escovando sóbrio os dentes não reconhece o bêbedo da noite anterior. Assim, ao remexer agora com fascínio ainda cauteloso na linguagem morta, ele tentou por pura experiência dar o título antigamente tão familiar de “crime” a essa coisa tão sem nome que lhe sucedera. Mas “crime”? A palavra ressoou vazia no descampado, e também a voz da palavra não era sua. **Então, finalmente convencido de que não seria capturado pela linguagem antiga, ele experimentou ir um pouco mais longe: sentira por acaso horror depois de seu crime? O homem apalpou com minúcia sua memória. Horror? e no entanto era o que a linguagem esperaria dele.** (p. 35).

Ao crer ter atingido a capacidade de alternar momentos em que fica sem a linguagem e momentos em que experimenta voltar a utilizá-la, Martim assume a perspectiva de quem entende a linguagem como instrumento, algo que pode ser deliberadamente usado ou não. Todavia, conforme explica Maturana (2001, p. 130),

a linguagem acontece quando duas ou mais pessoas em interações recorrentes operam através de suas interações numa rede de coordenações cruzadas, recursivas, consensuais de coordenações consensuais de ações, e [...] tudo o que nós seres humanos fazemos, fazemos em nossa operação em tal rede.

Desprezando o princípio da constitutividade que se atribui à linguagem sob esse ponto de vista e acreditando-se livre dos significados forjados com a linguagem antiga e das expectativas às quais eles supostamente conduziriam, o personagem imagina-se pronto para o grande recomeço. Ao decidir não mais colaborar com “milhões de homens que copiavam com enorme esforço a ideia que se fazia de um homem, ao lado de milhares de mulheres que copiavam atentas a ideia que se fazia de mulher e milhares de pessoas de boa vontade copiavam com esforço sobre-humano a própria cara e a ideia de existir” (LISPECTOR, 1998c, p. 34), Martim deixa de se reconhecer como pessoa:

- (11) Naquele porão vegetal, que a luz mal nimbava, o homem se refugiava calado e bruto como se somente no princípio mais grosseiro do mundo aquela coisa que ele era coubesse: no terreno rastejante a harmonia feita de poucos elementos não o ultrapassava nem ao seu silêncio. O silêncio das plantas estava no seu próprio diapásão: ele grunhia aprovando. **Ele que não tinha uma palavra a dizer. E que não queria falar nunca mais. Ele que em greve deixara de ser uma pessoa. No seu terreno, ali sentado, ficava gozando o vasto vazio de si mesmo. Esse modo de não entender era o primeiro mistério de que ele fazia parte inextricável.** (p. 82).

Deixar de ser uma pessoa é mesmo a estratégia que o personagem adota para alcançar a grande reconstrução. Apenas por meio dela lhe seria possível refazer-se como homem para tornar-se então capaz de refazer o mundo. Perder sua condição humana e tornar-se um ser apenas vivo é o desafio que Martim deseja enfrentar como etapa necessária à continuidade de seu projeto. Discutiremos no tópico a seguir as implicações desse desafio no que diz respeito à linguagem e suas repercussões no conflito do protagonista.

### 3.1.3. Viver em um plano sensorial sem linguagem

Para reconstruir-se como homem, o personagem procura atingir uma espécie de modo de vida cognitivo primitivo, que muito se assemelha ao que Piaget teria descrito como o caos caracterizador da etapa inicial do desenvolvimento humano. Segundo Coelho Junior, Simão e Souza (2002), o caos piagetiano é a fase da “centração excessiva e [da] indiferenciação entre o eu e o mundo” (p. 69). Conforme os autores, o estágio sensório-motor é a passagem do caos ao cosmos organizado; a partir do contato puramente prático da criança com as coisas, da progressão de sua atividade perceptiva e motora, dar-se-ia a construção do eu e do mundo.

No ponto de partida da evolução mental, não existe, certamente, nenhuma diferenciação entre o eu e o mundo exterior, isto é, as impressões vividas e percebidas não são relacionadas nem à consciência pessoal sentida como um ‘eu’, nem a objetos concebidos como exteriores. São simplesmente dados em um bloco indissociado, ou como que expostos sobre um mesmo plano, que não é nem interno

nem externo, mas meio caminho entre esses dois pólos. Estes só se opõem um ao outro pouco a pouco. Ora, por causa desta indissociação primitiva, tudo que é percebido é centralizado sobre a própria atividade (PIAGET, [1967] 1999, p. 20).

É claro que o contato prático das crianças com as coisas no mundo não é o mesmo que o de Martim. A fase sensório-motora proposta por Piaget abrange obviamente o aspecto biológico do desenvolvimento humano. No caso de nosso protagonista, a aprendizagem se traduz no que o narrador chama de “descortinar”. Martim procura viver num plano sensorial sem linguagem; ele carrega o objetivo ou a ilusão de, ao abandonar a linguagem alheia, fundir-se aos outros elementos naturais, ser como as plantas e, mais tarde, como os bichos. O encontro do personagem com o terreno terciário da fazenda de Vitória e sua vital falta de organização parece ilustrar a luta de Martim contra a linguagem e o pensamento; seu esforço para não ser mais do que suas sensações cruas:

- (12) O homem não antecipou nada: viu o que viu. Como se olhos não fossem feitos para concluir mas apenas para olhar. Até que, mais um segundo dessa própria isenção, e também sua cabeça foi atingida com graça pela incompreensão do que ele via. E num engano de que certamente precisou, um engano tão certo quanto a queda certa de uma maçã, ele teve um sentimento de encontro: pareceu-lhe que no grande silêncio ele estava sendo saudado por um terreno da era terciária, quando o mundo com suas madrugadas nada tinha a ver com uma pessoa; e quando, o que uma pessoa poderia fazer, era olhar. O que ele fez. É verdade que seus olhos custaram a entender aquela coisa que nada mais do que: acontecia. Que mal acontecia. Apenas acontecia. O homem estava “descortinando”. (p. 81).

O alcance da condição pré-humana visada por Martim exigiu do personagem o esforço infatigável de libertar-se da práxis que, no esquema idealizado por Blickstein (2003), se interpõe entre língua e realidade. Para Blickstein, quanto mais imersos nos tornamos nos processos de interação social, menos somos capazes de separar língua e práxis. A influência mútua entre as duas instâncias provoca uma “reiteração circular que, em princípio, não pode ser rompida: a práxis cria a estereotipia de que depende a língua e esta, por sua vez, materializa e reitera a práxis” (p. 80). Ao analisar *O enigma de Kaspar Hauser*, filme de Werner Herzog (1974), o autor discute a relação entre

língua, pensamento, conhecimento e realidade e procura mostrar como o personagem Kaspar Hauser, que chega à idade adulta sem ter tido nenhum contato humano, apresenta percepção/cognição despojada de estereótipos, lança sobre a realidade um olhar direto, sem a mediação dos *óculos sociais*.

Em *A maçã no escuro*, o protagonista parece perseguir exatamente essa condição de Kaspar Hauser, de captar o mundo de modo imediato, diretamente pela retina. Mas tendo uma vez cooperado com “o trabalho de milhões” (LISPECTOR, 1998c, p. 299; 324), tendo já desempenhado seu papel no jogo, seria possível a Martim voluntariamente retirar os óculos e alcançar tal condição? Não, se adotarmos o ponto de vista de Blikstein (2003), para quem, nossas “retinas fatigadas” estariam condenadas a ver sempre a mesma realidade fabricada, fruto de um processo de estereotipação ao qual estaria sujeita nossa cognição, uma vez inseridos na dinâmica língua-práxis.

É também por essa razão, por não mais encontrar-se num estágio de pré-aquisição da fala, por ter se submetido aos diversos processos de socialização a que sua condição humana o impeliu que a situação de Martim não é a mesma que a da criança nos estudos de Piaget; se remetemos à contribuição teórica do autor, foi em virtude de termos encontrado no estágio sensório-motor uma descrição muito próxima do modo de vida visado pelo personagem. Livrar-se de toda a abstração de um mundo que tentara abolir para reconstruir a seu modo, estabelecer com as coisas um contato puramente prático e sensorial, rejeitando o pensamento e a linguagem, era o que ele desejava ao entregar-se aos trabalhos manuais que se comprometera a realizar diariamente na fazenda.

Seu esforço para evitar “contaminar-se” pelo pensamento faz parte de sua batalha contra a linguagem desde que resolvera dar início ao projeto:

- (13) Aquela coisa que ele estava sentindo devia ser, em última análise, apenas ele mesmo. O que teve o gosto que a língua tem na própria boca. E tal falta de nome como falta nome ao gosto que a língua tem na boca. Não era, pois, nada mais que isso. **Mas, a essa coisa, uma pessoa ficava um pouco atenta; e ficar atenta a isso, era ser. Assim, pois, no seu primeiro domingo, ele era. O que, no entanto, começou a ficar um pouco intenso. O homem então se mexeu inconfortável na pedra, respondendo fisicamente à imaterialidade da própria tensão, como faz uma pessoa que se perturbou.** [...] Mas não havia um sinônimo

sequer para um homem sentado com um pássaro na mão. Então, paciente e digno, **esperou que a coisa passasse sem que ele ao menos a tocasse.** [...] **Antes que passasse, ele involuntariamente a reconheceu. Aquilo — aquilo era um homem pensando... Então com infinito desagrado, fisicamente atrapalhado, ele se lembrou no corpo de como é homem pensando. Homem pensando era aquilo que, ao ver algo amarelo, dizia com esforço deslumbrado: essa coisa que não é azul.** Não que Martim tivesse chegado propriamente a pensar — mas o reconhecera como se reconhece na forma das pernas imóveis o possível movimento. E mais que isso ele reconheceu: essa coisa na verdade estivera durante toda a fuga com ele. **Fora apenas por desleixo que quase a deixara agora se alastrar.** (p. 32-33).

Apoiando-nos novamente em Blikstein (2003), que aponta a impossibilidade de capturarmos a semiose não verbal, podemos atribuir a essa condição a dificuldade de Martim. Conforme o autor (p. 80), “embora a significação dos códigos verbais seja tributária, em primeira instância, da semiose não-verbal, é praticamente só por meio desses códigos verbais que podemos nos conscientizar da significação escondida na dimensão da práxis”. Para ele, mesmo que lhe seja anterior, a semiose não-verbal só pode ser explicada pela língua. Observando a luta de Martim, sob esse ponto de vista, entendemos que o personagem, apesar de carregar consigo intenção oposta, seja impelido a recorrer ao sistema verbal para compreender suas sensações, cuja significação estaria oculta na dimensão, de outra forma inacessível, entre a práxis e o referente. Diante de tal circunstância, o personagem surpreende-se pela facilidade com que se vê na iminência de incorrer durante esta segunda chance com que se presenteara no “mesmo erro fatal”:

- (14) **Mas o homem estava perturbado: então não seria uma pessoa capaz de dar dois passos livres sem cair no mesmo erro fatal? pois o velho sistema de inutilmente pensar, e de mesmo comprazer-se em pensar, tentara voltar:** sentado na pedra com o passarinho na mão, por descuido até prazer ele tivera. **E, se se descuidasse um minuto mais, recuperaria numa só golfada sua existência anterior:** quando pensar fora a ação inútil e o prazer apenas vergonhoso. Desamparado, mexeu-se na pedra quente: parecia procurar um argumento que o protegesse. Precisava defender o que, com enorme coragem, conquistara há duas semanas. **Com enorme coragem, aquele homem deixara enfim de ser inteligente.** (p. 33).

Observamos, na atitude que o protagonista esforça-se para manter, uma visão que muito se aproxima da poética do heterônimo de Fernando Pessoa *Alberto Caeiro*, poeta bucólico e antimetafísico. Segundo Carneiro (2010), na poesia de Caeiro, parece haver “a sugestão de um regresso à origem, ao lugar do caos [...] Em ‘O Guardador de Rebanhos’, o poeta parece se propor a (sic) não pensar. O pensamento e as ideias são associados não à luz como a tradição pregou, mas à escuridão” (p. 37). De fato, no poema *Sou um guardador de rebanhos*, o eu lírico demonstra ansiar pela mesma crueza de sensações que o protagonista de Clarice:

- (15) Sou um guardador de rebanhos.  
 O rebanho é os meus pensamentos  
 E os meus pensamentos são todos sensações.  
 Penso com os olhos e com os ouvidos  
 E com as mãos e os pés  
 E com o nariz e a boca.  
  
 Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la  
 E comer um fruto é saber-lhe o sentido.  
  
 Por isso quando num dia de calor  
 Me sinto triste de gozá-lo tanto,  
 E me deito ao comprido na erva,  
 E fecho os olhos quentes,  
 Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,  
 Sei a verdade e sou feliz. (CAEIRO, 2008, p. 31).

Também de modo semelhante a Martim, o eu lírico em *O guardador de rebanhos* mostra-se incapaz de desvencilhar-se por completo de sua condição de ser reflexivo. Como reconhece Carneiro (2010, p. 37), “a dificuldade em romper com [o] pensamento se apresenta também a Caeiro, que confessa por vezes sucumbir a essa atividade”. Com efeito, embora reconheça que “o único sentido oculto das cousas é elas não terem sentido oculto nenhum” (CAEIRO, 2008, p. 63), o poeta faz o eu lírico submeter-se, no poema *Às vezes*, ao ato, para ele indesejável, de perscrutá-las:

- (16) Às vezes, em dias de luz perfeita e exata,  
 Em que as cousas têm toda a realidade que podem ter,  
 Pergunto a mim próprio devagar  
 Por que sequer atribuo eu  
 Beleza às cousas.

**Uma flor acaso tem beleza?**

**Tem beleza acaso um fruto?**

**Não: têm cor e forma**

E existência apenas.

A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe

Que eu dou às coisas em troca do agrado que me dão.

Não significa nada.

**Então por que digo eu das cousas: são belas?**

**Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,**

**Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens**

**Perante as cousas,**

**Perante as cousas que simplesmente existem.**

**Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!** (p. 48, grifos nossos).

Rebelando-se contra a perigosa tendência de, como o eu lírico do poema de Caeiro, incorrer novamente no erro fatal do pensamento, o personagem de Clarice não desiste do caminho que escolhera e busca na cólera, que agora já bem conhecia, a estratégia para tornar-se “o rato vivo que ele queria ser” (LISPECTOR, 1998c, p. 47):

- (17) E porque aquele homem parecia não querer nunca mais usar o pensamento nem para combater outro pensamento — foi fisicamente que de súbito se rebelou em cólera, agora que enfim aprendera o caminho da cólera. Seus músculos se comprimiram selvagememente contra a imunda consciência que se abria ao redor da unha. Ilógico, lutava primitivamente com o corpo, torcendo-se numa careta de dor e de fome, e **com voracidade ele todo tentou se tornar apenas orgânico.** (p. 47-48).

Na passagem a seguir, em que Martim, logo após ter conseguido que Vitória o contratasse, permitindo que passasse algum tempo na fazenda, encontra em seu quarto temporário um quadro peculiar de santos, que realizavam seu trabalho de consertar sandálias ao mesmo tempo em que um círculo esfumaçado acima de suas auréolas os trazia dentro de uma caldeira fervente, observamos o personagem sufocar um resquício da inquietação que lhe provocava o símbolo. Apesar de todo seu esforço para se eximir da práxis mediadora, ela se insinuava cada vez que o mundo, com sua semiose onipresente, o confrontava:

- (18) Se aquele homem ainda se lembrava de como era o mundo — naquele quadro havia alguma coisa a que ele certamente responderia se ainda fosse gente. **Aquilo que o homem aprendera e não esquecer de todo, ainda o incomodava; era difícil esquecer.** As coisas simbólicas sempre o haviam incomodado muito. **Mas estava tão bruto quanto a comida que lhe pesava no estômago.** (p. 80).

Persistente, o protagonista procura resistir à fatal tendência que uma vez o comprometera e persegue com obstinação o alcance do “embotamento de uma planta” (p. 84). É assim que, na fazenda de Vitória, um Martim embrutecido pela forte proximidade com a natureza e pela rudeza do trabalho que aceitara realizar nos é apresentado pelo narrador, o qual nos conduz a acreditar junto com o personagem que o modo de vida puramente sensorial o qual buscara atingir com afincamento tornara-se de fato sua nova condição:

- (19) Quanto ao homem, seus músculos trabalhavam com exatidão, lentidão e certeza. E nada o alterava como se ele carregasse consigo, em defesa intransponível pelos outros, o grande silêncio das plantas de seu terreno terciário. Para as quais voltava todas as tardes como um homem volta à sua casa. E onde ficava sentado sobre uma pedra. E lá era bom. Lá nenhuma planta sabia quem ele era; e ele não sabia quem ele era; e ele não sabia o que as plantas eram; e as plantas não sabiam o que elas eram. E todos no entanto estavam tão vivos quanto se pode estar vivo: esta provavelmente era a grande meditação daquele homem. Assim como o sol brilha e assim como rato é apenas um passo além da grossa folha espalmada daquela planta — esta era a sua meditação. (p. 90).

Acontece que o modo de vida peculiar que Martim parece enfim estabelecer logo se transforma; é que “o embotamento de uma planta”, o qual tinha afinal incorporado, começa a inquietá-lo. O personagem compreende que sentar-se sobre uma pedra, que “estava se tornando sua atitude mais inteligível e mais ativa” (p. 83) passara a ser um esforço:

- (20) Na verdade, sentado na pedra de seu reinado, sua meditação por assim dizer se reduzia a ser um homem de pés grandes sentado numa pedra. O que ele não notou é que já estava começando a tomar algum cuidado em ser exatamente apenas aquilo que ele estava sendo. No seu alerta adormecimento às vezes um pensamento já faiscava nele como numa

lasca de pedra: — **A região é árida, meditava ele com bastante profundidade. Todavia o carvão existe, parecia ele pensar, sentado ereto na pedra.** (p. 91).

Quando o personagem passa a tecer observações como em (20), já está começando a conceituar, a categorizar, a comparar, operações para as quais ele necessita da linguagem. Está explicando. E, segundo Maturana (2001, p. 28), “o explicar é uma operação distinta da experiência que se quer explicar, ou seja, ela está na linguagem” e corresponde a uma “reformulação da experiência” (p. 29).

É importante ressaltar aqui que, apesar de não observarmos no drama de Martim um processo de transformação linear, pelo menos, como já comentamos, em termos de paradigmas teóricos, uma vez que a tensão está sempre presente em sua trajetória, conduzindo-o num momento por um certo caminho para no momento seguinte lançá-lo em direção oposta, o projeto do personagem parece carregar, por outro lado, a intenção de um movimento evolutivo. Isso já se insinua nos próprios títulos das três partes em que o romance é estruturalmente dividido: *Como se faz um homem*, *Nascimento do herói*, *A maçã no escuro*; e se ratifica a partir de outros indícios, tais como, o intuito de Martim de destruir o mundo com o ato de cólera para reconstruí-lo “pelo começo primeiro” (p. 141) e sobretudo a questão da qual agora tratamos: sua estratégia de desvencilhar-se de sua condição humana para refazer-se outro. O personagem parece acreditar que, para estar apto ao desempenho da grandiosa tarefa que se propusera, era necessária uma espécie de purificação prévia em relação à automatização e à imitação com que incauto se deixara contaminar na vida abstrata que passara a repudiar. Para purificar-se, Martim refugia-se, de início, no reino vegetal, partilhando com as plantas, em estado de meditação, alcançado com esforço extenuante contra a semiose verbal, como discutimos, o *caos* libertador de um terreno terciário na fazenda. Em seguida, quando já não consegue gozar com plenitude “o vasto vazio de si mesmo” (p. 82), o personagem passa a comungar com a “escuridão das vacas” (p. 113), começando “uma grande confusão tranquila [...] entre ele e os animais” (p. 98). Sob a ótica de Martim, conforme nos participa o narrador, essa confusão tranquila seria então apenas mais um estágio de um progresso natural de sua constituição como pessoa, uma reconfiguração do seu modo de vida puramente sensorial. Martim preenche seus dias na fazenda sob profundo vínculo com a natureza: “‘Como eu ia sentindo... ’, parecia ele pensar ao

entrar no curral — e continuava o que interrompera” (p. 105); sem lançar mão, por enquanto, dos mecanismos de diferenciação e identificação, aos quais, de acordo com Blikstein (2003), recorre o *homem cognoscente* para sobreviver.

Segundo o autor, esses mecanismos são desenvolvidos na dimensão da práxis e consistem em traços a partir dos quais o indivíduo é capaz de discriminar, reconhecer e selecionar os elementos de um universo amorfo que seria o real. Blikstein explica que esses traços são impregnados de valores melhorativos ou pejorativos, transformando-se em traços ideológicos, que desencadeiam *corredores semânticos* ou *isotopias*, as quais, por sua vez, orientam a percepção/cognição, criando modelos ou padrões perceptivos, os *óculos sociais*.

No trecho a seguir, a descrição do narrador nos conduz a identificar no modo de viver que Martim conquistara como etapa necessária à reconstrução de si o despojamento (provisório) de tais mecanismos:

- (21) Martim estava muito surpreendido porque **antigamente ele costumava saber de tudo. E agora — como fato no entanto muito mais concreto — ele não sabia de nada.** Ele que havia crescido um homem claro, e ao redor dele tudo costumava ser visível. **Fora pessoa que soubera respostas, antigamente ele era sem dor.** A claridade de que vivera fizera com que ele tivesse sido capaz de executar trabalho com números com uma paciência que não se alterava; e, nu por dentro, as roupas lhe assentavam bem. Esperto e elegante. **Mas agora, tirada das coisas a camada de palavras, agora que perdera a linguagem, estava enfim em pé na calma profundidade do mistério. [...] e, quanto a palavras, ele meramente as conhecia como pessoa que tivesse uma vez adoecido delas. E se tivesse curado.** (p. 107-108).

E como o novo modo de viver era no plano do personagem apenas uma etapa, chegou o momento em que “o escuro calor das vacas” (LISPECTOR, 1998c, p. 105) deixou de ser suficiente e passou a inquietá-lo. Martim começa a se destacar delas e passa a desejar mais do que apenas “sentir”: “Desde que havia entendido as vacas, pela primeira vez se achava acima delas na encosta. E também isto lhe bateu no peito. Com o coração batendo Martim então se lembrou inesperadamente de como um homem costuma ser: era como ele estava sendo agora!” (p. 114). Recuperar a humanidade tornou o personagem pronto para a execução de seu projeto. Para tanto, era preciso criar

uma linguagem que não falhasse como a outra, que não tornasse o mundo abstrato, inautêntico. É sobre esse propósito que discutiremos na próxima seção.

### 3.1.4. Criar uma linguagem capaz de refletir a realidade

Tendo-se feito em si o homem, o protagonista deixa de sentir-se pleno com o silêncio compartilhado com as plantas e os bichos e, num momento de descortino no alto da encosta, ele volta a querer o símbolo; dessa vez, um símbolo que lhe garantisse a exatidão jamais encontrada na linguagem dos outros:

- (22) Numa sensação agonizante, ele se sentiu uma pessoa. Martim estava de algum modo humilde, se era ser humilde o modo involuntariamente triunfante como estava montado num cavalo — o que lhe dava altura e espanto e determinação e visão mais larga. Nessa inesperada humildade ele pareceu reconhecer mais um sinal de que estava emergindo porque só os animais eram orgulhosos, e só um homem também era humilde. **Também a essa coisa indefesa e no entanto audaciosa ele quis dar um nome, mas não existia.** (p. 114).

A procura pelo símbolo capaz de estabelecer paralelismo entre realidade e mundo aproxima nosso personagem dos lógicos, sobretudo de Wittgenstein I, para quem, afirma Araújo (2004), os problemas filosóficos seriam gerados pelo mau uso da linguagem. Assim como o filósofo, que procurou resolver o problema de traduzir a realidade por meio de notações que funcionassem como diagramas capazes de espelhar a estrutura lógica do mundo, postulando que “a proposição é figuração da realidade, pois conheço a situação representada por ela quando entendo a proposição” (WITTGENSTEIN, 1968, p. 72, § 4.021), Martim desejou criar uma linguagem dotada com o “máximo de objetividade” (LISPECTOR, 1998c, p. 173). Martim parece ir ainda mais fundo que o Wittgenstein do *Tractatus*, para quem, conforme Araújo (2004), os fatos no mundo são relacionais e não atômicos, o que nos permitiria descrever apenas **como** as coisas são, mas não **o que** elas são; não haveria, assim, correspondência especular entre proposições e fatos. Martim, por sua vez, almeja um signo que corresponda à própria coisa no mundo. E num primeiro anseio por este signo-reflexo, o

personagem reconhece no gesto de Vitória um modo genuíno de garantir a representação, o mesmo gesto que assegura para Crátilo o ato de referir com exatidão, sem que a verdade do ato fosse comprometida pelo devir veloz e ininterrupto de todas as coisas, o gesto de apontar:

- (23) E de tudo restou para o homem apenas a sensação um pouco inútil de ter enfim emergido. E o coração de uma pessoa viva. O que, se era pouco, lhe deu um poder muito grande; como pessoa ele era capaz de tudo. Talvez tenha sido isso o que ele sentiu. E para lhe mostrarem até que ponto tudo estava convergindo para uma realização — como quando a graça existe — **Vitória neste mesmo momento estendeu o braço apontando ao longe uma montanha de encostas suavizadas pela impossibilidade de serem tocadas... Martim teve então uma espécie de certeza de que este era o gesto que ele procurara: tanto as distâncias parecem precisar de alguém que as determine com um gesto. Assim o homem escolheu concluir que é este o gesto humano com que se alude: apontar. [...] Só que, em reivindicação, queria pegar a tarefa no ponto em que a mulher a deixara, e pleiteava que de agora em diante se incumbisse ele mesmo de determinar.** (p. 117-118).

Para assumir então a tarefa, o protagonista volta diversas vezes à encosta, onde amadurecia devagar o passo seguinte, ultrapassar o gesto; alcançar com o símbolo a ilusão reconfortante de aludir. “E era como se ali Martim se tornasse o símbolo dele mesmo. Ele que, enfim, se encarnara em si próprio” (LISPECTOR, 1998c, p. 127). A falta da palavra por enquanto não o incomoda: “Por enquanto isso lhe bastava. Um homem que andou muito tem o direito de ter um prazer inexplicável, harmonia apenas, mesmo sem entender — por enquanto sem entender. Pois, com tranquila presunção, ele se dizia: ‘é cedo ainda’” (p. 128).

Acontece que chegou o momento em que Martim teve de explicar para o homem que se fizera dentro de si do que se tratava sua jornada. E, inventando uma verdade que coubesse no seu plano, o personagem decidiu que, se com o ato de cólera tinha arriscado tudo, destruindo o mundo antigo, já era tempo de dar início ao “trabalho mais delicado [...] E o trabalho delicado era este: ser objetivo” (p. 137).

Assim como os filósofos analíticos julgaram possível mostrar a realidade objetivamente, através da verificação da correspondência existente entre as proposições

e o estado de coisas que elas descreviam ou projetavam, Martim esperava criar uma linguagem que fosse a exata representação do que pensava haver no mundo. Reportando-se à crítica que Rorty dirige ao tipo de epistemologia que demanda confronto entre a mente e o mundo, Araújo (2007) aponta que “a certeza [para as concepções de linguagem de base vericondicional] viria de a mente que representa ser igualmente apta a examinar se o que ela representa está ou não de acordo com os fatos, com os estados de coisa” (p. 97). Compreendemos, pois, que a objetividade está calcada na problemática noção cartesiana da isenção perceptual. Uma vez que, como argumenta Salomão (2005), o avanço das ciências cognitivas permite-nos pensar a mente como uma “rede de conexões neurais operando em continuidade ecológica com o ambiente imediato, num fluxo de energia recíproca” (p. 80), desestabilizando o dualismo mente/corpo e a distinção sujeito/objeto em que desemboca a desencarnação fundadora do pensamento dos lógicos, é previsível que a objetividade almejada por Martim constitua um sólido obstáculo para a criação da nova linguagem:

- (24) Mas como? de que modo ser objetivo? Porque se uma pessoa não quisesse errar — e ele não queria errar nunca mais — terminaria prudentemente se mantendo na seguinte atitude: “não há nada tão branco como o branco”, “não há nada tão cheio de água como uma coisa cheia de água”, “a coisa amarela é amarela”. O que não seria mera prudência, seria exatidão de cálculo e sóbrio rigor. Mas aonde o levaria? porque afinal não somos cientistas. **O trabalho era este: ser objetivo. O que seria a experiência mais estranha para um homem. Que Martim se lembrasse, nunca ouvira falar de um homem objetivo.** Não, não — confundiu-se ele um pouco cansado — houvera homens assim, já houvera, sim, homens cuja alma passara a existir em atos, e para quem os outros homens não tinham sido unhas grandes; houvera homens assim, ele não se lembrou mais quem, e estava um pouco fatigado, um pouco solitário. **É que seu plano era tão facilmente escapável à sua própria percepção [...]** (p. 137).

Sem encontrar uma maneira de salvar seu crime e desconfiando de que o recuo dado fora demasiado, uma vez que, tendo nas mãos as peças de um grande quebra-cabeça completamente desfeito, não estava sendo capaz de montá-las outra vez, Martim persiste estoico em busca de um meio de manter o compromisso. Quando numa tarde, olhando a vida que acontecia no campo, em mais um momento de descortino, “ele sentiu a resistência cedendo” (LISPECTOR, 1998c, p. 147-148) e percebeu que só

faltava a palavra, o homem decidiu que naquela noite anotaria tudo que havia enfim compreendido. O personagem, imaginando ser capaz de transpor para o papel o que para ele se revelara com ênfase na tarde junto ao rio, surpreende-se ao falhar. Então, com humildade, resigna-se a escrever “Coisas que tentarei saber: número 1” (p. 176); depois, com menos cautela, aventura-se a dar um nome à coisa:

- (25) Bem, a realidade muito mais simples é que era com esforço que aquele homem estava procurando se manter à altura em que estivera de tarde junto do rio. Estava agora reduzido às próprias proporções e sem a menor grandeza do sol. Perdera a fé e o motivo. E olhava o depósito pobre com estranheza. Mesmo assim insistiu em continuar e, **ao lado da “coisa número 1” a tentar saber, escreveu “aquilo”, pois o que ele conseguia era aludir. E releu a frase. E foi então — foi então que teve o seu primeiro grande prazer emocionado com que fatalmente se ama o que se fez. A frase ainda úmida tinha a graça de uma verdade. E ele gostou dela com um alvoroço de criação. É que reconhecia nela tudo o que quisera dizer!** Além do mais achava a frase perfeita pela resistência que esta lhe oferecia: “além daí, eu não poderia mais ir!”, de modo que lhe pareceu que a frase tocara no próprio fundo, ele apalpava sua resistência com êxtase. **É verdade que um segundo depois, a um relance, Martim percebeu a contragosto o grande equívoco de escritor: fora a sua própria limitação que reduzira a frase ao que ela era, e a resistência que ela oferecia talvez fosse a resistência de sua própria incapacidade. Mas, como ele era pessoa difícil de ser derrubada, pensou o seguinte: “não tem importância porque, se com essa frase eu pelo menos cheguei a sugerir que a coisa é muito mais do que consegui dizer, então na verdade eu fiz muito: eu aludi!” E então Martim ficou contente como um artista: a palavra “aquilo” continha em si tudo o que ele não conseguira dizer!** (p. 176-177).

Ao concluir que conseguira com o pronome satisfazer o utópico anseio, aludir com exatidão, Martim experimenta em êxtase o inusitado sucesso. Quase que imediatamente, porém, o personagem compreende que a alusão dera-se de fato, mas não como um fio imaginário ligando o símbolo à coisa. Como observa Marcuschi (2007), a explicitude não é uma possibilidade intrínseca ao sistema linguístico; ela “não é um ato unilateral da língua ou de um usuário da língua e sim uma atividade realizada por habilidades referenciais e inferenciais em situações socioculturais específicas” (p. 42).

Ao admitir como máximo de realização sugerir que a coisa era muito mais do que ele pôde dizer, Martim parece ceder à ideia da subdeterminação do signo como o

próprio modo de funcionamento da linguagem, mas há ainda um outro aspecto que impede o personagem de entender e superar as limitações que enfrenta em seu laborioso projeto de criar uma nova linguagem. Martim julgara-se capaz de desempenhar sozinho a tarefa. Ele esperava poder, individualmente, operar com símbolos que não mentissem a realidade, como se fosse plausível a concepção de uma linguagem privada. Sobre esse aspecto discutiremos na próxima seção.

### 3.1.5. Criar uma linguagem privada

Ao destruir o mundo antigo com seu crime, Martim realiza uma ruptura com todos os elementos que dele faziam parte e passa a negar as palavras compartilhadas julgando-as responsáveis por roubar-lhe a verdade. Quebrar esse vínculo implicou para o personagem abster-se da atividade necessariamente coletiva que é a construção dos significados. Inventando uma verdade que o absolvesse de seu ato, ele tinha deixado de colaborar:

- (26) Com deslumbramento, vira que a coisa inesperadamente funcionava: que um ato ainda tinha o valor de um ato. E também mais: com um único ato ele fizera os inimigos que sempre quisera ter — os outros. E mais ainda: que ele próprio se tornara enfim incapacitado de ser o homem antigo pois, se voltasse a sê-lo, seria obrigado a se tornar o seu próprio inimigo — uma vez que na linguagem de que até então vivera ele simplesmente não poderia ser amigo de um criminoso. Assim, **com um único gesto, ele não era mais um colaborador dos outros, e com um único gesto cessara de colaborar consigo mesmo.** Pela primeira vez Martim se achava incapacitado de imitar. (p. 36).

Acreditando, então, ser capaz de criar uma linguagem que pudesse nascer sem essa colaboração e, mais que isso, uma linguagem que não apresentasse os defeitos, a ineficácia, a vagueza, a inexatidão que enxergava na outra, a qual era forjada a partir do “trabalho de milhões” (LISPECTOR, 1998c, p. 299; 324), Martim se dá como tarefa conceber o que Wittgenstein II (1996) procura mostrar ser inconcebível: uma linguagem privada.

Para Wittgenstein, quando usamos a linguagem, atribuímos às nossas sensações expressões que permitam que os outros nos compreendam; é nos jogos que vamos aprendendo a fazer-nos entender, aprendendo quais palavras fazem sentido num determinado jogo. O filósofo argumenta que “quando se diz ‘Ele deu nome à sensação’, esquece-se que muita coisa já tem que estar preparada na linguagem para que o simples dar nome tenha um sentido” (p. 127, § 257). Segundo o autor, mesmo que queiramos desprezar as palavras da linguagem comum, e suponhamos ser capazes de construir explicações privadas a partir de sons inarticulados, esbarramos no fato de que tais sons adquirem sentido e tornam-se expressões dentro dos jogos. Se o caso for, todavia, estabelecer uma linguagem que ninguém possa compreender, construir explicações privadas para as palavras, isso será, para Wittgenstein, tão absurdo quanto uma transação comercial entre sua mão direita e sua mão esquerda, “quando a mão esquerda tiver recebido o dinheiro da mão direita, etc., perguntar-se-á: ‘E daí?’” (p. 130, § 268).

A esse respeito afirma Marcuschi (2007) que dizer o mundo é sempre dizer para alguém. Assim, não haveria modo de construir sentidos individualmente. O intuito de Martim, desde sua tentativa de, de modo particular, categorizar o crime como “o grande pulo” (LISPECTOR, 1998c, p. 36; 40), parece guiar-se por essa atitude pretensamente adâmica, nos termos de Bakhtin ([1979]1997), de nomear um mundo já semiotizado, o qual, portanto, prescindiria da atividade dialógica, social, que é a categorização, uma vez que, já naturalmente discreto, o mundo aguardaria apenas a nomeação heroica do personagem. Aos tropeços, Martim entende, contudo, que “um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear” (BAKHTIN, 1997, p. 319). Percebe que, no seu esforço de encontrar a palavra reveladora, “ele próprio, além de tocar nos símbolos, nada pudera fazer” (LISPECTOR, 1998c, p. 305).

Como mencionamos em 1.2.2, segundo Costa (2007), Wittgenstein II, com sua proposta dos jogos, apresenta a linguagem como parte constitutiva da realidade e não como uma ferramenta para projetá-la. Os jogos, como formas de vida, proporcionariam a consolidação, não de modo deliberativo, mas consensual, contingencial e situado, de regras. Estas, de fato, constituem para Wittgenstein II (1996) regularidades, e não normas. Essas regularidades regem a construção de sentidos no interior das formas de vida. Assim, elas nascem coletivamente e só funcionam coletivamente. Apoiando-nos

nessas noções, compreendemos que, decidindo não colaborar com os outros, Martim permanecera do lado de fora dos jogos, pois “não se pode seguir a regra ‘privatim’” (WITTGENSTEIN, 1996, p. 114, § 202).

Não é possível um único homem ter seguido uma regra uma única vez. Não é possível uma única comunicação ter sido feita, uma única ordem ter sido dada ou entendida uma única vez, etc. -Seguir uma regra, fazer uma comunicação, dar uma ordem, jogar uma partida de xadrez, são hábitos (usos, instituições) (WITTGENSTEIN, 1996, p. 113, § 199).

As dificuldades que enfrenta fazem o personagem terminar por aceitar essa condição. Martim compreende, enfim, que “a construção do mundo pelo discurso é dialógica, isto é, interativa” (MARCUSCHI, 2007, p. 94):

- (27) “Eu não sou nada”, disse-se então Martim, dessa vez por safadeza, pestanejando de prazer. É que, através de um raciocínio muito complicado, **tinha chegado à conclusão de que fora uma bênção ele ter errado, porque, se tivesse acertado, provar-se-ia que a tarefa de vida era para um homem só — o que, contraditoriamente, faria com que a tarefa não se fizesse...** (p. 308).

Marcuschi (2007) chama atenção para o fato de que não há maneira de construir conhecimento sobre o mundo que não seja socialmente. Conforme o autor, sempre que, junto a nossos interlocutores, construímos sentidos, fazemos usos de nomes que aprendemos/criamos dentro de experiências similares. Isso implica, a nosso ver, que os sentidos são **construídos** cooperativamente em vez de **recuperados**. Assim, entendemos que Martim ter errado foi certamente mais que uma bênção; a linguagem própria almejada pelo personagem era de fato inconcebível.

É por não admitir a indicialidade como um aspecto constitutivo da linguagem que o protagonista decide combatê-la como uma falha a ser corrigida. Todavia, são os consensos gerados na negociação interativa que produzem a ideia ilusória de um mundo objetivo, naturalmente discreto, como explicam Mondada e Dubois, 2003 e Marcuschi, 2007. Para os autores, essa ilusão é nossa própria condição discursiva, de modo que a instabilidade, em vez de um defeito, é uma dimensão intrínseca ao discurso e à

cognição. “A indeterminação da linguagem é uma estratégia de sedução do ouvinte e do leitor para que faça uma opção. Portanto, a indeterminação é a forma que a semiótica linguística adota para operar” (MARCUSCHI, 2007, p. 143).

O que leva Martim a considerar uma falha aquilo que constitui o próprio modo de funcionamento da linguagem parece ser a crença na existência de uma realidade essencial corrompível pela representação: “é que nunca se lembrara de organizar sua alma em linguagem, ele não acreditava em falar — talvez com medo de, ao falar, ele próprio terminar por não reconhecer a mesa sobre a qual comia” (LISPECTOR, 1998c, p. 41). Contudo, como pensamos ter demonstrado até aqui, nosso personagem e seu percurso apresentam uma configuração mais complexa; são crenças conflitantes que alimentam a trajetória de Martim. O personagem parece movido pela tensão entre a crença nesse real absoluto e independente que a linguagem comum não é capaz de apreender e a suspeita de que a linguagem, na verdade, transforma e constrói a realidade em vez de refletir.

### **3.2. Reconstruir o mundo: bases de um conflito epistemológico**

A tensão manifesta em *A maçã no escuro*, incorporada nas crenças contrastantes de Martim, torna o desenvolvimento do romance uma alegoria do processo epistemológico. As idas e vindas do personagem, suas angústias, seus anseios, suas descobertas, encenam no drama de Clarice um debate acerca do modo como construímos a compreensão de um fenômeno. Ousamos mesmo dizer que a autora parece apoiar-se no movimento oscilante promovido pelo conflito para defender uma tese; melhor dizer: tese, antítese e síntese, no desenrolar cíclico, progressivo e sempre inacabado dessas instâncias.

Conforme entendemos, o motor de tal desenrolar são as crenças basilares dos paradigmas essencialista e relativista de leitura do real, sobre as quais discutiremos nas próximas seções.

#### **3.2.1. Crença numa realidade abstrata, essencial, independente, corrompível pela linguagem**

A noção de que com a linguagem buscamos comunicar as coisas tal como elas são, revelar sua essência, aludir com objetividade, provocou em Martim aguda insatisfação com o aspecto indicial que a constitui: “Há um lugar onde, antes da ordem e antes do nome, eu sou! e quem sabe se esse é o verdadeiro lugar-comum que saí para encontrar?” (LISPECTOR, 1998c, p. 319). Imbuído dessa crença, o protagonista empreende, como procuramos mostrar, seu projeto reformador, a partir do qual nasceria uma linguagem cujos termos teriam seus correlatos fixos numa realidade transcendente.

Muitas dificuldades se impuseram, no entanto, em virtude de essas entidades, as quais seriam, para o personagem, definidas *a priori*, resistirem fortemente aos seus esforços para acomodá-las na linguagem nova. A princípio, em vez de duvidar dessa pré-configuração ontológica ou da possibilidade de isenção da linguagem, Martim quer refugiar-se no silêncio para evitar “cair no mesmo erro fatal” (p. 33), comprometer a verdade do mundo:

- (28) Nesse intervalo amanheceu. E abrindo a primeira vala na luz da manhã, ao mesmo tempo que as mãos grossas lhe obedeciam, Martim já começara a se aplicar num trabalho de infinita exatidão e vigilância. Que era o de açambarcar-se e, consigo, o mundo? Era isso mesmo o que ele fazia? Mas será realmente importante saber o que ele fazia? **Ele estava fazendo um sonho — que era o único modo como a verdade podia vir a ele e como ele podia vivê-la.** Será então indispensável entender perfeitamente o que lhe acontecia? **Se nós profundamente o entendemos, precisamos também entendê-lo superficialmente?** Se reconhecemos no seu mover-se lento o nosso próprio formar-se — assim como se reconhece um lugar onde pelo menos uma vez se esteve — **será necessário traduzi-lo em palavras que nos comprometem? [...]** (Oh, bem foi avisado que se explicasse ninguém entenderia, pois explicando como é que um pé segue o outro ninguém reconhece o andar.) (p. 138-139).

Martim parece acreditar que, removendo a camada de palavras, é capaz de alcançar uma compreensão mais profunda acerca das coisas, como se houvesse por trás do símbolo uma essência intacta, como se às palavras, ideologicamente neutras, devesse caber a transmissão de conceitos que, independentemente delas, fossem formados por uma espécie de consciência interior.

A crença do personagem é, no entanto, contrariada pela noção bakhtiniana de *língua viva*. Ao defender a ideia de que as categorias lexicais abrigam nossa primeira teoria sobre o mundo, Marcuschi (2007) salienta que “na vida, vamos adquirindo nossa capacidade classificatória e categorizadora juntamente com a língua” (p. 93). E sobre isso Bakhtin/Voloshinov (2006) já sustentava que

Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente da comunicação verbal; ou melhor, somente quando mergulham nessa corrente é que sua consciência desperta e começa a operar. É apenas no processo de aquisição de uma língua estrangeira que a consciência já constituída – graças à língua materna – se confronta com uma língua toda pronta, que só lhe resta assimilar. Os sujeitos não “adquirem” sua língua materna; é nela e por meio dela que ocorre o primeiro despertar da consciência (p. 109-110).

Assumindo esse ponto de vista, o de que “não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental” (p. 114), o autor rejeita a distinção qualitativa entre um conteúdo interior e uma expressão exterior. Sob esse olhar, parece-nos que “a alma enclausurada de Martim” alinha-se às declarações que Bakhtin considera típicas do romantismo idealista: “‘O pensamento expresso pela palavra é uma mentira’ (Tiutchev). ‘Oh, se pelo menos alguém pudesse exprimir a alma sem palavras!’ (Fiet)” (p. 114). Conforme o autor, tais declarações não podem fazer sentido, uma vez que “não existe atividade mental sem expressão semiótica” (p. 114).

Neste outro trecho, torna-se ainda mais evidente que na angústia do personagem está embutida a ideia de que o pensamento é anterior à expressão:

- (29) Sem uma palavra a escrever, Martim no entanto não resistiu à tentação de imaginar o que lhe aconteceria se o seu poder fosse mais forte que a sua prudência. “E se de repente eu pudesse?”, indagou-se ele. E então não conseguiu se enganar: o que quer que conseguisse escrever seria apenas por não conseguir escrever “a outra coisa”. Mesmo dentro do poder, **o que dissesse seria apenas por impossibilidade de transmitir uma outra coisa**. A Proibição era muito mais funda... surpreendeu-se Martim. (p. 172-173).

Ainda apoiando-nos nas críticas de Bakhtin/Voloshinov (2006) ao idealismo, entendemos que, para o personagem, o grande problema residiria no fato de que “no curso do processo de dominar o material, de submetê-lo, de transformá-lo em *meio* obediente, da expressão, o conteúdo da atividade verbal a exprimir muda de natureza e é forçado a um certo compromisso” (p. 113, grifo do autor). Martim demonstra a intenção de rejeitar completamente a expressão para poupar da deformação um suposto conteúdo interior:

- (30) E a escolha tornou-se ainda mais funda: ou **ficar com a zona sagrada intata e viver dela — ou traí-la pelo que ele certamente terminaria conseguindo e que seria apenas isto: o alcançável.** Como quem não conseguisse beber a água do rio senão enchendo o côncavo das próprias mãos — mas já não seria a silenciosa água do rio, não seria o seu movimento frígido, nem a delicada avidez com que a água tortura pedras, não seria aquilo que é um homem de tarde junto do rio depois de ter tido uma mulher. Seria o côncavo das próprias mãos. **Preferia então o silêncio intato.** Pois o que se bebe é pouco; e do que se desiste, se vive. Assim, de aproximação penosa em aproximação penosa — tendo Martim nesse caminhar um sentimento de sofrimento e de conquista — **ele terminou se perguntando se tudo o que ele enfim conseguira pensar, quando pensara, também não teria sido apenas por incapacidade de pensar uma outra coisa, nós que aludimos tanto como máximo de objetividade. E se sua vida toda não teria sido apenas alusão. Seria essa a nossa máxima concretização: tentar aludir ao que em silêncio sabemos?** Tudo isso Martim pensou, e pensou muito. (p. 173).

O que parece escapar ao personagem é que “o que em silêncio sabemos” pode não corresponder a essa “pureza” ontológica que ele tanto anseia por preservar. Conforme Bakhtin, toda enunciação pressupõe um interlocutor; a atividade mental é, portanto, social assim como sua objetivação exterior. Para o autor, mesmo não havendo na atividade mental, que constitui o estágio inicial da enunciação, um interlocutor real, supõe-se um representante médio do meio social concreto em que estamos inseridos. Assim, “o mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um *auditório social* próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc” (p. 115).

O desenvolvimento sempre complexo do conflito de Martim nos conduz, no entanto, a desconfiar dessa linha bem marcada entre uma e outra crença que alimentam

as voltas percorridas pelo personagem rumo à almejada reconstrução. Nesse sentido, reconhecemos no exemplo a seguir um indício, ainda que vago, de uma manifestação do embate entre conteúdo e expressão capaz de permitir considerarmos uma hipótese, uma explicação menos óbvia do que aquela que nos precipitamos a deduzir.

- (31) Mas ele sabia: ela não perdoaria jamais. **Isso não foi coisa que se dissesse, mas era coisa que estava acontecendo, e não seria a ausência de palavras que faria deixar de existir o que estava existindo, e a planta sente quando o vento é escuro porque ela estremece, e o cavalo no meio do caminho parece ter tido um pensamento, e quando os ramos da árvore se balançam no entanto não houve uma só palavra, e um dia se há de descobrir o que nós somos:** ele sabia que ela não perdoaria jamais. (p. 325).

A atitude do protagonista de pressupor uma existência que prescinde das palavras nos seduziu a atribuir prontamente tal postura ao modo essencialista de conceber a linguagem. Com efeito, como alerta Martins (2012), “a crença em algo que escape ao dizer parece a princípio depender da crença na visão da linguagem como um sistema de representação, como algo que existe de alguma forma em algum lugar: em separado” (p. 100 e 101). Um olhar mais cauteloso sobre o estabelecimento tentador e apressado desse vínculo pode, todavia, permitir uma percepção menos simplista e menos confortável. Ao discutir como identifica na segunda escrita de Wittgenstein a permanência da tensão entre dizer e mostrar, mesmo que não haja mais “um inefável compreendido como *região* ignorada, como um *espaço exterior* que ultrapassaria as fronteiras da linguagem” (p. 101, grifos da autora), a autora salienta que persiste nos estudos do filósofo a manifestação de um estranho que, “em certo sentido, promete resistir à intelecção”. Argumenta que, sendo a linguagem práxis para Wittgenstein, o caráter mostrativo e o plano do dizer deixam de ser vistos dicotomicamente; o inexplicável ou incompreendido **mostram-se**, não mais como um “dentro” a ser revelado, mas na própria *forma de vida*, que é também performance.

O estranho, o inexplicável, o incompreendido não são agora descritos – não mais convocam revelações, pois nada está oculto, ou se reduzem a expressões, pois nada a expressar: deixam-se reconhecer no comum, sem se deixar compreender. E reconhecer no comum o estranho não é

aqui torná-lo conhecido: com sorte, é, muito ao contrário, uma ocasião para nele persistir – experimentar seus riscos, suas oportunidades (MARTINS, 2012, p. 104).

Persistir no estranho e “experimentar seus riscos” é exatamente o que o personagem parece fazer ao aventurar-se no delinear difícil de “uma estranha esperança”:

- (32) Confuso, a modo de dizer, Martim apenas adivinhava. **Mas quem sabe, força nenhuma jamais conseguisse mais do que estender ao máximo o comprimento de um braço de homem — e então não alcançar aquilo que, com mais um impulso, o derradeiro e o impossível, encheria com vida a mão.** Porque braço de homem tem medida certa. E tem uma coisa que nunca saberemos. **Tem uma coisa que nunca saberemos, você sente isso, não sente? embaraçou-se o homem, emocionado como se isso contraditoriamente significasse arriscar-se no primeiro passo de uma estranha esperança.** (p. 306).

Se “não alcançar [o que] encheria com vida a mão” torna-se para Martim o esboço de uma contraditória esperança, e se é ele quem, de dentro da habitual confusão de vozes entre si e o narrador, procura nos convencer de que, mesmo dispondo apenas do “comprimento de um braço de homem”, reconhecemos “uma coisa que nunca saberemos”, como um “modo instável de pegar no escuro uma maçã” (LISPECTOR, 1998c, p. 334), seu intuito aparentemente ingênuo de reformar a linguagem para garantir a correspondência especular confirma-se como um plano diligente com propósito definido, justificar o ato de cólera. De fato, conforme afirma Rorty (1980), “a noção de ‘representação exata’ é simplesmente um elogio automático e vazio que prestamos àquelas crenças que nos ajudam com êxito a fazer o que desejamos fazer”<sup>22</sup> (p. 10).

Acontece que, desde os primeiro passos rumo à concretização dessa complicada meta, o personagem é perturbado pela suspeita de que, em vez de refletir ou revelar o que quer seja, o que a linguagem pode fazer, enquanto dimensão constitutiva da vida, é construir. Discutiremos no próximo item essa questão.

---

<sup>22</sup> “the notion of ‘accurate representation’ is simply an automatic and empty compliment which we pay to those beliefs which are successful in helping us do what we want to do” (RORTY, 1980, p. 10).

### 3.2.2. Crença numa linguagem capaz de transformar e construir em vez de refletir

Como comentamos em 3.1, desde que procurara forjar para o seu “real” uma versão que o redimisse, a versão do grande pulo, Martim é acompanhado pela crença numa noção de verdade dependente, condicionada a nossas práticas e nossos propósitos. Neste exemplo, em que o narrador admite o êxito ainda inconsciente do personagem, podemos observar Martim abrir mão da pretensa objetividade com que eliminaria a inautenticidade do mundo abstrato demolido:

- (33) Era isso, então. Então Martim se perguntou com intensidade e com dor: seria isso mesmo? Porque suas verdades não pareciam suportar muito tempo de atenção sem que se deformassem. **E, por um instante, a verdade tanto poderia ser esta como outra: imutável era apenas o campo. Foi pois à custa de um controle de arte que Martim se apegou a uma verdade apenas e com dificuldade afastou as outras. (Sem se dar conta, sua reconstrução já começara arquejante).** Não lhe importava que a origem de sua força presente tivesse sido um ato criminoso. O que importava é que daí ele tomara o impulso da grande reivindicação. (p. 130).

Vale ressaltar que, para o protagonista, ceder a esse relativismo é, por enquanto, apenas um utilitarismo sem o qual nem o piloto do projeto resistiria, pois, não existindo o ato de cólera, a ambiciosa reconstrução de Martim nem mesmo teria sido um embrião; haveria apenas um criminoso e sua fuga. Importa, contudo, reconhecer na meditação do narrador, com sua voz mais uma vez infiltrada na do personagem, a relevante reflexão sobre o significado de “verdade”.

Ao discutir a noção de verdade objetiva, Rorty (1980) argumenta que o fato de sermos arrastados pela realidade física provoca certa confusão de perspectiva. Segundo o autor, “confundimos *ter contato* com a realidade (uma relação causal, não intencional, não relativa à descrição) com *lidar* com a realidade (descrever, explicar, prever e

modificá-la- todas das quais são coisas que fazemos a partir de descrições)”<sup>23</sup> (p. 375). Apoiando-se em Sartre, Rorty explica que a ideia de um modo único e correto de descrever ou explicar a realidade, o qual estaria naturalmente contido em nossa intuição, ancora-se na “noção de termos uma realidade desvelada para nós, não obscuramente, através de um espelho, mas por meio de uma espécie inimaginável de imediaticidade que tornaria o discurso e a descrição supérfluos”<sup>24</sup> (p. 375). Se assim fosse, afirma o autor, se considerássemos ser algo inevitável, único panorama possível, aquilo que é fruto do discurso, aquilo que está vinculado ao ajustamento contínuo de ideias ou palavras, perderíamos a responsabilidade de escolha entre juízos e teorias concorrentes.

Quando, naquela tarde epifânica que passara junto ao rio, sobre a qual comentamos em 3.1.4, Martim pensa ter compreendido do que se tratava sua empreitada e decide apenas anotar as conclusões às quais chegara, ele, que somente por malícia aproveitara a maleabilidade do seu “real”, experimenta, dessa vez desprecavido, o confronto entre verdades. Outrora certo de que, com o símbolo adequado, o símbolo infalível, desvelaria o que quer estivesse tentando desvelar, o personagem passa a duvidar, recuando diante de um “irrealizável” que ele suspeitou ser a própria realização:

- (34) E ali estava ele. Que pretendia apenas anotar, nada mais que isto. E cuja inesperada dificuldade era como se ele tivesse tido a presunção de querer transpor em palavras o relance com que dois insetos se fecundam no ar. Mas quem sabe — perguntou-se então na perfeita escuridão do absurdo — **quem sabe se não é na expressão final que está o nosso modo de transpor os insetos se glorificando no ar. Quem sabe se o máximo dessa transposição está exatamente e apenas no querer...** (E assim ele estava salvando o valor de sua intenção, dessa intenção que não soubera se transformar em ação.) **Quem sabe se o nosso objetivo estava em sermos o processo. O absurdo dessa verdade então o envolveu.** E se assim for, oh Deus — a grande resignação que se precisa ter em aceitar que nossa beleza maior nos escape, se nós formos apenas o processo. (p. 173-174).

<sup>23</sup> “we confuse contact with reality (a causal, nonintentional, non-description-relative relation) with dealing with reality (describing, explaining, predicting, and modifying it- all of which are things we do under descriptions)” (RORTY, 1980, p. 375).

<sup>24</sup> “notion of having reality unveiled to us, not as in a glass darkly, but with some unimaginable sort of immediacy which would make discourse and description superfluous” (RORTY, 1980, p. 375).

Martim parece começar a compreender que operar com a linguagem sobre o mundo é justamente esse “tentar dizer e não conseguir”, não em razão de qualquer espécie de ineficiência sua ou da linguagem, mas por não haver um fosso a separá-la de uma dimensão oculta supostamente pré-segmentada. Conforme explica Marcuschi (2007, p. 89), “o mundo da experiência sensorial simplesmente não tem uma face externa diretamente palpável, seja aos nossos sentidos ou às nossas teorias. Toda nossa expressão do mundo é uma articulação inferencial na base de categorias ou conceitos”. Apoiado no pensamento de Kant, o autor argumenta que com a linguagem não captamos um retrato do mundo, em vez disso, a partir de nosso entendimento, de nossas operações conceituais, de nosso agir comunicativo, damos tratos racionais às nossas experiências, à natureza.

Uma vez ciente de que os fenômenos, os dados do mundo que tão avidamente quisera capturar, são na verdade semiotizações, o protagonista absolve a imitação e admite a opacidade do símbolo como consequência natural do modo como se dá o processo de construção dos significados e não como obstáculo a ser superado ou como defeito a ser corrigido:

- (35) Foi então que de repente ele disse em si mesmo: eu matei, eu matei, confessou afinal. Pois talvez fosse isso o que estavam esperando dele para livrá-lo do medo? e ele oferecia seu crime como refém. Mas — revoltou-se ele logo em seguida justificando-se para Deus — alguém tinha que se sacrificar e levar o sofrimento sem consolo até o último termo e então se tornar o símbolo do sofrimento! alguém tinha que se sacrificar, eu quis simbolizar o meu próprio sofrimento! eu me sacrifiquei! **eu quis o símbolo porque o símbolo é a verdadeira realidade e nossa vida é que é simbólica ao símbolo, assim como macaqueamos a nossa própria natureza e procuramos nos copiar! agora entendo a imitação: é um sacrifício!** (p. 223).

Ao reconhecer no símbolo “a verdadeira realidade”, Martim parece assumir o mesmo ponto de vista adotado por Marcuschi, para quem os fenômenos são de certo modo amorfos e adquirem a forma de nossas elaborações: “se por um lado, o mundo físico externo existe, por outro, ele não existe naturalmente *assim*, na forma como nós o identificamos como sendo isto ou aquilo” (p. 92, grifo do autor). Segundo salienta o autor, nossas semiotizações, que, nesse sentido, **constroem** os fenômenos, não são

atividades individuais, mas coletivas, sociais. “A língua é, assim, uma fonte de possibilidade de trabalhar e retrabalhar as versões públicas do mundo” (p. 96).

De acordo com essa concepção, entendemos que o único modo capaz de permitir a nosso protagonista dar sentido ao mundo que decidira destruir seria a ele reintegrar-se; readmitir, como condição para darmos forma a nossa existência amorfa, a colaboração a que renunciara; recuperar a linguagem dos outros:

- (36) — Ele está chorando, disse o de fumo na lapela indicando-o com a cabeça. Além de ser um... — ia dizer a palavra mas lembrou-se a tempo da presença de uma senhora — além disso, chora como um covarde. **E foi assim que, com a nova palavra de classificação, Martim entrou de novo no mundo dos outros, de onde saíra para reconstruir.** E reencontrou com humildade farejante — como um cão sem dentes mas com dono! — o mundo velho, onde ele era enfim alguma coisa, **nós que precisamos ser alguma coisa que os outros vejam, senão os próprios outros correrão o risco de não serem mais eles mesmos, e que complicação então!** Ele era a palavra que o investigador não ousara pronunciar diante de Vitória, e um covarde. (p. 314-315).

Tomar parte novamente nesse processo de colaboração tão imprescindível à construção dos significados implica, para Martim, reaver seu papel no jogo dramático em que consiste toda interação comunicativa. Ao identificar a necessidade de o personagem “ser alguma coisa que os outros vejam” e evitar assim que “os próprios outros [corressem] o risco de não serem mais eles mesmos”, o narrador parece evidenciar justamente a noção goffmaniana da representação. Conforme Salomão (1999, p. 71), “é Goffman quem diz que o encontro é sempre drama”, uma vez que, como operação social, impõe ao sujeito a assunção de um papel comunicativo que é “configurado frente à sua **audiência**, num trabalho de **mútua determinação**, através do qual se constrói **a face**” (p. 72, grifos da autora).

Para a autora, esse “entendimento da produção do sentido como **representação social** elide o risco caracterizado por Frege quanto à virtual incomensurabilidade das interpretações subjetivas” (p. 72, grifos da autora), pois o conhecimento que construímos, cooperativamente, numa cena específica, é validável na própria interação.

Salomão explica, nesse sentido, como é pela a ação dos sujeitos sobre o mundo e também sobre os outros sujeitos que a realidade se manifesta, apontando a metafísica

kantiana como uma ponte mediadora entre o idealismo platônico e o realismo aristotélico: “nem se abole o sujeito nem se atribui a ele o único sítio de produção de conhecimento. A diversidade histórica fica legitimada (porque o sujeito não é nulo nem único) de uma forma conciliável com o rechaçamento do relativismo radical” (p. 73).

A nosso ver, essa conciliação também termina por se fazer presente na trajetória de Martim. Ao refletir sobre o próprio percurso, o personagem conclui afinal que se, por um lado, **criara** para si um destino: “para dizer a verdade, não tenho a menor vergonha de, não sendo nada, ser tão poderoso: é que nós somos modestamente o nosso processo. Eu pertenci a meus passos, um a um, à medida em que (sic) estes avançavam e constituíam um caminho e construía o mundo” (LISPECTOR, 1998c, p. 311-312); por outro, “por mais liberdade que tivesse, **ele só poderia criar o que já existia**”:

- (37) Quisera estar desimpedido — e na verdade se desimpedira com um crime — não para inventar um destino! mas para copiar alguma coisa importante, que era fatal no sentido em que era alguma coisa que já existia. E de cuja existência aquele homem sempre soubera, como quem tem a palavra na ponta da língua e não consegue se lembrar. **Ele quisera estar livre para ir de encontro ao (sic) que existia. E que, nem por existir, era mais alcançável — era tão inatingível como inventar. Por mais liberdade que tivesse, ele só poderia criar o que já existia. A grande prisão. A grande prisão! Mas tinha a beleza da dificuldade. Afinal consegui o que quis. Criei o que já existe. E acrescentara ao que existia, algo mais: a imaterial adição de si mesmo.** (p. 323).

A conclusão a que chega o personagem parece ser assim muito similar àquela sugerida por Salomão (1999), a de que “podemos pleitear que toda ontologia (proposições de conjuntos de ‘entidades’, ‘atributos’, ‘relações’) resulte desta articulação interativa entre sujeito e mundo, derrotando a polaridade estanque entre ‘sujeito cognitivo’ e ‘realidade cognoscível’” (p. 74).

Antes de chegar, entretanto, a essa conclusão e compreender esse modo complexo e enigmático com que fazemos sentido do mundo, Martim enfrenta, no desenvolvimento conflituoso de seu drama, desafios e limitações que o fazem supor o fracasso de seu projeto. Na próxima seção, discutimos como tomam forma tais frustrações.

### 3.3. Reconstruir o mundo: frustrações de um projeto de reconstrução

A cada tentativa malograda de alcançar com a linguagem uma pretensa pureza ontológica, mais indefinida se torna a trajetória angustiada de Martim, que, perdendo-se de seus objetivos, considera a possibilidade de desistir da tarefa imprecisa de que se incumbira: “E a verdade é que o homem não queria mais nada. Nem mesmo sabia o que é que quisera tanto” (LISPECTOR, 1998c, p. 199).

No exemplo a seguir, observamos como o personagem, que, para devolver ao mundo a autenticidade supostamente perdida, planejara eliminar a pretensa imperfeição da linguagem dos outros, parece ter sido movido por um anseio similar à aspiração fregiana de tornar mais claros os problemas filosóficos a partir da lógica:

- (38) Ele tinha tentado inventar um novo modo de ver ou de entender ou de organizar, e tinha querido que esse modo fosse tão perfeito quanto o da realidade. Mas o que experimentara fora apenas a liberdade de um cão sem dentes. (p. 220).

O modo novo de ver, entender e organizar que Martim procurara inaugurar com a pretensão de não mentir a realidade remete-nos ao intento de Frege ([1892] 2011) de abolir por meio do simbolismo lógico os problemas da linguagem comum, provenientes, sobretudo, das descrições que apresentam sentido, mas não têm referência, pois

nelas são possíveis expressões que, em conformidade com a sua forma gramatical, parecem destinadas a designar um objeto, mas em casos excepcionais não realizam esse fim porque isso depende da verdade de uma frase. Assim, depende da verdade da frase ‘existe alguém que descobriu a forma elíptica da órbita dos planetas’ se a oração subordinada ‘quem descobriu a forma elíptica da órbita dos planetas’ realmente designa um objeto ou só desperta essa impressão, quando na verdade não tem referência. [...] Deve-se exigir de uma linguagem logicamente perfeita (Begriffsschrift) que cada expressão, construída gramaticalmente de modo correto como nome próprio a partir de símbolos já introduzidos, também designe realmente um objeto, e que nenhum novo símbolo seja introduzido como nome próprio sem que uma referência lhe seja assegurada (p. 34-35).

Tendo o protagonista alcançado, como máximo de êxito, a “liberdade de um cão sem dentes”, ele já manifesta vontade de voltar a “fazer parte de um sistema”, por precário que o considerasse. Por enquanto, essa vontade é apenas resignação ou a “covardia que é a submissão necessária de um homem” (LISPECTOR, 1998c, p. 224), mas o fato é que Martim parece já não desejar encontrar o símbolo perfeito ou a verdade oculta que ele deveria revelar:

- (39) Oh não lhe importava sequer que, logo depois de aceitar, se organizasse no caleidoscópio imediatamente uma nova falta de sentido. Uma falta de sentido harmoniosa e intangível, num sistema de novo fechado onde de novo ele não poderia entrar. **O que importava mesmo era fazer parte de um sistema — e livrar-se daquela sua natureza que de repente fez com que o homem recomeçasse a tremer da cabeça aos pés.** Oh não importava, pois ele já fora longe demais, e ter medo era tarde demais, já significava pertencer à salvação, o que quer que isso quisesse dizer. **Que importa se era essa ou não a palavra! nós que aludimos, nós que apenas aludimos.** (p. 224-225).

Esse “apenas aludir”, que o personagem, agora reinserido no sistema, reconhece como nossa habilidade máxima no uso da linguagem, remete, a nosso ver, à *filosofia edificante* de Rorty (1980). A tese do autor é a de que esse paradigma edificante deve substituir a velha *filosofia sistemática*, apoiada nas noções idealistas de realidade essencial e de verdade absoluta, fora da linguagem. Segundo Rorty, “o objetivo da filosofia edificante é manter o diálogo em vez de encontrar a verdade objetiva”<sup>25</sup> (p. 377). Na concepção do autor, supor que, com o vocabulário adequado, podemos descrever as coisas com precisão acarreta o assujeitamento dos seres, encobrindo, sob a pretensão platônica de objetividade, o fato de que tudo que somos capazes de conhecer, somente o fazemos de modo condicionado a descrições opcionais.

Neste exemplo, ignorando a verdade e dela abrindo mão, Martim recupera a linguagem dos outros, usando as palavras alheias a fim de consagrar o ritual confuso que o libertaria do medo e o reconduziria ao grupo dos “milhões de homens que vivem da lenta certeza que avança” (LISPECTOR, 1998, p. 306):

---

<sup>25</sup> “the point of edifying philosophy is to keep the conversation going rather than to find objective truth” (RORTY, 1980, p. 377).

- (40) E então, como ele não sabia qual era a verdade, ele se disse no bosque: eu creio na verdade, creio assim como vejo esta escuridão, creio assim como não entendo, creio assim como assassinamos, creio assim como nunca dei pão para quem tem fome, creio que somos o que somos, creio no espírito, creio na vida, creio na fome, creio na morte! — **disse ele usando palavras que não eram suas.** E porque não eram suas tiveram o valor do ritual que apenas esperavam para livrá-lo do medo, a única palavra de passe: creio. O homem fungou envergonhado. Uma nova e dolorosa dimensão se abria nele. O que “Deus” silenciosamente devia ter previsto na Sua estranha visão de nós. Na verdade o homem por um instante parecia ter perdido sua relatividade, assim como um cavalo às vezes fica desamparadamente absoluto. Seria isso o que Deus pacientemente esperara que ele compreendesse? era isso o que lhe prometera. **Mas mesmo que Deus pudesse falar, nada lhe teria dito porque se dissesse não seria compreendido.** E mesmo agora o homem não compreendia. (p. 226).

A aproximação entre as reflexões do personagem, nesse momento de sua jornada, e o relativismo rortiano ganha mais força, segundo nosso entendimento, quando observamos em (40) a forte semelhança entre a declaração que faz o narrador acerca da fala divina que, mesmo proclamada, não seria compreendida e o conhecido discurso do sofista Górgias, o qual, como comentamos em 1.1, Martins (2004) reconhece como ilustração expressiva de um relativismo embrionário no pensamento ocidental. Pelo ângulo sofista, por trás das palavras alheias, que nosso protagonista volta a usar, nada haveria a ser compreendido.

No exemplo a seguir, observamos como, resignado a tal situação, Martim é impelido a reafirmar o pacto que uma vez rompera para reconstruir. “E estava se entregando enorme, desajeitado como um bonecão de borracha cheio de ar” (LISPECTOR, 1998c, p. 307). Mas tinha aceitado, enfim, que sozinho, pequeno que era, jamais poderia ter sucedido em sua empreitada; para tanto, era preciso **colaborar** com os “milhares de outros pequenos [que] brotariam do chão e continuariam a tarefa da certeza” (p. 309). Apesar de todo o empenho empregado com o ato de cólera para fazer que os outros o rejeitassem e então romper com o velho mundo, o personagem, com algum pesar, decifra no desenrolar conturbado de seu processo a impossibilidade de burlar o caráter inevitavelmente social da linguagem:

- (41) E a verdade é que, ao sol, ele estava tão definitivamente emaranhado quanto o fora antes; **em qualquer lugar onde um homem pisava, instalava-se uma cidade, só faltavam os bondes e os cinemas.** Ermelinda queria que ele... o que queria mesmo Ermelinda? E Vitória forçava-o a recebê-la em confissão. **Era difícil não colaborar.** Vagamente então nasceu em Martim uma nova explicação para o seu crime — esse crime que cada vez se tornava mais elástico e amorfo, e o homem já se afastara tanto dele que na verdade lhe parecia ter cometido um crime abstrato, e na verdade seu crime agora parecia mais com um pecado de espírito, apenas. Assim, no sol, perseguido pela presença de Vitória, ele pensou assim: “que o único meio de ser livre, como um homem sem vocação tinha direito, fora cometer um crime, e fazer com que os outros não o reconhecessem mais como semelhante e nada exigissem dele; mas se essa explicação era a certa, então seu crime fora inútil: **enquanto ele próprio sobrevivesse, os outros o chamariam**”. Queimando ao sol, pareceu àquele homem cansado pela noite de domingo não dormida, que esta era a mais razoável explicação de seu crime. Inquieto, ele também sabia que apenas divagava. **Foi então que lhe ocorreu que estava mesmo na hora de ser preso. Para que lhe dissessem, afinal, qual fora o seu crime.** Estava na hora de ser preso e deixar que os outros o julgassem, pois ele — ele já fizera uma lenda de si próprio. (p. 275).

A decisão do personagem de aceitar o chamado dos outros, que fatalmente receberia enquanto vivesse, e de dispor-se a considerar a verdade alheia sobre o grande pulo, remete, sob nosso olhar, ao princípio davidsoniano o qual Marcuschi (2007) aponta como uma concepção que “permite invocar não apenas o partilhamento, mas a possibilidade de negociação e, sobretudo, uma comunidade de mentes sociais construindo as significações publicamente” (p. 137), o princípio da caridade. Com efeito, conforme explica Davidson (1974, p. 19),

a caridade nos é imposta; quer queiramos ou não, se desejamos entender os outros, devemos supor que estão certos a respeito da maioria das questões. [...] Nós compreendemos ao máximo as palavras e os pensamentos dos outros quando os interpretamos de uma maneira que otimize o acordo.<sup>26</sup>

---

<sup>26</sup> “charity is forced on us; - whether we like it or not, if we want to understand others, we must count them right in most matters. [...] We make maximum sense of the words and thoughts of others when we interpret in a way that optimizes agreement” (DAVIDSON, 1974, p. 19).

Entendemos assim que a caridade impõe-se a Martim, levando-o a procurar “estabelecer um compromisso entre a sua verdade e a verdade dos outros, tentando fazer de ambas as duas faces de uma só” (LISPECTOR, 1998c, p. 299). Ao admitir a necessidade de tal compromisso, o personagem abandona a ideia do fracasso. “E ele — que estivera certo de que havia desistido de sua reconstrução — viu que apenas tinha tido a grande paciência do artesão, e via grato que soubera dormir, o que é a parte mais difícil de um trabalho” (p. 294). Na próxima seção, discutimos essa súbita certeza despertada em nosso protagonista.

### 3.4. Reconstruir o mundo: epifanias de um projeto de reconstrução

Ao fim de sua jornada, prestes a ser apreendido, Martim chega à conclusão de que não fracassara com seu projeto. Em pé, diante de uma fogueira acesa para obedecer a mais uma tarefa de Vitória, o personagem tem outra revelação. Como na tarde junto ao rio em que finalmente decifrara o que pretendia, percebe então, envolvido na aura de fumaça, que tinha sido afinal bem sucedido: “Inesperadamente o primeiro passo de sua grande reconstrução geral se realizara: se aos poucos ele se tinha feito, agora se inaugurava. Ele acabara de reformar o homem. O mundo é largo mas eu também” (LISPECTOR, 1998c, p. 294).

Neste exemplo, ao protagonista parece já não incomodar nem mesmo a **fabricação** dos referentes, ou a suposta corrupção que ele julgara sofrerem as entidades do mundo nesse processo:

- (42) E quanto a não entender os outros... Bem, isso já não teria sequer importância. **Porque havia um modo de entender que não carecia de explicação.** E que vinha do fato final e irreduzível de se estar de pé, e do fato de outro homem também ter a possibilidade de ficar de pé — pois com esse mínimo de se estar vivo já se podia tudo. Ninguém teve até hoje mais vantagem que esta. Aliás — pensou Martim sentindo que se excedia ligeiramente mas já sem poder mais se conter — **aliás era tolice não entender. “Só não entende quem não quer!”**, pensou ousado. **Porque entender é um modo de olhar. Porque entender, aliás, é uma atitude. Martim, muito satisfeito, tinha essa atitude. Como se agora, estendendo a mão no escuro e pegando uma maçã, ele reconhecesse nos dedos tão desajeitados pelo amor uma maçã. Martim já não**

**pedia mais o nome das coisas. Bastava-lhe reconhecê-las no escuro. E rejubilar-se, desajeitado. E depois? Depois, quando sáísse para a claridade, veria as coisas pressentidas com a mão, e veria essas coisas com seus falsos nomes.** Sim, mas já as teria conhecido no escuro como um homem que dormiu com uma mulher. (p. 295-296).

Como bem observa Blikstein (2003, p. 86), “por mais inaceitável que seja o referente, é muito mais cômodo aconchegarmo-nos na confortável ilusão referencial moldada pela práxis comunitária”. Martim, tendo iniciado sua trajetória pareando-se, de certo modo, a Kaspar Hauser, isto é, desafiando essa práxis coletiva, parece mostrar-se agora ciente de que “a realidade tão bem ordenada e natural” (p. 86) é na verdade fruto dessa práxis.

Ao afirmar que, “apesar de o mundo ser, na iluminada concepção de G. Bachelard, ‘... primeiro o meu devaneio, depois a minha percepção, em seguida a minha representação, e, enfim, a minha retificação e o meu esquema...’” (p. 87), Blikstein sugere que “podemos sempre desafiar o esquema e negar o referente fabricado para a nossa percepção” (p. 87). É o que faz, a nosso ver, o protagonista de Clarice; não se deixa iludir ou acomodar com a percepção imposta pela práxis; sabe que, na claridade, teriam outros nomes as coisas reconhecidas no escuro. Martim parece mesmo seguir o exemplo de Magritte comentado por Blikstein, o qual afirma que, como o artista, “podemos dizer que *ceci continue de ne pas être une pipe*, ‘isto continua não sendo um cachimbo’”<sup>27</sup> (p. 87).

---

<sup>27</sup> Consideramos importante explicitar aqui o que Blikstein dá por pressuposto. Com a ilustração de 1952, na qual afirma “isto continua não sendo um cachimbo”, Magritte faz uma releitura bem humorada da obra de 1926, em que o pintor surrealista belga declara “*ceci n’est pas une pipe*” (isto não é um cachimbo). Segundo Foucault (1983), a dificuldade de nós decidirmos se a relação construída na obra é uma obviedade ou uma contradição revela que a aparente simplicidade presente no trabalho constitui na verdade uma estratégia interessante para problematizar a questão da representação.

René Magritte, “La trahison des images”, 1952



Fonte: <http://cimitan.blogspot.com.br/><sup>28</sup>

Acontece que, agora, que recuperava a linguagem, agora, que tinha assumido o compromisso de negociar verdades, “de novo trocando, comprando e vendendo” (LISPECTOR, 1998c, p. 299), Martim compreende que “a base do sentido de objetividade é a intersubjetividade” (DAVIDSON, 2008, p. 4):

- (43) Mas falara! Ele havia falado enfim. A frase sobre sua mulher fora das mais antigas, lentamente recuperada como um parálítico dá um passo. E havia ainda outras palavras que o esperavam, se a linguagem fosse recuperada... ele o descobrira com curiosidade quando dissera tão simplesmente que suspeitara um amante. **O que, se não era a melhor verdade, era afinal uma verdade que tinha valor de troca... Com curiosidade, com o peso no peito, ele estava de novo trocando, comprando e vendendo.** Fora isso então que lhe acontecera: suspeitara um amante. Só isso? E tudo o mais que pretendia, pensara ou quisera — tudo o mais começou a se tornar tão irreal que ele passou a mão delicada pela boca, **o destino de um homem era inventado?** Passou a mão pela boca seca, fascinado. (p. 298-299).

A reinserção do personagem nesses jogos que são as negociações de sentido permite, pelo confronto com padrões de racionalidade divergentes dos seus, que ele questione o destino que inventara para si. Segundo nossa compreensão, isso evidencia a noção de racionalidade como coerência, postulada por Davidson. Na opinião do autor,

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://cimitan.blogspot.com.br/2011/02/pipe-de-rene-magritte-o-cachimbo-mais.html>> Acesso em mar. 2014.

essa noção não implica o fracasso da objetividade; mas sua definição em outros termos, nos termos de um esforço mútuo por parte dos interlocutores de estabelecer consensos.

Assim, respondendo à questão wittgensteiniana sobre a diferença entre seguir uma regra e acreditar seguir uma regra, Davidson reconhece que é impossível haver regra quando seguida por apenas um indivíduo e sustenta que o que é requerido, para que haja comensurabilidade,

não é que as pessoas falem da mesma maneira, embora isso sirva. O que é requerido, a base da qual os conceitos de verdade e objetividade dependem para aplicação, é uma comunidade de entendimento, concordâncias entre os falantes sobre como cada um será compreendido. Tais ‘concordâncias’ nada mais são do que compartilhar expectativas: o ouvinte espera que o falante avance tanto quanto ele o fez anteriormente; o falante espera que o ouvinte avance tanto quanto antes. A frustração destas expectativas significa que alguém não avançou tanto quanto antes, isto é, como o outro esperava. Dado uma tal divergência, não há nenhuma declaração de quem está errado; isto deve depender de desenvolvimentos avançados ou de observadores adicionais. Mas as expectativas em comum e a possibilidade de sua frustração dão substância à ideia da diferença entre estar certo e estar errado, e ao conceito de verdade objetiva (p. 3-4).

Apoiando-nos na concepção do autor, entendemos que o absurdo da verdade de Martim é consequência de ter o personagem ignorado as expectativas alheias. Após “aprender” que seu crime fora passionai e saber que a mulher terminara por se salvar, ele procura **avançar**, então, construindo com os outros uma “verdade retrospectiva”:

- (44) E assim, ela nem morrerá. E assim apagava-se tudo. Nem o crime existia. O que sucedera, então? **Honestamente um homem deveria dizer: que tentara matar sua mulher porque tinha ciúme dela, pois, como qualquer pessoa adivinharia, ele amara tanto aquela esposa sonolenta.** Então, imediatamente baseado nisso, Martim se indagou aflito: “Ela me perdoará? Quanto tempo ficarei preso? Ainda terei tempo de começar a amá-la, de modo que, o que terminará sucedendo, é que sempre a amei?” **Ele se esforçava para construir uma verdade retrospectiva.** — E meu filho?! gritou em sobressalto, como um homem que acorda atrasado. **Usando de novo palavras, ele estremeceu: “sempre fora doido por aquele seu menino” — e agora essas palavras lhe cabiam por direito e ele as tomou com sofreguidão. — E meu filho!** (p. 301-302).

Essa avidez de Martim por readmitir a linguagem alheia é, no nosso entendimento, o anseio por compartilhar, outra vez, *formas de vida* com aqueles que “protegeriam com a ignorância o fardo, sem abrir-lhes o mistério, levando-o intato e assim por diante, etc.” (LISPECTOR, 1998c, p. 305). O personagem compreende que “certo e errado é o que os homens *dizem*; e os homens estão concordes na *linguagem*” (WITTGENSTEIN, 1996, p. 123, § 241, grifos do autor). O que ele, impaciente, parece desejar, portanto, é que chegue novamente a sua vez de jogar: “— Valorosa e boa, disse então bem alto para que os homens vissem que ele era um deles” (LISPECTOR, 1998c, p. 302).

Voltar a jogar é, assim, tudo que interessa agora a nosso protagonista. A verdade, em busca da qual delinear a seu percurso, deixa de ser o tesouro oculto a ser resgatado pelo herói que nele se fizera. Não negar, por outro lado, que tal tesouro exista, em nossa concepção, livra o personagem do buraco negro a que se refere Salomão (2005), “o risco relativista de reduzir a verdade a mero acordo intersubjetivo” (p. 77). Para Martim, há uma verdade que está além de uma “construção semântica, comunicativamente validada” (p. 77), mas nossa tarefa não é conhecê-la; é inventá-la:

- (45) Se saíra de casa “para saber se era verdade”, ele agora sabia que era. Aliás, ele sabia a verdade. Embora nunca pretendesse pronunciá-la, nem sequer sozinho consigo mesmo, pois, como se disse, ele se tornara um sábio — e a verdade, quando pensada, é impossível. Diabo! **A verdade foi feita para existir! e não para sabermos. A nós, cabe apenas inventá-la.** (p. 309-310).

Embora, para compreender o desfecho da jornada de Martim, e as voltas traçadas na própria trajetória da referência, procuremos refúgio na posição conciliadora que nos oferece a hipótese sociocognitiva, entendemos ser mesmo o conflito, a contradição, a tônica de um e outro fenômeno.

Se, no que concerne aos estudos da linguagem, sabemos que não há, felizmente, um discurso que permaneça apaziguado, em relação ao romance, ao menos, podemos dizer que enxergamos no personagem a autorrealização de um projeto bem sucedido. Ainda que a tensão esteja presente do começo ao fim na narrativa, o protagonista crê de fato no êxito da reconstrução: “‘Será que consegui mesmo alguma coisa?’ Mas consegui

dar existência ao mundo!” (LISPECTOR, 1998c, p. 323). E a crença é confirmada pelo narrador: “Afinal pode-se dizer que ele estava realizando tudo o que planejara, mesmo que não tivesse conseguido anotar no papel o que queria” (p. 328).

Vale ressaltar, por fim, que, se nesses trechos fomos capazes de distinguir entre as duas vozes, em diversos outros, inclusive em muitos dos exemplos analisados, a confusão sob a qual estas se configuram, nessa espécie peculiar de discurso indireto livre, marca do estilo de Clarice, nos impediu de identificar com precisão onde terminava a fala ou a reflexão do personagem e começavam as considerações do narrador onisciente.

Em *A maçã no escuro*, especificamente, parece até que essa peculiaridade funciona como uma estratégia argumentativa. Temos a impressão, ao longo da narrativa, de que a autora, apoiada nessa confusão de vozes, defende, como já comentamos, uma tese, o que se manifesta também por meio de outro recurso, o emprego do pronome de 2ª pessoa, que ocorre, por exemplo, nessas passagens: “Depois do que, Martim recomeçou mais devagar e procurou pensar com muito cuidado pois a verdade seria diferente se **você** a dissesse com palavras erradas” (p. 40); “Martim bem poderia chegar rapidamente a uma conclusão. Mas se **você** se purificou, o caminho se torna longo” (p. 144); “E tem uma coisa que nunca saberemos. Tem uma coisa que nunca saberemos, **você** sente isso, não sente?” (p. 306). Ao modo machadiano, a autora parece querer envolver o leitor na condução de uma argumentação que ela infiltra no discurso mesclado do personagem e do narrador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se não nos cabe, após tão breve e tímida discussão, imprimir a estas considerações o tom de desfecho, acreditamos ter o compromisso de ao menos retomar as questões que deram norte a nosso percurso e dispensar-lhes algum tratamento.

Construímos nossa reflexão com base na relação que enxergamos entre o drama da linguagem representado em *A maçã no escuro* e a tensão que se instala entre paradigmas filosóficos contrastantes de leitura do mundo, essencialismo, relativismo e seus desdobramentos. Consideramos ter tornado, em alguma medida, evidente o modo como, no romance de Clarice, essa relação aparece na meditação angustiada de Martim, o protagonista, e também, de maneira muito imbricada, no posicionamento assumido pelo narrador onisciente. Por outro lado, ao longo do caminho que trilhamos, percebemos que o representacionismo, o qual havíamos identificado por trás das primeiras aspirações do personagem, não aparece de forma alguma absoluto como imagináramos. Os anseios e as ações de Martim performam, como pensamos ter demonstrado, um movimento pendular que, ora aproximando-o, ora afastando-o dessa perspectiva, deram à sua relação com a linguagem a configuração de conflito desde o início da narrativa.

Buscamos, além disso, lançar sobre a confusa trajetória do protagonista um olhar guiado pelo sociocognitivismo, que, se nos pareceu, a princípio, uma hipótese teórica capaz de evidenciar a inexequibilidade de um projeto o qual, ingênua e precipitadamente, consideramos fadado ao fracasso, revelou-se, muito mais que isso, uma concepção que nos permitiu caminhar junto ao personagem, refletindo, a partir da problematização das noções de verdade, objetividade, cognição, discurso, interação, representação e referência, sobre o esforço extenuante de Martim, que é também o nosso, de compreender o ser, o mundo, e entender o lugar da linguagem nesse processo.

De fato, nossa jornada tanto se aproximou da do protagonista, com tanta intensidade nos reconhecemos em seus avanços e recuos, em seus arranjos e rearranjos, nas suas dúvidas sem respostas definitivas, nas suas inquietações jamais apaziguadas, que, em diversas passagens, o processo conflituoso de Martim e sua luta para

compreendê-lo nos pareceu uma alegoria de nosso próprio empenho para construir a compreensão do fenômeno que, ousadamente, decidimos abordar.

Por vezes, referimo-nos ao projeto de Martim como uma árdua e ambiciosa tarefa. Nesses momentos, não deixávamos de pensar que também nós, com o amplo passo que, arriscadamente, resolvemos dar, sem considerar com a devida cautela nossas pernas tão curtas, assumimos um compromisso tão audacioso quanto o do personagem. Entender com profundidade o embate filosófico que o drama da linguagem desempenha em *A maçã no escuro* requer um perscrutar teórico muito mais fundo e uma reflexão muito mais madura do que pudemos construir nesses dois anos de pesquisa, que, como bolsista de mestrado, foram-nos concedidos. Se é válido procurar nos redimir, no entanto, como Martim, que buscou salvar “o valor de sua intenção” (LISPECTOR, 1998c, p. 173), consideramos ter alguma importância a argúcia de nosso olhar, que soube ver no romance tanta potencialidade no que diz respeito ao estudo das questões conceituais ligadas aos atos de referência, abrindo assim caminho para que pesquisas futuras possam explorar as muitas lacunas que não preenchemos.

A nossa identidade com o protagonista e seu desgastante processo deu-se também em relação à sua luta com o símbolo. Em muitos momentos, nos vimos sofrendo o mesmo tormento de Martim, incapazes de encontrar “a palavra”, ou sem que nela reconhecêssemos os sentidos que buscávamos construir. Isso provocou, também em nós, crises paradigmáticas, e junto ao personagem nos esforçávamos, obstinados, à procura de uma conciliação, ainda que temporária, entre nossas crenças colidentes.

Chegamos a pensar nesses momentos que era absurda nossa empreitada; que tinha razão Martim, quando conclui que há coisas “em que não se mexe” (LISPECTOR, 1998c, p. 219) e que não devemos tocar “de perto demais a ilusão” (p. 219). E nossa vontade era então **não dizer**, apenas **mostrar** os dados, expor os trechos do romance para que chegassem os leitores às suas próprias conclusões, sem que nossas palavras dificultassem o processo.

De modo semelhante ao do protagonista se deu também nosso aprendizado difícil de que não havia **mostrar** sem palavras. Se persistiu nosso desassossego foi por enxergar nessa circunstância, não exatamente reconfortante, um desafio que é talvez mais aterrorizante do que a prisão da inefabilidade. Se nos tornamos cientes de que não nos cabe culpar a linguagem, se entendemos seu caráter indexical como vantagem,

como plasticidade, mais ainda, como condição imprescindível à negociação dos significados, assumimos a pesada responsabilidade de dar forma ao mundo, fazer sentido de nós e de nossas práticas.

No caso do personagem de Clarice, admitir esse deslocamento da responsabilidade do **dizer** afetou sua percepção sobre o fenômeno da (re)categorização. Tal transformação é mais uma questão que procuramos explicitar em nosso trabalho. Acreditamos ter demonstrado como a suposta inadequação das categorias lexicais que havia provocado a recategorização radical do protagonista deixa de representar um problema sob o olhar de Martim. O crime que ele cometera e que havia recategorizado como o grande pulo volta a ser crime antes do desfecho do romance. O personagem expressa, aliás, uma avidez cômica por readmitir as palavras alheias, outrora abnegadas. Exemplo disso é o episódio final da narrativa. Envolvido por um temor delirante, logo antes de ser apreendido pelos investigadores, Martim estabelece, com o fantasma do pai, um diálogo caricato em que resgata um amontoado de clichês e ditos populares: “— Você sabe que o amor é cego, que quem ama o feio bonito lhe parece, e que seria do amarelo se não fosse o mau gosto? e que em casa de ferreiro espeto de pau, e quem não tem cão caça com gato, e boca-não-erra?” (LISPECTOR, 1998c, p. 332).

Essa mudança de percepção do protagonista acerca do fenômeno da (re)categorização se relaciona, a nosso ver, com a assunção de uma concepção de linguagem que admite como essenciais para o dizer diversos outros elementos além do sinal linguístico e que, postulando a continuidade entre tais elementos, não considera a linguagem contígua ao que quer que seja; toma-a como dimensão inseparável e constitutiva da própria vida. Desse modo, com nossa discussão, buscamos, por fim, mostrar a proximidade entre essa concepção e aquela que amparou a passagem da noção de referência à de referenciação. Acreditamos que, ao evidenciar a relação estreita entre as reflexões incorporadas, por intermédio do narrador, na figura do personagem e os pressupostos que sustentam tal concepção, demos ênfase a essa semelhança.

A tese que, como mencionamos em 3.4, Clarice parece defender, utilizando como recurso argumentativo a confusão de vozes entre narrador e personagem, é justamente, segundo nosso entendimento, a de que compreender e dizer o mundo é uma atividade muito mais complexa do que transmitir com auxílio de uma ferramenta ineficiente significados ocultos sob uma espécie de dimensão velada. Para provar seu

ponto vista, a autora impõe ao personagem um movimento cíclico, abduativo, que ele desempenha em busca da compreensão de seu conflito, o que, conforme nossa concepção, faz de *A maçã no escuro* uma metáfora não só da trajetória conceitual da referência, mas do próprio processo epistemológico.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, I. L. **Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. Subjetividade e linguagem são mutuamente excludentes? **Princípios**, Natal, v. 14, n. 21, p.83-103, 2007.

AUSTIN, J.L. **How to do things with words**. Oxford: Clarendon Press, 1962.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral I**. 4 ed. Campinas: Pontes, 1995a.

\_\_\_\_\_. **Problemas de linguística geral II**. 4 ed. Campinas: Pontes, 1995b.

BLIKSTEIN, I. **Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade**. 9 ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

CARNEIRO, G. L. **A poesia de Alberto Caeiro à luz da filosofia de Martin Heidegger**. 101p. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CAEIRO, A. **Poemas completos** / Fernando Pessoa. São Paulo: Nobel, 2008.

CARDOSO, S. H. B. **A questão da referência**. Campinas: Editores Associados, 2003.

CAVALCANTE, M. M. **Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos**. 204p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.

\_\_\_\_\_. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, 44, Jan./Jun., 2003, p. 105-118.

\_\_\_\_\_. Processos de referenciação - uma revisão classificatória. **Anais da Anpoll**, Maceió, v. 1, n.1, 2004, p. 1-13.

CIULLA, A. **A referenciação anafórica e dêitica** – com atenção especial para os dêiticos discursivos. 104p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2002.

\_\_\_\_\_. **Os processos de referência e suas funções discursivas:** o universo literário dos contos. 205p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

COELHO JUNIOR, N. E.; SIMÃO, L. M.; SOUZA, M. T. C. **Noção de objeto, concepção de sujeito:** Freud, Piaget e Boesch. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

COSTA, M. H. A. **Acessibilidade de referentes:** um convite à reflexão. 214p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

DAVIDSON, D. On the very idea of a conceptual scheme. **Proceedings and addresses of the American Philosophical Association**, v. 47, p. 5-20, 1974.

\_\_\_\_\_. **A filosofia de Davidson** (Síntese da filosofia de Davidson por ele próprio). (Tradução de Heraldo Aparecido Silva). 2008. Disponível em: [http://ghiraldelli.files.wordpress.com/2008/07/davidson\\_davidson.pdf](http://ghiraldelli.files.wordpress.com/2008/07/davidson_davidson.pdf). Acesso: 28 mai. 2014.

GOFFMAN, E. **The presentation of self in everyday life**. New York: Doubleday, 1959.

\_\_\_\_\_. **Frame analysis:** an essay on the organization of experience. Boston: Northeastern University Press, 1986.

FOUCAULT, M. **This is not a pipe** (with illustrations and letters by René Magritte). Translated and edited by James Harkness. Enlarged ed. Berkeley: University of California Press, 1983.

FREGE, G. Sobre o sentido e a referência. Tradução de Sérgio R. N. Miranda. **FUNDAMENTO** – Rev. de Pesquisa em Filosofia, Ouro Preto, v. 1, n. 3, 2011.

LEITE, R. L. **Metaforização textual**: a construção discursiva do sentido metafórico no texto. 213p. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

LISPECTOR, C. **A cidade sitiada**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998a.

\_\_\_\_\_. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998b.

\_\_\_\_\_. **A maçã no escuro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998c.

\_\_\_\_\_. **A paixão segundo G.H.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998d.

\_\_\_\_\_. **Água viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998e.

\_\_\_\_\_. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998f.

\_\_\_\_\_. **Uma aprendizagem ou livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998g.

\_\_\_\_\_. **O lustre**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999a.

\_\_\_\_\_. **Um sopro de vida**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999b.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

MARTINS, H. Sobre a estabilidade do significado em Wittgenstein. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 19-42, 2000.

\_\_\_\_\_. Três caminhos na filosofia da linguagem. In: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (org.) **Introdução à Linguística**. São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. Dizer-mostrar o estranho. **ALEA**: Estudos Neolatinos, Rio de Janeiro, vol. 14/1, p. 93-105, 2012.

MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. (Tradução de Cristina Magro e Victor Paredes). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MONDADA, L.; DUBOIS D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.) **Referenciação**. Clássicos da Linguística. V.1. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.

NUNES, B. **O Drama da linguagem**: uma leitura de Clarice Lispector. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.

O ENIGMA de Kaspar Hauser. Direção de Werner Herzog. Roteiro: Werner Herzog, Jakob Wassermann. 1974. (110 min.), son., color. Legendado.

OTTONI, P. John Langshaw Austin e a visão performativa da linguagem. **DELTA**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 117-143, 2002.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. 24. ed. (Tradução de Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

PINTO, P. R. M. A dialética da linguagem e do silêncio em Ludwig Wittgenstein e Clarice Lispector. In: MAC DOWELL, J. A.; YAMAMOTO, M. Y. (Org.). **Linguagem & Linguagens**. 1ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005, p. 49-94.

PLATÃO. **Cratilo o de la exactitud de los nombres**. Edição eletrônica de [www.philosophia.cl](http://www.philosophia.cl) / Escuela de Filosofía Universidad ARCIS.

RAJAGOPALAN, K. “Dos dizeres diversos em torno do dizer”. **DELTA**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 223-254, 1990.

RORTY, R. **Philosophy and the mirror of nature**. Princeton: Princeton University Press, 1980.

SALOMÃO, M. M. Gramática e interação: o enquadre programático da hipótese sociocognitiva sobre a linguagem. **Veredas**, Juiz de Fora, v.1, n. 1, p. 23-39, 1997.

\_\_\_\_\_. A questão da construção de sentidos e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Veredas**, Juiz de Fora, v.3, n.1, p. 61-79, 1999.

\_\_\_\_\_. Razão, realismo e verdade: o que nos ensina o estudo sociocognitivo da referência. In: KOCH, I. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C.; (Orgs.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 151-168.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 28. ed. (Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein). São Paulo: Cultrix, 2006.

TEIXEIRA, E. N.; MARTINS, H. Curso de Linguística Geral: reação e adesão à perspectiva representacionista. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 6, p. 1-25, 2008.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações filosóficas**. 2. ed. (Tradução de Marcos G. Montagnoli). Petrópolis: Vozes, 1996.

## **APÊNDICE**

Quadro de dados por categoria

1. RECONSTRUIR O MUNDO	2. RECONSTRUIR O MUNDO PELA LINGUAGEM	3. ABANDONAR A LINGUAGEM CONVENCIONAL	4. VIVER EM UM PLANO SENSORIAL SEM LINGUAGEM	5. CRIAR UMA LINGUAGEM CAPAZ DE REFLETIR A REALIDADE	6. CRIAR UMA LINGUAGEM PRIVADA	7. CRENÇA NUMA REALIDADE ABSTRATA, ESSENCIAL, INDEPENDENTE, CORROMPÍVEL PELA LINGUAGEM	8. CRENÇA NUMA LINGUAGEM CAPAZ DE TRANSFORMAR E CONSTRUIR EM VEZ DE REFLETIR
<p>[...] o rádio e a mulher nada tinham a ver com a minuciosa raiva de um homem que provavelmente já tinha em si o fato de que um dia teria que começar pelo exato começo (p.20)</p> <p>Imaginem, recomeçou então inesperadamente quando estava certo de que nada mais tinha a lhes dizer, imaginem uma pessoa que tenha precisado de um ato de cólera, disse para uma pedra pequena que o olhava com um rosto calmo de criança. Essa pessoa</p>	<p>A culpa não o atingia mais. “Crime”? Não. “O grande pulo” — estas sim pareciam palavras dele, obscuras como o nó de um sonho. (p.26)</p> <p>Estaria ele descrevendo seu crime como um homem que pintasse num quadro uma mesa — e ninguém a reconhecesse porque o pintor a pintara do ponto de vista de quem está embaixo da mesa? Que é que aquele homem, em duas</p>	<p>— Não sei mais falar, disse então para o passarinho, evitando olhá-lo por uma certa delicadeza de pudor. Só depois pareceu entender o que dissera, e então olhou face a face o sol. “Perdi a linguagem dos outros”, repetiu então bem devagar como se as palavras fossem mais obscuras do que eram, e de algum modo muito lisonjeiras. Estava serenamente orgulhoso, com os olhos claros e satisfeitos. (p.21 e 22)</p>	<p>Então o homem se sentou numa pedra, ereto, solene, vazio, segurando oficialmente o pássaro na mão. Porque alguma coisa estava lhe acontecendo. E era alguma coisa com um significado. Embora não houvesse um sinônimo para essa coisa que estava acontecendo. Um homem estava sentado. E não havia sinônimo para nenhuma coisa, e então o homem estava sentado.</p>	<p>Com o rosto batido pelo vento que logo passou a simbolizar alguma coisa, Martim viu embaixo os animais soltos no pasto. Desde que havia entendido as vacas, pela primeira vez se achava acima delas na encosta. E também isto lhe bateu no peito. Com o coração batendo Martim então se lembrou inesperadamente de como um homem costuma ser: era como ele estava sendo agora! Numa</p>	<p>A culpa não o atingia mais. “Crime”? Não. “O grande pulo” — estas sim pareciam palavras dele, obscuras como o nó de um sonho. (p.26)</p> <p>Com deslumbramento, vira que a coisa inesperadamente funcionava: que um ato ainda tinha o valor de um ato. E também mais: com um único ato ele fizera os inimigos que sempre quisera ter — os outros. E mais ainda: que ele próprio se tornara enfim incapacitado de ser o homem</p>	<p>E de tal modo, com perverso gosto, o homem se sentia agora longe da linguagem dos outros que, por um atrevimento que lhe veio da segurança, tentou usá-la de novo. E estranhou-a, como um homem que escovando sóbrio os dentes não reconhece o bêbedo da noite anterior. Assim, ao remexer agora com fascínio ainda cauteloso na linguagem morta, ele tentou por pura experiência dar o título antigamente tão</p>	<p>Embora houvesse os que, apesar de maduros, tinham — “tinham como uma lepra a infância devorando o peito”. Esta última frase o homem disse com vaidade porque lhe pareceu que organizara com alguma perfeição as palavras. Certamente o que fez Martim experimentar essa perfeição foi o fato de suas palavras terem de algum modo ultrapassado o que ele quisera</p>

<p>foi vivendo, vivendo; e os outros também imitavam com aplicação. Até que a coisa foi ficando muito confusa, sem a independência com que cada pedra está no seu lugar. E não havia sequer como fugir de si porque os outros concretizavam, com impassível insistência, a própria imagem dessa pessoa: cada cara que essa pessoa olhava repetia em pesadelo tranqüilo o mesmo desvio. (p.28)</p> <p>Imaginem uma pessoa, continuou então, que não tinha coragem de se rejeitar: e então precisou de um ato que fizesse com que os outros a rejeitassem, e ela própria então não pudesse mais</p>	<p>semanas apenas, terminara por fazer do próprio crime?</p> <p>Ainda se perguntou com uns restos de escrúpulo: “foi isso mesmo o que me aconteceu?” Mas um segundo depois era tarde demais: se esta não era a verdade, passaria a sê-la.</p> <p>O homem sentiu com alguma gravidade que este instante era muito sério: de agora em diante era unicamente com esta verdade que ele passaria a lidar.</p> <p>O que lhe escapou era se explicara desse modo seu crime porque assim realmente acontecera — ou se porque todo ele estava pronto para esse tipo de realidade.</p>	<p>Porque mesmo a compreensão, a pessoa imitava. A compreensão que nunca fora feita senão da linguagem alheia e de palavras. Mas restava a desobediência. Então — através do grande pulo de um crime — há duas semanas ele se arriscara a não ter nenhuma garantia, e passara a não compreender. E sob o sol amarelo, sentado numa pedra, sem a menor garantia — o homem agora se rejubilava como se não compreender fosse uma criação. Essa cautela que uma pessoa tem de transformar a coisa em algo comparável e então abordável, e, só a partir desse momento de segurança, olha e</p>	<p>Assim era. O bom é que era indiscutível. E irreversível. É verdade que aquela coisa que lhe estava acontecendo tinha um peso a se suportar — ele bem reconheceu o peso familiar. Era como o peso dele próprio. Embora fosse alguma coisa ímpar: aquele homem parecia não ter mais nada equivalente a pôr no outro prato da balança. (p.22)</p> <p>“Mas não havia um sinônimo sequer para um homem sentado com um pássaro na mão.” Então, paciente e digno, esperou que a coisa passasse sem que ele ao menos a tocasse. (p.23)</p>	<p>sensação agonizante, ele se sentiu uma pessoa. Martim estava de algum modo humilde, se era ser humilde o modo involuntariamente triunfante como estava montado num cavalo — o que lhe dava altura e espanto e determinação e visão mais larga. Nessa inesperada humildade ele pareceu reconhecer mais um sinal de que estava emergindo porque só os animais eram orgulhosos, e só um homem também era humilde. Também a essa coisa indefesa e no entanto audaciosa ele quis dar um nome, mas</p>	<p>antigo pois, se voltasse a sê-lo, seria obrigado a se tornar o seu próprio inimigo — uma vez que na linguagem de que até então vivera ele simplesmente não poderia ser amigo de um criminoso. Assim, com um único gesto, ele não era mais um colaborador dos outros, e com um único gesto cessara de colaborar consigo mesmo. Pela primeira vez Martim se achava incapacitado de imitar. (p.27)</p> <p>“Eu não sou nada”, disse-se então Martim, dessa vez por safadeza, pestanejando de prazer. É que, através de um raciocínio muito complicado, tinha chegado à conclusão de que fora uma</p>	<p>familiar de “crime” a essa coisa tão sem nome que lhe sucedera. Mas “crime”? A palavra ressoou vazia no descampado, e também a voz da palavra não era sua. Então, finalmente convencido de que não seria capturado pela linguagem antiga, ele experimentou ir um pouco mais longe: sentira por acaso horror depois de seu crime? O homem apalpour com minúcia sua memória. Horror? e no entanto era o que a linguagem esperaria dele. (p.25 e 26)</p> <p>Embora houvesse os que, apesar de maduros, tinham — “tinham como uma lepra a</p>	<p>dizer. E, embora se sentindo ludibriado por elas, preferiu o que dissera ao que realmente pretendia dizer, por causa do modo muito mais certo como as coisas nos ultrapassam. O que também lhe deu, no mesmo instante, uma impressão de fracasso; e de resignação ao modo como acabara de se vender a uma frase que tinha mais beleza que verdade. (p.34)</p> <p>Oh, pode-se dizer que nada acontecia enquanto ele estava na encosta. E nem ele exigia ainda que algo acontecesse. Parecia bastar-lhe a tarde de luz rasgada, o ar</p>
---	--	--	---	---	---	--	---

<p>viver consigo. (p.29)</p> <p>— Imaginem uma pessoa que era pequena e não tinha força. Ela na certa sabia muito bem que toda a sua força reunida, tostão por tostão, só seria suficiente para comprar um único ato de cólera. E na certa também sabia que esse ato teria que ser bem rápido, antes que a coragem acabasse, e teria mesmo que ser histórico. Essa pessoa, então, quando menos esperava, executou esse ato; e nele investiu toda a sua pequena fortuna. Bastante espantado com o que acabara de pensar, o homem se interrompeu com curiosidade: “então foi o que aconteceu?” Era a primeira vez que lhe ocorria. (p.29)</p>	<p>Ou, mesmo, se estaria dando falsas razões por mera esperteza de fugitivo que se defende. (p.30)</p> <p>Depois do quê, Martim começou mais devagar e procurou pensar com muito cuidado pois a verdade seria diferente se você a dissesse com palavras erradas. Mas se você o disse com as palavras certas, qualquer pessoa saberá que aquela é a mesa sobre a qual comemos. De qualquer modo, agora que Martim perdera a linguagem, como se tivesse perdido o dinheiro, seria obrigado a manufaturar aquilo que ele</p>	<p>se permite ver porque felizmente já será tarde demais para não compreender — essa precaução Martim perdera. E não compreender estava de súbito lhe dando o mundo inteiro. Que era inteiramente vazio, para falar a verdade. Aquele homem rejeitara a linguagem dos outros e não tinha sequer começo de linguagem própria. E no entanto, oco, mudo, rejubilava-se. A coisa estava ótima. (p.25)</p> <p>E de tal modo, com perverso gosto, o homem se sentia agora longe da linguagem dos outros que, por um atrevimento que lhe veio da segurança, tentou</p>	<p>Antes que passasse, ele involuntariamente a reconheceu. Aquilo — aquilo era um homem pensando. . . Então com infinito desagrado, fisicamente atrapalhado, ele se Lembrou no corpo de como é homem pensando. Homem pensando era aquilo que, ao ver algo amarelo, dizia com esforço deslumbrado: essa coisa que não é azul. Não que Martim tivesse chegado propriamente a pensar — mas o reconheceu como se reconhece na forma das pernas imóveis</p>	<p><b>não existia.</b> (p. 110)</p> <p>E de tudo restou para o homem apenas a sensação um pouco inútil de ter enfim emergido. E o coração de uma pessoa viva. O que, se era pouco, lhe deu um poder muito grande; como pessoa ele era capaz de tudo. Talvez tenha sido isso o que ele sentiu. E para lhe mostrar até que ponto tudo estava convergindo para uma realização — como quando a graça existe — Vitória neste mesmo momento estendeu o braço apontando ao longe uma montanha de encostas suavizadas pela impossibilidade</p>	<p>bênção ele ter errado, porque, se tivesse acertado, provar-se-ia que a tarefa de vida era para um homem só — o que, contraditoriamente, faria com que a tarefa não se fizesse... (p.309 e 310)</p>	<p>infância devorando o peito”</p> <p>Esta última frase o homem disse com vaidade porque lhe pareceu que organizara com alguma perfeição as palavras. Certamente o que fez Martim experimentar essa perfeição foi o fato de suas palavras terem de algum modo ultrapassado o que ele quisera dizer. E, embora se sentindo ludibriado por elas, preferiu o que dissera ao que realmente pretendia dizer, por causa do modo muito mais certo como as coisas nos ultrapassam. <b>O que também lhe deu, no mesmo instante, uma impressão de fracasso; e de</b></p>	<p>nu e o espaço vazio. Até mesmo uma palavra pensada afundaria o ar. Ele se abstinha. Ali, existir já era uma ênfase. Como se já fossem uma audácia e um avanço uma pessoa estar de pé na claridade. E era como se ali Martim se tornasse o símbolo dele mesmo. Ele que, enfim, se encarnara em si próprio. Os passarinhos, escapulindo da luz, se mantinham dentro da escuridão dos galhos cheios. A claridade restava solitária, azul, fina. Era a tarde. E Martim olhava como se olhar fosse ser um homem. Ele gozava seu estado. Era uma</p>
---	---	---	--	--	---	--	---

<p>Refeito, então, recomeçou o seu sermão para as pedras:</p> <p>— Com um ato de violência essa pessoa de quem estou falando matou um mundo abstrato e lhe deu sangue. (p.31)</p> <p>Oh, pode-se dizer que nada acontecia enquanto ele estava na encosta. E nem ele exigia ainda que algo acontecesse. Parecia bastar-lhe a tarde de luz rasgada, o ar nu e o espaço vazio. Até mesmo uma palavra pensada afundaria o ar. Ele se abstinha. Ali, existir já era uma ênfase. Como se já fossem uma audácia e um avanço uma pessoa estar de pé na claridade. E era como se ali Martim se tornasse o símbolo dele mesmo. Ele que, enfim, se</p>	<p>quisesse possuir. Ele se lembrou de seu filho que lhe dissera: eu sei por que é que Deus fez o rinoceronte, é porque Ele não via o rinoceronte, então fez o rinoceronte para poder vê-lo. Martim estava fazendo a verdade para poder vê-la. (p.31)</p> <p>Refeito, então, recomeçou o seu sermão para as pedras:</p> <p>— Com um ato de violência essa pessoa de quem estou falando matou um mundo abstrato e lhe deu sangue. E isso ele disse com a resignação estóica de quem já deu um jeito de fazer com que a ênfase não esteja mais em mentir ou falar a</p>	<p>usá-la de novo. E estranhou-a, como um homem que escovando sóbrio os dentes não reconhece o bêbedo da noite anterior. Assim, ao remexer agora com fascínio ainda cauteloso na linguagem morta, ele tentou por pura experiência dar o título antigamente tão familiar de “crime” a essa coisa tão sem nome que lhe sucedera. Mas “crime”? A palavra ressoou vazia no descampado, e também a voz da palavra não era sua. Então, finalmente convencido de que não seria capturado pela linguagem antiga, ele experimentou ir um pouco mais longe: sentira por</p>	<p>o possível movimento. E mais que isso ele reconheceu: essa coisa na verdade estivera durante toda a fuga com ele. Fora apenas por desleixo que quase a deixara agora se alastrar. (p.23)</p> <p>Mas o homem estava perturbado: então não seria uma pessoa capaz de dar dois passos livres sem cair no mesmo erro fatal? pois o velho sistema de inutilmente pensar, e de mesmo comprazer-se em pensar, tentara voltar: sentado na pedra com o passarinho na mão, por descuido até prazer ele tivera. E, se se descuidasse um</p>	<p>de serem tocadas... Martim teve então uma espécie de certeza de que este era o gesto que ele procurara: tanto as distâncias parecem precisar de alguém que as determine com um gesto. Assim o homem escolheu concluir que é este o gesto humano com que se alude: apontar. (p.113 e 114)</p> <p>Só que, em reivindicação, queria pegar a tarefa no ponto em que a mulher a deixara, e pleiteava que de agora em diante se incumbisse ele mesmo de determinar. E nesse instante foi como se todo um</p>		<p>resignação ao modo como acabara de se vender a uma frase que tinha mais beleza que verdade. (p.34)</p> <p>Era danado de bom não mentir. Pois, sentado na pedra, ele não fazia nada mais que isso: não mentia. (p.88)</p> <p>Nesse intervalo amanheceu. E abrindo a primeira vala na luz da manhã, ao mesmo tempo que as mãos grossas lhe obedeciam, Martim já começara a se aplicar num trabalho de infinita exatidão e vigilância. Que era o de açambarcar-se e, consigo, o mundo? Era isso mesmo o que ele fazia? Mas será realmente</p>	<p>generosidade do mundo para com ele. Recebia-a sem pejo. Pois, não se sabe por quê, ele não tinha mais vergonha. Ao ponto de um dia, diante da claridade inóspita e sem nenhum sentido, ele ter enfim pensado, um pouco inquieto e avançando: “por Deus, se não criássemos um mundo, este mundo apenas divino não nos receberia”. (p.120)</p> <p>Era isso, então. Então Martim se perguntou com intensidade e com dor: seria isso mesmo? Porque suas verdades não pareciam suportar muito tempo de atenção sem que se</p>
---	---	---	---	---	--	---	---

<p>encarnara em si próprio. Os passarinhos, escapulindo da luz, se mantinham dentro da escuridão dos galhos cheios. A claridade estava solitária, azul, fina. Era a tarde. E Martim olhava como se olhar fosse ser um homem. Ele gozava seu estado. Era uma generosidade do mundo para com ele. Recebia-a sem pejo. Pois, não se sabe por quê, ele não tinha mais vergonha. Ao ponto de um dia, diante da claridade inóspita e sem nenhum sentido, ele ter enfim pensado, um pouco inquieto e avançando: “por Deus, se não criássemos um mundo, este mundo apenas divino não nos receberia”. (p. 120)</p>	<p>verdade. Aquele homem acabara de se desprender definitivamente. Depois do quê, ficou muito satisfeito olhando. A coisa estava ficando cada vez melhor. De baixo para cima, ele reconhecia cada vez mais a mesa. (p.31)</p> <p>Fora das ordens e da execução das ordens, pouco havia a dizer. E começava a fazer falta o que não se dizia. (p. 93)</p> <p>E como da primeira vez, a glória do ar livre aproximou-o de alguma coisa que lhe bateu duro no peito e que doeu na extrema perturbação da felicidade que às vezes se sente.</p>	<p>acaso horror depois de seu crime? O homem apalpou com minúcia sua memória. Horror? e no entanto era o que a linguagem esperaria dele. (p.25 e 26)</p> <p>Naquele porão vegetal, que a luz mal nimbava, o homem se refugiava calado e bruto como se somente no princípio mais grosseiro do mundo aquela coisa que ele era coubesse: no terreno rastejante a harmonia feita de poucos elementos não o ultrapassava nem ao seu silêncio. O silêncio das plantas estava no seu próprio diapasão: ele grunhia aprovando. Ele que não tinha uma</p>	<p>minuto mais, recuperaria numa só golfada sua existência anterior: quando pensar fora a ação inútil e o prazer apenas vergonhoso. Desamparado, mexeu-se na pedra quente: parecia procurar um argumento que o protegesse. Precisava defender o que, com enorme coragem, conquistara há duas semanas. Com enorme coragem, aquele homem deixara enfim de ser inteligente. (p.24)</p> <p>“Na verdade”, pensou então experimentando com cuidado esse truque de defesa, “na verdade apenas imitei a inteligência assim como poderia</p>	<p>futuro ali mesmo se estivesse esboçando, e ele só fosse conhecer os detalhes à medida que os criasse. Martim passara a pertencer a seus próprios passos. Ele era dele mesmo. (p.114)</p> <p>Mas como? de que modo ser objetivo? Porque se uma pessoa não quisesse errar — e ele não queria errar nunca mais — terminaria prudentemente se mantendo na seguinte atitude: “não há nada tão branco como o branco”, “não há nada tão cheio de água como uma coisa cheia de água”, “a coisa amarela é amarela”. O que não seria mera prudência, seria</p>		<p>importante saber o que ele fazia? Ele estava fazendo um sonho — que era o único modo como a verdade podia vir a ele e como ele podia vivê-la. Será então indispensável entender perfeitamente o que lhe acontecia? Se nós profundamente o entendemos, precisamos também entendê-lo superficialmente? Se reconhecemos no seu mover-se lento o nosso próprio formar-se — assim como se reconhece um lugar onde pelo menos uma vez se esteve — será necessário traduzi-lo em palavras que nos comprometem? (p. 132)</p> <p>(Oh, bem foi avisado que se</p>	<p>deformassem. E, por um instante, a verdade tanto poderia ser esta como outra: imutável era apenas o campo. Foi pois à custa de um controle de arte que Martim se apegou a uma verdade apenas e com dificuldade afastou as outras. (Sem se dar conta, sua reconstrução já começara arquejante.) Não lhe importava que a origem de sua força presente tivesse sido um ato criminoso. O que importava é que daí ele tomara o impulso da grande reivindicação. (p. 123)</p> <p>Agora que emergira até chegar ao ponto de homem na encosta, agora que emergira até</p>
---	---	--	---	---	--	--	--

<p>Bem que lhe ocorreu que estava invertendo o que acontecera. Que não cometera um crime para se dar a oportunidade de saber o que um homem quer — essa oportunidade nascera casualmente com o crime. Mas procurou ignorar o incômodo sentimento de mistificação: ele precisava desse erro para ir adiante, e usou-o como instrumento. E, voluntariamente passando ao largo de sua confusão, o homem tentou enfim se abordar. Com um suspiro, abordou-se em termos claros e pensou assim: Que não cometera um crime vulgar. Pensou que com esse crime executara o seu primeiro ato de homem. Sim. Corajosamente</p>	<p>Mas a que desta vez <b>ele quis, numa primeira fome inesperada, dar um nome. Desejar algo mais do que apenas sentir pareceu afligir Martim</b>, este sinal confuso de transição para o desconhecido inquietou-o, sua inquietação se transmitiu ao cavalo que escolheu obscuramente tocado, com o olhar deslumbrado que um cavalo tem. (p.109)</p> <p>Com o rosto batido pelo vento que logo passou a simbolizar alguma coisa, Martim viu embaixo os animais soltos no pasto. Desde que havia entendido as</p>	<p>palavra a dizer. E que não queria falar nunca mais. Ele que em greve deixara de ser uma pessoa. No seu terreno, ali sentado, ficava gozando o vasto vazio de si mesmo. Esse modo de não entender era o primeiro mistério de que ele fazia parte inextricável. (p. 76)</p> <p>Era danado de bom não mentir. Pois, sentado na pedra, ele não fazia nada mais que isso: não mentia. (p.88)</p> <p>Fizera-se um desgastamento de seus conhecimentos anteriores, e, quanto a palavras, ele conhecia como pessoa que tivesse uma vez adoecido delas. E</p>	<p>nadar como um peixe sem o ser!” O homem se mexeu contente: imitei? mas sim! Pois se, imitando o que seria ganhar o primeiro lugar no concurso de estatística, ele ganhara o primeiro lugar no concurso de estatística! Na verdade, concluiu então muito interessado, apenas imitara a inteligência, com aquela falta essencial de respeito que faz com que uma pessoa imite. E com ele, milhões de homens que copiavam com enorme esforço a idéia que se fazia de um homem, ao lado de milhares de mulheres que copiavam atentas a idéia</p>	<p>exatidão de cálculo e sóbrio rigor. Mas aonde o levaria? porque afinal não somos cientistas. O trabalho era este: ser objetivo. O que seria a experiência mais estranha para um homem. Que Martim se lembrasse, nunca ouvira falar de um homem objetivo. Não, não — confundiu-se ele um pouco cansado — houvera homens assim, já houvera, sim, homens cuja alma passara a existir em atos, e para quem os outros homens não tinham sido unhas grandes; houvera homens assim, ele não se lembrou mais quem, e estava um pouco fatigado, um pouco solitário. É</p>		<p>explicasse ninguém entenderia, pois explicando como é que um pé segue o outro ninguém reconhece o andar.) (p.133)</p> <p>No primeiro dia, pois, ele pediu de si mesmo apenas a objetividade. O que se tornou uma fonte de cuidados e enganos. Por exemplo, um passarinho estava cantando. Mas do momento em que Martim tentou concretizá-lo, o passarinho deixou de ser um símbolo e de repente não era mais aquilo que se pode chamar de passarinho. Para compensá-lo, os galos e galinhas se tornaram a seus olhos rigorosos o próprio dia: andavam apressados, brancos entre a</p>	<p>entender seu crime e saber o que desejava — ou até ter inventado o que se passara com ele e inventado o que desejava? que importava se a verdade já existia ou se era criada, pois criada mesmo é que valia como ato de homem — agora que ele conseguira se justificar, tinha de prosseguir. E conseguir antes do fim próximo a — a reconstrução do mundo. (p. 129)</p> <p>Tudo rebentava de silêncio. Com o cheiro de capim quente que o vento trouxe do longe ele aspirou a revelação tentando inutilmente pensá-la. <b>Mas a palavra, a</b></p>
---	--	---	---	---	--	--	---

<p>fizera o que todo homem tinha que fazer uma vez na sua vida: destruí-la. Para reconstruí-la em seus próprios termos. Fora isso então o que ele quisera com o crime?” Seu coração bateu pesado, irredutível, iluminado de paz. Sim, para reconstruí-la em seus próprios termos. (p.122 e 123)</p> <p>Agora que emergira até chegar ao ponto de homem na encosta, agora que emergira até entender seu crime e saber o que desejava — ou até ter inventado o que se passara com ele e inventado o que desejava? que importava se a verdade já existia ou se era criada, pois criada</p>	<p>vacas, pela primeira vez se achava acima delas na encosta. E também isto lhe bateu no peito. Com o coração batendo Martim então se lembrou inesperadamente de como um homem costuma ser: era como ele estava sendo agora! Numa sensação agonizante, ele se sentiu uma pessoa. Martim estava de algum modo humilde, se era ser humilde o modo involuntariamente triunfante como estava montado num cavalo — o que lhe dava altura e espanto e determinação e visão mais larga. Nessa inesperada humildade ele pareceu</p>	<p>se tivesse curado. “Afinal seu crime tinha apenas o tamanho de um fato” — e o que ele queria dizer com isso, não sabia. (p.103)</p>	<p>que se fazia de mulher e milhares de pessoas de boa vontade copiavam com esforço sobre-humano a própria cara e a idéia de existir; sem falar na concentração angustiada com que se imitavam atos de bondade ou de maldade — com uma cautela diária em não escorregar para um ato verdadeiro, e portanto incomparável, e portanto inimitável e portanto desconcertante. (p.24)</p> <p>Porque mesmo a compreensão, a pessoa imitava. A compreensão que nunca fora feita senão da linguagem</p>	<p>que seu plano era tão facilmente escapável à sua própria percepção [...] (p. 137).</p> <p>Bem, a realidade muito mais simples é que era com esforço que aquele homem estava procurando se manter à altura em que estivera de tarde junto do rio. Estava agora reduzido às próprias proporções e sem a menor grandeza do sol. Perdera a fé e o motivo. E olhava o depósito pobre com estranheza. Mesmo assim insistiu em continuar e, ao lado da “coisa número 1” a tentar saber, escreveu “aquilo”, pois o</p>		<p>fumaça, a manhã de sol, se Martim não fosse rápido a perderia, os galos corriam, às vezes abriam as asas, galinhas sem ocupação dos ovos eram livres, tudo isso era a própria manhã e quem não fosse rápido a perderia — a objetividade era um vertiginoso relance. Martim logo aprendeu a questão do ritmo: quando seus olhos tentavam mais do que descrever as coisas, de seu esforço restava uma forma vazia de galo. Aliás, no seu trabalho de construção da realidade, havia em desfavor de Martim a novidade das coisas não serem mais óbvias; ele esbarrava a cada</p>	<p><b>palavra ele ainda não a tinha. O pé, o pé com que um homem pisa, ele não o tinha.</b> Sabia que se tinha feito. Mas faltava saber o que é que um homem faz. Senão de que lhe teria valido a liberdade que alcançara? (p. 161 e 162)</p> <p>E desinchado, de óculos, tudo o que lhe parecera pronto a ser dito evaporara-se, agora que queria dizê-lo. Aquilo que enchera com realidade os seus dias reduzia-se a nada diante do ultimato de dizer. Como se via, aquele homem não era um realizador, e como tantos outros, só sentia a intenção,</p>
---	---	--	---	---	--	--	---

<p>mesmo é que valia como ato de homem — agora que ele conseguira se justificar, tinha de prosseguir. E conseguir antes do fim próximo a — a reconstrução do mundo. (p. 129)</p> <p>Se a destruição primeira e grosseira ele a obtivera com o ato de cólera, o trabalho mais delicado estava ainda por se fazer. E o trabalho delicado era este: ser objetivo. Mas como? de que modo ser objetivo? Porque se uma pessoa não quisesse errar — e ele não queria errar nunca mais — terminaria prudentemente se mantendo na seguinte atitude: “não há nada tão branco como o branco”, “não há nada tão cheio de</p>	<p>reconhecer mais um sinal de que estava emergindo porque só os animais eram orgulhosos, e só um homem também era humilde. <b>Também a essa coisa indefesa e no entanto audaciosa ele quis dar um nome, mas não existia.</b> (p.110)</p> <p><b>Então, num impulso da mesma natureza do impulso de querer dar nome, procurou se lembrar que gesto se usava para exprimir aquele instante de vento e de alusão ao desconhecido.</b> Procurou se lembrar do que fizera quando estivera um dia</p>		<p>alheia e de palavras. Mas restava a desobediência. Então — através do grande pulo de um crime — há duas semanas ele se arriscara a não ter nenhuma garantia, e passara a não compreender. E sob o sol amarelo, sentado numa pedra, sem a menor garantia — o homem agora se rejubilava como se não compreender fosse uma criação. Essa cautela que uma pessoa tem de transformar a coisa em algo comparável e então abordable, e, só a partir desse momento de segurança, olha e se permite ver</p>	<p>que ele conseguia era aludir. E releu a frase. E foi então — foi então que teve o seu primeiro grande prazer emocionado com que fatalmente se ama o que se fez. A frase ainda úmida tinha a graça de uma verdade. E ele gostou dela com um alvoroço de criação. É que reconhecia nela tudo o que quisera dizer! Além do mais achava a frase perfeita pela resistência que esta lhe oferecia: “além daí, eu não poderia mais ir!”, de modo que lhe pareceu que a frase tocara no próprio fundo, ele apalpava sua resistência com</p>		<p>momento. (p. 133 e 134)</p> <p>Sem uma palavra a escrever, Martim no entanto não resistiu à tentação de imaginar o que lhe aconteceria se o seu poder fosse mais forte que a sua prudência. “E se de repente eu pudesse?”, indagou-se ele. E então não conseguiu se enganar: o que quer que conseguisse escrever seria apenas por não conseguir escrever “a outra coisa”. Mesmo dentro do poder, o que dissesse seria apenas por impossibilidade de transmitir uma outra coisa. A Proibição era muito mais funda...</p>	<p>da qual o inferno está repleto. Mas para escrever estava nu como se não lhe tivesse sido permitido levar nada consigo. Nem mesmo a própria experiência. <b>E aquele homem de óculos de repente se sentiu singelamente acanhado diante do papel branco como se sua tarefa não fosse apenas a de anotar o que já existia mas a de criar algo a existir.</b> (p.166)</p> <p>E ali estava ele. Que pretendia apenas anotar, nada mais que isto. E cuja inesperada dificuldade era como se ele tivesse tido a presunção de querer transpor</p>
--	---	--	---	--	--	--	--

<p>água como uma coisa cheia de água”, “a coisa amarela é amarela”. O que não seria mera prudência, seria exatidão de cálculo e sóbrio rigor. Mas aonde o levaria? porque afinal não somos cientistas. (p.130)</p> <p>Às cegas, embora, e tendo como bússola apenas a intenção, Martim parecia querer começar pelo exato começo. E reconstruir a seu modo pela primeira pedra, até que chegasse ao instante em que houvera o grande desvio — qual fora o seu impalpável erro como homem? Até que chegasse de novo ao instante em que o grande equívoco uma vez se dera provocando a vastidão inútil do</p>	<p>no alto do Corcovado com uma namorada. Mas, que se lembrasse, não havia como exprimir. Nessa primeira impotência, por um instante Martim se sentiu angustiadamente preso. Mas também sentir-se angustiadamente preso era ser uma pessoa, ele bem se lembrava ainda! oh ele bem se lembrou: com angústia lembrou-se de que essa angústia era ser gente — e no alto do Corcovado ele beijara a namorada com uma ferocidade de amor. <b>Lembrou-se a tempo de que não havia como exprimir a</b></p>		<p>porque felizmente já será tarde demais para não compreender — essa precaução Martim perdera. E não compreender estava de súbito lhe dando o mundo inteiro. Que era inteiramente vazio, para falar a verdade. Aquele homem rejeitara a linguagem dos outros e não tinha sequer começo de linguagem própria. E no entanto, oco, mudo, rejubilava-se. <b>A coisa estava ótima. (p.25)</b></p> <p>Foi quando, entregue ao jogo, de repente tomou consciência deste como um choque de reconhecimento. Pois</p>	<p>êxtase. É verdade que um segundo depois, a um relance, Martim percebeu a contragosto o grande equívoco de escritor: fora a sua própria limitação que reduzira a frase ao que ela era, e a resistência que ela oferecia talvez fosse a resistência de sua própria incapacidade. Mas, como ele era pessoa difícil de ser derrubada, pensou o seguinte: “não tem importância porque, se com essa frase eu pelo menos cheguei a sugerir que a coisa é muito mais do que consegui dizer, então na verdade eu fiz muito: eu aludi!” E então</p>		<p>surpreendeu-se Martim. (p.168)</p> <p>E a escolha tornou-se ainda mais funda: ou ficar com a zona sagrada intacta e viver dela — ou traí-la pelo que ele certamente terminaria conseguindo e que seria apenas isto: o alcançável. Como quem não conseguisse beber a água do rio senão enchendo o côncavo das próprias mãos — mas já não seria a silenciosa água do rio, não seria o seu movimento frígido, nem a delicada avidez com que a água tortura pedras, não seria aquilo que é um homem de tarde junto do rio depois de ter tido uma mulher. Seria</p>	<p>em palavras o relance com que dois insetos se fecundam no ar. Mas quem sabe — perguntou-se então na perfeita escuridão do absurdo — <b>quem sabe se não é na expressão final que está o nosso modo de transpor os insetos se glorificando no ar. Quem sabe se o máximo dessa transposição está exatamente e apenas no querer. . .</b> (E assim ele estava salvando o valor de sua intenção, dessa intenção que não soubera se transformar em ação.) <b>Quem sabe se o nosso objetivo estava em sermos o processo. O</b></p>
--	---	--	--	--	--	---	--

<p>mundo. E quando, refeito pouco a pouco o caminho já andado, ele chegasse ao ponto em que o erro acontecera, então ele tomaria a direção oposta ao desvio. Na luz da manhã pareceu-lhe simples assim, e ele estava tão fresco e limpo como um menino que vai de manhã cedo à escola. Na luz da manhã pareceu-lhe simples assim: quando o mundo estivesse refeito dentro dele, ele então saberia agir. E sua ação não seria a ação abstrata do pensamento, mas a real. (p. 132 e 133)</p> <p>Já era pouco o tempo que lhe restava para percorrer o que lhe levava quase quarenta anos para andar; e não só para percorrer de um</p>	<p><b>alegria</b> e então se construía uma casa ou se fazia uma viagem ou se amava. Também ele, montado no cavalo, com o ar apreensivo de quem pode errar, <b>estava atentamente procurando copiar para a realidade o ser que ele era, e nesse parto estava se fazendo a sua vida.</b> (p. 112)</p> <p>Sua obscura tarefa seria facilitada se ele se concedesse o uso das palavras já criadas. Mas sua reconstrução tinha de começar pelas próprias palavras, pois palavras eram a voz de um homem. Isso sem falar que havia em Martim</p>		<p>sentado na pedra, o que ele estava fazendo não era senão: pensar. Ele se tornara de novo um triângulo ao sol, talvez emblema desencarnado para as pedras desencarnadas, mas não para o rato vivo que ele queria ser. (p.38)</p> <p>E porque aquele homem parecia não querer nunca mais usar o pensamento nem para combater outro pensamento — foi fisicamente que de súbito se rebelou em cólera, agora que enfim aprendera o caminho da cólera. Seus músculos se comprimiram selvagemmente</p>	<p>Martim ficou contente como um artista: a palavra “aquilo” continha em si tudo o que ele não conseguira dizer! (p. 172)</p> <p>Escreveu então: “Número 2: como ligar ‘aquilo’ que eu souber com o estado social”. Porque foi isso o que ele escreveu. Perdia a prática de pensar, e perdido o vocabulário, não conseguiu outra expressão para significar o que queria dizer senão esta: “estado social”, que lhe pareceu muito boa e clara, e que tinha um pequeno toque erudito que Martim sempre ambicionara: a erudição, sendo externa, se</p>		<p>o côncavo das próprias mãos. Preferia então o silêncio intacto. Pois o que se bebe é pouco; e do que se desiste, se vive. Assim, de aproximação penosa em aproximação penosa — tendo Martim nesse caminhar um sentimento de sofrimento e de conquista — ele terminou se perguntando se tudo o que ele enfim conseguira pensar, quando pensara, também não teria sido apenas por incapacidade de pensar uma outra coisa, nós que aludimos tanto como máximo de objetividade. E se sua vida toda não teria sido apenas alusão. Seria essa a nossa</p>	<p>absurdo dessa verdade então o envolveu. E se assim for, oh Deus — a grande resignação que se precisa ter em aceitar que nossa beleza maior nos escape, se nós formos apenas o processo. (p. 169)</p> <p>Então aconteceu que Martim sabia qual era a primeira coisa a procurar saber mas não conseguiu dar-lhe um nome. Pareceu-lhe mesmo que só saberia o nome no instante em que a obtivesse, como se uma pessoa só soubesse o que procurava quando achasse. (p. 172)</p> <p>Foi então que de repente ele disse em si mesmo: eu matei,</p>
--	--	--	--	---	--	--	--

<p>modo novo o caminho já andado, mas para fazer o que não pudera fazer até então: atingindo a compreensão, ultrapassá-la aplicando-a. Já para isso era pouco o tempo. Quanto mais para começar, por assim dizer, do nada! No entanto, se quisesse ser leal para com a própria necessidade, não poderia enganá-la: tinha que começar pelo começo primeiro. (p.134)</p> <p>Tudo lhe fora dado, sim. Mas desmontado e aos pedaços. E ele, com peças sobrando na mão, não pareceu saber como montar a coisa de novo. (p.135)</p> <p>Nessa noite, pois, ele acendeu a lamparina,</p>	<p>uma cautela de ordem meramente prática: do momento em que admitisse as palavras alheias, automaticamente estaria admitindo a palavra “crime” — e ele se tornaria apenas um criminoso vulgar em fuga. E ainda era muito cedo para ele se dar um nome, e para dar um nome ao que queria. Um passo a mais, e saberia. Mas era cedo ainda. (p. 124)</p> <p>Oh ele estava muito desamparado. Simplesmente não sabia como se aproximar do que queria. Perdera o estágio em que tivera a</p>		<p>contra a imunda consciência que se abrira ao redor da unha. Ilógico, lutava primitivamente com o corpo, torcendo-se numa careta de dor e de fome, e com voracidade ele todo tentou se tornar apenas orgânico. (p.39)</p> <p>Provavelmente aquela coisa para a qual, incerto, o homem caminhava era apenas criada pela sua ânsia. E aquele modo intenso de querer se aproximar — pois solto no campo de luz o que aquele homem parecia apenas querer era obscuramente se aproximar — na certa seu modo desajeitado de querer se aproximar não</p>	<p>confundia com a idéia primária que ele fazia de objetividade, e sempre lhe dava a satisfatória sensação de ter acertado. (p. 172 e 173)</p>		<p>máxima concretização: tentar aludir ao que em silêncio sabemos? Tudo isso Martim pensou, e pensou muito. (p. 168 e 169)</p> <p>Há um lugar onde, antes da ordem e antes do nome, eu sou! e quem sabe se esse é o verdadeiro lugar-comum que saí para encontrar? (p.321)</p> <p>Mas ele sabia: ela não perdoaria jamais. Isso não foi coisa que se dissesse, mas era coisa que estava acontecendo, e não seria a ausência de palavras que faria deixar de existir o que estava existindo, e a planta sente quando o vento é escuro porque ela estremece, e o</p>	<p>eu matei, confessou afinal. Pois talvez fosse isso o que estavam esperando dele para livrá-lo do medo? e ele oferecia seu crime como refém. Mas — revoltou-se ele logo em seguida justificando-se para Deus — alguém tinha que se sacrificar e levar o sofrimento sem consolo até o último termo e então se tornar o símbolo do sofrimento! alguém tinha que se sacrificar, eu quis simbolizar o meu próprio sofrimento! eu me sacrifiquei!</p> <p><b>eu quis o símbolo porque o símbolo é a verdadeira realidade e nossa vida é que é simbólica ao</b></p>
--	--	--	---	--	--	--	--

<p>pôs os óculos, pegou uma folha de papel, um lápis; e como um escolar sentou-se na cama. Tivera a sensata idéia de pôr ordem nos pensamentos e resumir os resultados a que chegara nessa tarde — uma vez que nessa tarde ele finalmente entendera o que queria. E agora, assim como aprendera a calcular com números, dispôs-se a calcular com palavras. A exaltação que de tarde lhe viera do sol já o abandonara. (p. 165)</p> <p><b>FRUSTRAÇÕES DE UM PROJETO DE RECONSTRUÇÃO</b></p> <p>O campo era agora todo de Martim para o que ele quisesse fazer ou pensar dele. Mas a</p>	<p>dimensão de um bicho, e no qual a compreensão era silenciosa assim como uma mão pega uma coisa. E também já perdera aquele momento quando, no alto da encosta, só lhe faltara mesmo a palavra — tudo estivera tão perfeito e tão quase humano que ele dissera a si mesmo: fala! e só faltara a palavra. (p.141)</p> <p>Agora que, como primeiro passo, chegara através do filho àquele ponto em que dor se misturava com feroz alegria, e alegria era dolorosa, pois esse ponto rápido devia ser o aguilhão da vida e o encontro dele consigo mesmo</p>		<p>passava de um substituto à sua ausência de linguagem. Quem sabe se “querer” seria de agora em diante a sua única forma de pensar. (p.42)</p> <p>Era um tempo surpreendente. O homem afortunadamente nem sequer tentou compreendê-lo. Talvez o que houvesse nele fossem apenas ecos de que ouvira dizer: “que no alto de uma montanha a gente descortina”. Só que ele não descortinou nada. E se, no seu entorpecimento, grosseiramente reconheceu aquele instante na montanha, foi apenas porque uma pessoa reconhece o que deseja. Na</p>			<p>cavalo no meio do caminho parece ter tido um pensamento, e quando os ramos da árvore se balançam no entanto não houve uma só palavra, e um dia se há de descobrir o que nós somos: ele sabia que ela não perdoaria jamais. (p. 328)</p>	<p><b>símbolo, assim como macaqueamos a nossa própria natureza e procuramos nos copiar! agora entendo a imitação: é um sacrifício!</b> (p. 219 e 220)</p> <p>Mas falara! Ele havia falado enfim. A frase sobre sua mulher fora das mais antigas, lentamente recuperada como um paralítico dá um passo. E havia ainda outras palavras que o esperavam, se a linguagem fosse recuperada... ele o descobrira com curiosidade quando dissera tão simplesmente que suspeitara um amante. O que, se não era a melhor verdade, era afinal uma verdade que</p>
--	--	--	---	--	--	--	--

<p>espera do que ia acontecer cortara-lhe a comunicação com o que se tornara agora um deserto. E a verdade é que o homem não queria mais nada. Nem mesmo sabia o que é que quisera tanto. Como o amor morreria em Ermelinda, assim a falta de desejo dava silêncio ao coração do homem. Procurou a sua própria fome: mas era o silêncio quem lhe respondia. Ele estava experimentando o que era pior que tudo: não querer mais. O primeiro momento foi muito ruim, mal calculou ele que não querer era tantas vezes a forma mais desesperada de querer. (p. 194)</p> <p>Mas ele estragara tudo o que lhe tinha sido dado! A ele, que</p>	<p>— então, assim como a alma de um cachorro late, ele incoercível disse: ah! para a água.</p> <p>Ah! disse ele em amor e angústia e ferocidade e piedade e admiração e tristeza, e tudo isso era a sua alegria.</p> <p>Mas por que não lhe bastou então? Por que não lhe bastaria apenas exclamar? Porque acontece que ele queria a palavra. Enquanto fosse quem era estaria preso à sua própria respiração à espera de que ela o unisse a si mesmo, vivendo com essa palavra na ponta da língua, com a compreensão quase por se revelar, nessa tensão que termina por se</p>		<p>linguagem não havia uma palavra sequer que desse nome ao fato de, no agigantamento de si próprio, ele ter alcançado o alto da montanha. Então Martim disse alto: — Aqui estou, disse ele, e no coração de alguma coisa. (p.44)</p> <p>Se aquele homem ainda se lembrava de como era o mundo — naquele quadro havia alguma coisa a que ele certamente responderia se ainda fosse gente. Aquilo que o homem aprendera e não esquecera de todo, ainda o incomodava; era difícil esquecer. As coisas simbólicas</p>				<p>tinha valor de troca...</p> <p><b>Com curiosidade, com o peso no peito, ele estava de novo trocando, comprando e vendendo.</b> Fora isso então que lhe acontecera: suspeitara um amante. Só isso? E tudo o mais que pretendia, pensara ou quisera — tudo o mais começou a se tornar tão irreal que ele passou a mão delicada pela boca,</p> <p><b>o destino de um homem era inventado?</b> Passou a mão pela boca seca, fascinado. (p. 299)</p> <p>Valorosa e boa — tudo o que ele conhecera dela apagava-se agora diante dos quatro homens — e restava que ela era valorosa e boa. A</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>uma vez tinha sido dado de novo o primeiro domingo de um homem. E de tudo isso, o que aos poucos estava restando, era um crime. (p.198)</p> <p>Quem era ele? Martim caíra tão em si próprio que não se reconheceu. Como se até agora tivesse apenas brincado. Quem era ele?</p> <p>Teve a certeza intuitiva de que não somos nada do que pensamos e somos o que ele estava sendo agora, um dia depois que nascemos — mas nós somos o que ele era agora. Martim caíra na verdade como uma pessoa cai na loucura, e então batia os dentes. Seria uma verdade caótica apenas enquanto ele tentasse</p>	<p>confundir com a vida, e que é ela própria, acontece que ele queria a palavra. (p.161)</p> <p>Parecia-lhe que aquilo que lançasse no papel ficaria definitivo, ele não teve o desprante de rabiscar a primeira palavra. Tinha a impressão defensiva de que, mal escrevesse a primeira, e seria tarde demais. Tão desleal era a potência da mais simples palavra sobre o mais vasto dos pensamentos. Na realidade o pensamento daquele homem era apenas vasto, o que não o tornava muito utilizável. No entanto parece que ele sentia uma</p>		<p>sempre o haviam incomodado muito. Mas estava tão bruto quanto a comida que lhe pesava no estômago. (p.74)</p> <p>O homem não antecipou nada: viu o que viu. Como se olhos não fossem feitos para concluir mas apenas para olhar. Até que, mais um segundo dessa própria isenção, e também sua cabeça foi atingida com graça pela incompreensão do que ele via. E num engano de que certamente precisou, um engano tão certo quanto a queda certa de uma maçã, ele teve um sentimento de encontro:</p>				<p>outra verdade — uma verdade inteiramente inútil no meio dos quatro homens cuja força os simplificava e lhes dava tamanho — a outra verdade se tornara tão inexistente quanto o crime que não chegara a existir. Martim teve um prazer inesperado em usar as palavras que valiam no mundo: valorosa e boa. Eram palavras lindas — pois a existência de palavras ocas como essas haviam salvo a alma de seu filho! (p. 302 e 303)</p> <p>Oh, mas alguma coisa se criara. Exausta, mas se criara. Sobretudo Martim estava muito cansado. Um</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

<p>compreendê-la. Mas em si mesma ela era toda perfeita. E ele — ele era aquele que batia os dentes. Batia os dentes num medo que o fez esquecer que tinha encetado uma tarefa de super-homem. (p. 213)</p> <p>Oh tolo, tolo! disse-se chorando. Ele tivera tudo à sua disposição mas — “eu não sei deduzir! eu não soube deduzir!”, disse dando socos na árvore, “nem o passarinho coube dentro da construção, quanto mais eu!” (p. 214)</p> <p>Como se nenhum passo tivesse sido dado. Pois no escuro ele era agora apenas aquela coisa informe com um único sentimento primário. Num único</p>	<p>curiosa repulsa em concretizá-lo, e até um pouco ofendido como se lhe fizessem proposta dúbia. (p. 166)</p> <p>E desinchado, de óculos, tudo o que lhe parecera pronto a ser dito evaporara-se, agora que queria dizê-lo. Aquilo que enchera com realidade os seus dias reduzia-se a nada diante do ultimato de dizer. Como se via, aquele homem não era um realizador, e como tantos outros, só sentia a intenção, da qual o inferno está repleto. Mas para escrever estava nu como se não lhe tivesse sido permitido levar nada</p>		<p>pareceu-lhe que no grande silêncio ele estava sendo saudado por um terreno da era terciária, quando o mundo com suas madrugadas nada tinha a ver com uma pessoa; e quando, o que uma pessoa poderia fazer, era olhar. O que ele fez. É verdade que seus olhos custaram a entender aquela coisa que nada mais do que: acontecia. Que mal acontecia. Apenas acontecia. O homem estava “descortinando”. (p.75)</p> <p>Mas, dia após dia — acabado o trabalho penoso que não saberia fazer se Vitória não o comandasse — ele descia da luz</p>				<p>homem sozinho ficava tão cansado. Quisera ele próprio arcar com um fardo — “arcar com o fardo” era um dos símbolos antigos que ele precisava averiguar sozinho, resto de procissões e de jogos atléticos a que assistira. Ele próprio quisera arcar com o fardo e levá-lo adiante. Mas quem levava adiante eram os quatro homens tranqüilos que protegiam com a paciência o que quer que eles levavam adiante. Ele próprio, além de tocar nos símbolos, nada pudera fazer. Mas os quatro homens protegiam o fardo com a ignorância. Ó diabo, não era</p>
---	--	--	---	--	--	--	---

<p>pulo de recuo, ele de novo acabara de se afastar do território da palavra — ele que começara a poder mais que balbuciar. E como se nenhum passo tivesse sido dado, ele agora não se distinguiria de um cavalo espantado no escuro. Mas a verdade é que</p> <p>Martim nesse momento já não queria sequer uma das mínimas coisas que orgulhosamente quisera, e até se surpreendia de tê-las desejado, estranhava-as como um homem na hora da morte se espanta de se ter preocupado com o atraso do alfaiate. Agora queria miseravelmente apenas a imediata e urgente solução para o medo, e ávido ele faria qualquer barganha. (p.214)</p>	<p>consigo. Nem mesmo a própria experiência. E aquele homem de óculos de repente se sentiu singelamente acanhado diante do papel branco como se sua tarefa não fosse apenas a de anotar o que já existia mas a de criar algo a existir. (p.166)</p> <p>E aliviado, abandonando afinal o que o espírito não lhe quisera dar, ele se sentiu pronto para tarefa mais humilde. Modesto, aplicado, míope, simplesmente anotou: “Coisas que preciso fazer”. Escrevendo essa frase ele não era a mesma pessoa que se defrontara com</p>		<p>aberta e superior do campo, de onde vinha cego de incompreensão. E guiado por uma obstinação de sonâmbulo, como se o tremor incerto de uma agulha de bússola o chamasse — ia enfim ao terreno terciário de vida apenas fundamental, a par da sua. E com um suspiro de quem voltasse a si mesmo, encontrava a sombra vacilante, o movimento dos ratos, as grossas plantas. <b>Naquele porão vegetal, que a luz mal nimbava, o homem se refugiava calado e bruto como se somente no princípio mais grosseiro do</b></p>				<p>propriamente fardo, era “tocha” o que em geral se carregava! Eles protegeriam com a ignorância o fardo, sem abri-lhe o mistério, levando-o intacto e assim por diante, etc. Uma vez ou outra, então alguém inventava uma vacina que curava. Uma vez ou outra o governo caía. Às vezes a mulher parava de gritar e nascia um menino. Que diabo! pensou Martim arrepiado, como se tivessem hasteado a bandeira nacional à qual ele jamais pudera resistir. “Oh, mas eu também tinha o direito de tentar!”, revoltou-se ele de repente, <b>“eu queria o símbolo</b></p>
---	--	--	--	--	--	--	---

<p>Então no escuro, não sabendo ao certo do que tinha medo, o homem teve medo do grande crime que cometera. Face a face com a palavra crime, recomeçou a tremer e a sentir frio, sem conseguir desmanchar o riso que ressurgira. E o criminoso teve tanto medo que pela primeira vez compreendeu em todo o seu inexprimível sentido o que significava a salvação. Salvação? Seu coração então bateu com força como se os limites tivessem caído. Pois, quem sabe, talvez fosse esta a grande barganha que ele poderia fazer — a salvação. Tudo então que em Martim era individual, cessou. Ele só queria</p>	<p>a possibilidade e com sua assustadora promessa. Era alguém que desistira da verdade — qual seria? agora nunca mais! oh nunca mais ele saberia! — e se dedicara a uma verdade tão menor que já tinha suas fronteiras no talento; mas a única verdade ao seu alcance, a única ação ao seu alcance. Humilde, sabendo com remoto sobressalto que estivera “perto” mas que conseguira escapar, mais humilde ainda o homem se tornou. Até mesmo uma frase tão modesta como “coisas que preciso fazer” pareceu-lhe</p>		<p>mundo aquela coisa que ele era coubesse: no terreno rastejante a harmonia feita de poucos elementos não o ultrapassava nem ao seu silêncio. O silêncio das plantas estava no seu próprio diapasão: ele grunhia aprovando. Ele que não tinha uma palavra a dizer. E que não queria falar nunca mais. Ele que em greve deixara de ser uma pessoa. No seu terreno, ali sentado, ficava gozando o vasto vazio de si mesmo. Esse modo de não entender era o primeiro mistério de que ele fazia parte inextricável. (p. 76)</p>				<p><b>porque o símbolo é a verdadeira realidade!</b> eu tinha o direito de ser heróico! pois foi o herói, em mim, que fez de mim um homem!” (p.305 e 306)</p> <p>Ele aceitou que cometera um crime passional, não somente porque, neste momento, lembrando-se dos seios de sua esposa, uma raiva retrospectiva o tomou, como porque lhe pareceu que se tivesse cometido apenas um crime passional teria evitado o crime maior: o de duvidar. E afinal, a verdade é coisa secundária — se se quiser o símbolo. E ele agora tinha um</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>agora se agregar aos salvos e pertencer — o medo levava-o a isso. À salvação. E com o coração ferido de surpresa e alegria, pareceu-lhe por um instante que acabara de encontrar a palavra. Seria à procura dessa palavra que ele saíra de casa?</p> <p>Ou de novo seriam apenas os restos de uma palavra antiga? Salvação — que palavra estranha e inventada, e o escuro o rodeava.</p> <p>Salvação? Ele se espantou. E se fosse esta a palavra — seria então assim que ela acontecia? Então tivera ele que viver tudo o que vivera para experimentar o que poderia ter sido dito numa só palavra? se essa palavra pudesse ser dita, e ele ainda não a dissera. Andara ele o</p>	<p>ambiciosa demais. E num ato de contrição riscou-a.</p> <p>Escreveu menos ainda: “Coisas que tentarei saber: número 1”. (p. 171 e 172)</p>		<p>daquilo era o sentido mais primeiro daquele homem: estava ali como se houvesse um plano que ele ignorava mas a que uma planta se agregava com a boca e a que ele próprio correspondia sentando-se muito evidentemente na pedra — sentar-se numa pedra estava se tornando sua atitude mais inteligível e mais ativa.</p> <p>E a coisa era de tal modo perfeita que até a perspectiva da distância se agregava àquele mundo sem Deus.</p> <p>Pois quando o homem erguia os olhos — as árvores distantes eram tão altas, tão altas como uma</p>				<p>novo símbolo a perseguir. (p. 308)</p> <p>O coração de Martim estava confuso. “A diferença entre eles e eu, é que eles têm uma alma, e eu tive que criar a minha. Eu tinha que criar para eles e para mim o lugar onde eles e eu pisávamos. Como o processo é sempre misterioso, não sei nem ao menos dizer de que modo o fiz: mas esses homens, eu os pus de pé dentro de mim. Para dizer a verdade, não tenho a menor vergonha de, não sendo nada, ser tão poderoso: é que nós somos modestamente o nosso processo. Eu pertenci a meus</p>
--	--	--	---	--	--	--	---

<p>mundo inteiro, somente porque era mais difícil dar um só e único passo? se esse passo pudesse jamais ser dado! (p. 215 e 216)</p> <p>Ele tinha tentado inventar um novo modo de ver ou de entender ou de organizar, e tinha querido que esse modo fosse tão perfeito quanto o da realidade. Mas o que experimentara fora apenas a liberdade de um cão sem dentes. (p. 216)</p> <p>Oh não lhe importava sequer que, logo depois de aceitar, se organizasse no caleidoscópio imediatamente uma nova falta de sentido. Uma falta de sentido harmoniosa e intangível, num sistema de novo fechado onde de</p>			<p>beleza: o homem grunhia aprovando. Quanto mais estúpido, mais em face das coisas ele estava. Assim é que, aos poucos, a força de Martim foi se reconstituindo. (p.77)</p> <p>As manhãs eram frescas, as árvores folhudas, os deveres se sucediam. A mulata examinava-o e ria, a criança negra vivia escondida a vigiá-lo. Mas ele se habituara. E movia-se lento como um homem que semeia. Seu grande silêncio não era apatia. Era uma profunda sonolência em guarda, e uma meditação quase metafísica sobre o próprio corpo, no</p>				<p>passos, um a um, à medida em que estes avançavam e constituíam um caminho e construíam o mundo. Foi um longo caminho. E é verdade que menti muito; menti tanto quanto precisei: mas talvez mentir seja o nosso mais agudo modo de pensar; talvez mentir seja o nosso modo de agarrar; e eu agarrei muito; minhas mãos têm um passado; foi um longo caminho, e eu tive que inventar os passos; (p. 313)</p> <p>E foi assim que, com a nova palavra de classificação, Martim entrou de novo no mundo dos outros, de onde saíra para reconstruir. E</p>
--	--	--	---	--	--	--	---

<p>novo ele não poderia entrar. O que importava mesmo era fazer parte de um sistema — e livrar-se daquela sua natureza que de repente fez com que o homem recomencesse a tremer da cabeça aos pés.</p> <p>Oh não importava, pois ele já fora longe demais, e ter medo já era tarde demais, já significava pertencer à salvação, o que quer que isso quisesse dizer. Que importa se era essa ou não a palavra! nós que aludimos, nós que apenas aludimos. (p. 221)</p> <p>E então, como ele não sabia qual era a verdade, ele se disse no bosque: eu creio na verdade, creio assim como vejo esta escuridão, creio assim como</p>			<p>que ele parecia estar atentamente imitando as plantas de seu terreno. (p. 77 e 78)</p> <p>O ar do campo deixara-o cru e enrugado, com os olhos mais claros. Ele se movia devagar na grande extensão, desimpedido enfim pela ausência de pensamentos.</p> <p>Mas se sua compacta ausência de pensamento era um embotamento — era o embotamento de uma planta. Pois como uma planta, ele estava alerta a si mesmo e ao mundo, com aquela mesma tensão delicada com que a grossa planta é planta até as suas</p>				<p>reencontrou com humildade farejante — como um cão sem dentes mas com dono! — o mundo velho, onde ele era enfim alguma coisa, nós que precisamos ser alguma coisa que os outros vejam, senão os próprios outros correrão o risco de não serem mais eles mesmos, e que complicação então! Ele era a palavra que o investigador não ousara pronunciar diante de Vitória, e um covarde. (p. 316)</p> <p>Pois muito me resta a fazer! Porque afinal, diabo! — lembrou-se ele de repente — usei tudo o que pude, menos — menos a</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

<p>não entendo, creio assim como assassinamos, creio assim como nunca dei pão para quem tem fome, creio que somos o que somos, creio no espírito, creio na vida, creio na fome, creio na morte! — disse ele usando palavras que não eram suas. E porque não eram suas tiveram o valor do ritual que apenas esperavam para livrá-lo do medo, a única palavra de passe: creio.</p> <p>O homem fungou envergonhado. Uma nova e dolorosa dimensão se abriu nele. O que “Deus” silenciosamente devia ter previsto na Sua estranha visão de nós. Na verdade o homem por um instante parecia ter perdido sua relatividade,</p>			<p>últimas extremidades, com aquela delicada tensão com que a planta cega sente o ar onde suas duras folhas se engastam. O homem todo se reduzira a essa espécie de vigilância. O que estava lhe acontecendo era um desses períodos dos quais, depois que passam, se diz: nada aconteceu. (p. 79)</p> <p>Quanto ao homem, seus músculos trabalhavam com exatidão, lentidão e certeza. E nada o alterava como se ele carregasse consigo, em defesa intransponível pelos outros, o</p>				<p>imaginação! simplesmente me esqueci! E imaginar era um meio legítimo de se atingir. Como não havia modo de escapar à verdade, podia-se usar a mentira sem escrúpulos. Martim se lembrou de si próprio quando tentara, no depósito, escrever; e de como, por mesquinhez, não usara a mentira; e de como fora mediocrementemente honesto com uma coisa que é grande demais para que possamos ser honestos com ela, nós que temos da honestidade a idéia que dela fazem os desonestos. Mas com a imaginação ele escreveria na</p>
---	--	--	--	--	--	--	---

<p>assim como um cavalo às vezes fica desamparadamente absoluto. Seria isso o que Deus pacientemente esperara que ele compreendesse? era isso o que lhe prometera. <b>Mas mesmo que Deus pudesse falar, nada lhe teria dito porque se dissesse não seria compreendido.</b> E mesmo agora o homem não compreenderia. (p. 223 e 224)</p> <p>E a verdade é que, ao sol, ele estava tão definitivamente emaranhado quanto o fora antes; em qualquer lugar onde um homem pisava, instalava-se uma cidade, só faltavam os bondes e os cinemas. Ermelinda queria que ele... o que queria mesmo</p>			<p>grande silêncio das plantas de seu terreno terciário.</p> <p>Para as quais voltava todas as tardes como um homem volta à sua casa. E onde ficava sentado sobre uma pedra. E lá era bom. Lá nenhuma planta sabia quem ele era; e ele não sabia quem ele era; e ele não sabia o que as plantas eram; e as plantas não sabiam o que elas eram. E todos no entanto estavam tão vivos quanto se pode estar vivo: esta provavelmente era a grande meditação daquele homem.</p> <p>Assim como o sol brilha e assim como rato é apenas um passo além da grossa folha</p>				<p>prisão a história muito torta de um homem que teve... Teve o quê? Digamos: pena e espanto? “Sobretudo”, pensou ele, “juro que no meu livro terei a coragem de deixar inexplicado o que é inexplicável.” (p. 318 e 319)</p> <p>Quisera estar desimpedido — e na verdade se desimpedira com um crime — não para inventar um destino! mas para copiar alguma coisa importante, que era fatal no sentido em que era alguma coisa que já existia. E de cuja existência aquele homem sempre soubera, como quem tem a</p>
---	--	--	---	--	--	--	---

<p>Ermelinda? E Vitória forçava-o a recebê-la em confissão. Era difícil não colaborar. Vagamente então nasceu em Martim uma nova explicação para o seu crime — esse crime que cada vez se tornava mais elástico e amorfo, e o homem já se afastara tanto dele que na verdade lhe parecia ter cometido um crime abstrato, e na verdade seu crime agora parecia mais com um pecado de espírito, apenas. Assim, no sol, perseguido pela presença de Vitória, ele pensou assim: “que o único meio de ser livre, como um homem sem vocação tinha direito, fora cometer um crime, e fazer com que os outros não o reconhecessem mais como semelhante e nada exigissem dele;</p>			<p>espalmada daquela planta — esta era a sua meditação. (p.84 e 85)</p> <p>Na verdade, sentado na pedra de seu reinado, sua meditação por assim dizer se reduzia a ser um homem de pés grandes sentado numa pedra. O que ele não notou é que já estava começando a tomar algum cuidado em ser exatamente apenas aquilo que ele estava sendo. No seu alerta adormecimento às vezes um pensamento já fiascava nele como numa lasca de pedra: — A região é árida, meditava ele com bastante profundidade.</p>				<p>palavra na ponta da língua e não consegue se lembrar. Ele quisera estar livre para ir de encontro ao que existia. E que, nem por existir, era mais alcançável — era tão inatingível como inventar. Por mais liberdade que tivesse, ele só poderia criar o que já existia. A grande prisão. A grande prisão! Mas tinha a beleza da dificuldade. Afinal consegui o que quis. Criei o que já existe. E acrescentara ao que existia, algo mais: a imaterial adição de si mesmo. (p. 325 e 326)</p>
---	--	--	--	--	--	--	---

<p>mas se essa explicação era a certa, então seu crime fora inútil: enquanto ele próprio sobrevivesse, os outros o chamariam”. Queimando ao sol, pareceu àquele homem cansado pela noite de domingo não dormida, que esta era a mais razoável explicação de seu crime. Inquieto, ele também sabia que apenas divagava. Foi então que lhe ocorreu que estava mesmo na hora de ser preso. Para que lhe dissessem, afinal, qual fora o seu crime. Estava na hora de ser preso e deixar que os outros o julgassem, pois ele — ele já fizera uma lenda de si próprio. (p. 274)</p> <p><b>EPIFANIAS DE</b></p>			<p>Todavia o carvão existe, parecia ele pensar, sentado ereto na pedra. (p.85)</p> <p>É verdade que às vezes a intensa quietude das plantas já parecia surdamente perturbá-lo, e dava-lhe uma primeira inquietação. Então ele mudava a posição das pernas, paciente, sem entender. Não se dava conta de que ali estava lentamente fabricando a sua primeira flecha e polindo o seu primeiro dardo. Nem se deu conta de que já era totalmente diferente daquele homem que olhara o terreno de madrugada.</p>				
--	--	--	---	--	--	--	--

<p><b>UM PROJETO RECONSTRUÇÃO</b></p> <p>Inesperadamente o primeiro passo de sua grande reconstrução geral se realizara: se aos poucos ele se tinha feito, agora se inaugurava. Ele acabara de reformar o homem.</p> <p>O mundo é largo mas eu também.</p> <p>Com a obscura satisfação de ter trabalhado com o fogo e de ter assustado o que tem que ser assustado numa mulher, a sua primeira honra se refizera. Pareceu-lhe que de agora em diante ele não precisaria mais ter voz de homem nem procurar agir como homem: ele o era.</p> <p>Nunca o seu pensamento fora tão alto quanto o trabalho que ele acabara de fazer. (p. 294)</p>			<p>(p.86)</p> <p>O homem estava incomodamente crescendo.</p> <p>Mas essa inquietação quase apenas física sucedia-lhe apenas por instantes. E ainda lhe acontecia tão distante dele próprio que ainda não alterara a inteireza do sistema de mundo em que ele se movia. E, em breve, com o grande prazer que existe na contenção da própria energia, de novo ele se punha em estado de “pouco saber”. Pois essa era a condição essencial ao terreno. Em não saber, havia no homem uma alegria sem sorriso assim</p>				
---	--	--	--	--	--	--	--

<p>Como se o tempo fosse criado pela liberdade mais profunda, agora de repente renascia-lhe o futuro. E ele — que estivera certo de que havia desistido de sua reconstrução — viu que apenas tinha tido a grande paciência do artesão, e via grato que soubera dormir, o que é a parte mais difícil de um trabalho. Porque — como se a pausa tivesse sido apenas a preparação de um pulo — inesperadamente se amadurecera o seu primeiro passo objetivo: pela primeira vez Martim avançara totalmente, assim como quem diz uma palavra. A palavra que ele esperara não lhe viera, pois, em forma de palavra. Ele a realizara com a</p>			<p>como a planta se cumpre, grossa. (p.87)</p> <p>Era danado de bom não mentir. Pois, sentado na pedra, ele não fazia nada mais que isso: não mentia. (p.88)</p> <p>E o curral? interrogou-o um dia atenta, o senhor nunca limpou o curral! disse-lhe impaciente, com aquele piscar de olhos de quem já não sabia o que queria; mas o tempo urgia. Foi pois assim que Martim — como se estivesse copiando no seu trabalho de se tornar concreto uma evolução fatal cujo rasto ele sentia às apalpadelas — foi assim que o novo e confuso</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>inocência da força. Simplesmente assim: ele a realizara. E então, com a fatuidade necessária para criar, renascia-lhe o tempo inteiro, e ele sabia que tinha força de recomeçar. Pois — pois tendo chegado enfim plenamente a si mesmo, ele chegaria aos homens; e, jogando fora o tridente e trabalhando a nu, exposto e nu — ele se guiara até “transformar os homens”.</p> <p>De que modo ele transformaria os homens, Martim sabiamente ignorava. E sabiamente não se questionava, pois ele era agora um sábio. (p. 294 e 295)</p> <p>E quanto a não entender os outros. . Bem, isso já não teria sequer importância. Porque havia um modo de</p>			<p>passo do homem foi sair uma manhã de seu reinado no terreno para a meia-luz do curral onde as vacas eram mais difíceis que as plantas. (p.89)</p> <p>Num suspiro resignado, pareceu ao homem lento que “não olhar” também seria o seu único modo de entrar em contato com os bichos. Imitando as vacas, num mimetismo quase calculado, ele ali em pé não olhou para parte alguma, tentando ele também dispensar a visão direta. E numa inteligência forçada pela própria inferioridade de sua situação</p>				
--	--	--	---	--	--	--	--

<p>entender que não carecia de explicação. E que vinha do fato final e irreduzível de se estar de pé, e do fato de outro homem também ter a possibilidade de ficar de pé — pois com esse mínimo de se estar vivo já se podia tudo. Ninguém teve até hoje mais vantagem que esta.</p> <p>Aliás — pensou Martim sentindo que se excedia ligeiramente mas já sem poder mais se conter — aliás era tolice não entender. “Só não entende quem não quer!”, pensou ousado.</p> <p>Porque entender é um modo de olhar. Porque entender, aliás, é uma atitude. Como se agora, estendendo a mão no escuro e pegando uma maçã, ele reconhecesse nos</p>			<p>deixou-se ficar submisso e atento. Depois, por um altruísmo de identificação, foi que ele quase tomou a forma de um dos bichos. E foi assim fazendo que, com certa surpresa, inesperadamente pareceu entender como é uma vaca. (p. 91)</p> <p>Foi um grande esforço, o do homem. Nunca, até então, ele se tornara tanto uma presença. Materializar-se para as vacas foi um grande trabalho íntimo de concretização. (p.91)</p> <p>Então — já que as coisas tendem a chegar a uma conclusão e a descansar num</p>				
--	--	--	---	--	--	--	--

<p>dedos tão desajeitados pelo amor uma maçã. Martim já não pedia mais o nome das coisas. Bastava-lhe reconhecê-las no escuro. E rejubilar-se, desajeitado. E depois? Depois, quando saísse para a claridade, veria as coisas pressentidas com a mão, e veria essas coisas com seus falsos nomes. Sim, mas já as teria conhecido no escuro como um homem que dormiu com uma mulher. (p. 295 e 296)</p>			<p>estágio — o curral enfim começou a serenar. O calor do corpo do homem e dos bichos se confundiu na mesma mornidão amoniacada do ar. O silêncio do homem automaticamente se transformara. Ele enfim ganhara uma dimensão que uma planta não tem. (p.92)</p> <p>O curral era um lugar quente e bom que pulsava como uma veia grossa. Era à base dessa larga veia que homens e bichos tinham filhos. Martim suspirou cansado com o enorme esforço: acabara de “descortinar”. (p.93)</p>				
<p>Mas falara! Ele havia falado enfim. A frase sobre sua mulher fora das mais antigas, lentamente recuperada como um paralítico dá um passo. E havia ainda outras palavras que o esperavam, se a linguagem fosse</p>							

<p>recuperada... ele o descobrira com curiosidade quando dissera tão simplesmente que suspeitara um amante. O que, se não era a melhor verdade, era afinal uma verdade que tinha valor de troca...  <b>Com curiosidade, com o peso no peito, ele estava de novo</b> trocando, <b>comprando e vendendo.</b> Fora isso então que lhe acontecera: suspeitara um amante. Só isso? E tudo o mais que pretendia, pensara ou quisera — tudo o mais começou a se tornar tão irreal que ele passou a mão delicada pela boca, o destino de um homem era inventado? Passou a mão pela boca seca, fascinado. (p.299)</p>			<p>Uma grande confusão tranqüila começara entre ele e os animais. (p.93)</p> <p>E livre enfim da iminência de ordens de Vitória, livre da presença cada vez mais assediante de Ermelinda — o homem cada dia retomava no curral o instante interrompido do dia anterior, unindo num tema à parte os instantes esparsos que passava com as vacas, e deles fazendo a única seqüência. “Como eu ia sentindo...”, parecia ele pensar ao entrar no curral — e continuava o que interrompera. (p.100)</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>“Amara-a tanto?”, sobressaltou-se de novo, ainda não firme naquelas pernas que lhe estavam sendo dadas. Olhou sobressaltado os quatro homens e a mulher que aguardavam: “devia, pois, ser verdade”. A verdade dos outros tinha que ser a sua verdade, ou o trabalho de milhões se perderia. Não seria esse o grande lugar comum a todos? Seus olhos piscaram de esperteza e argúcia e curiosidade. Embora soubesse que não a amara, experimentou com alguma cautela fazer suas as palavras dos outros que afinal não podem ser vazias: “pois um homem ama a sua mulher”. (p. 299 e 300)</p> <p>“Amara-a tanto?”, insistiu de novo</p>			<p>Martim estava muito surpreendido porque antigamente ele costumava saber de tudo. E agora — como fato no entanto muito mais concreto — ele não sabia de nada. Ele que havia crescido um homem claro, e ao redor dele tudo costumava ser visível. Fora pessoa que soubera respostas, antigamente ele era sem dor. A claridade de que vivera fizera com que ele tivesse sido capaz de executar trabalho com números com uma paciência que não se alterava; e, nu por dentro, as roupas lhe assentavam bem.</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>surpreendido, forçando-se já com alguma impaciência a recuperar a verdade alheia. Sim, fora por amor, Martim ainda quis ver se daria certo estabelecer um compromisso entre a sua verdade e a verdade dos outros, tentando fazer de ambas as duas faces de uma só: “sim, fora por amor, não por sua mulher, mas por amor”, pensou pestanejando, “um crime de amor... pelo mundo”, arriscou ele encabulado, tentando sem jeito a presunção. (p. 300)</p> <p>E assim, ela nem morreria. E assim apagava-se tudo. Nem o crime existia. O que sucedera, então? Honestamente um homem deveria dizer: que tentara matar sua</p>			<p>Esperto e elegante. Mas agora, tirada das coisas a camada de palavras, agora que perdera a linguagem, estava enfim em pé na calma profundidade do mistério. (p. 102)</p> <p>era essência gradual e não para se comer de uma vez. Foi assim que a vida de Martim começou a ultrapassá-lo: os dias eram grandes, bonitos, e sua vida era muito maior que ele. E ele mesmo, aos poucos, tornou-se mais do que um homem sozinho. Fizera-se um desgastamento de seus conhecimentos anteriores, e, quanto a palavras, ele</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>mulher porque tinha ciúme dela, pois, como qualquer pessoa adivinharia, ele amara tanto aquela esposa sonolenta. Então, imediatamente baseado nisso, Martim se indagou aflito: “Ela me perdoará? Quanto tempo ficarei preso? Ainda terei tempo de começar a amá-la, de modo que, o que terminará sucedendo, é que sempre a amei?” Ele se esforçava para construir uma verdade retrospectiva. — E meu filho?! gritou em sobressalto, como um homem que acorda atrasado. Usando de novo palavras, ele estremeceu: “sempre fora doido por aquele seu menino” — e agora essas palavras lhe cabiam por</p>			<p>meramente as conhecia como pessoa que tivesse uma vez adoecido delas. E se tivesse curado. “Afinal seu crime tinha apenas o tamanho de um fato” — e o que ele queria dizer com isso, não sabia. (p. 103)</p> <p>E foi como se um calor se evolasse do esforço de todos, e foi como se aquele homem estivesse enfim aprendendo que a noite desce e que o dia renasce e que depois a noite vem. E assim era. Seu corpo, nesse entendimento, ficou bom, sem necessidade do erro que seria a maldade. E assim como as vacas contavam quietas</p>				
--	--	--	---	--	--	--	--

<p>direito e ele as tomou com sofreguidão. — E meu filho! (p.302)</p> <p>Então, de repente — ó diabo, ó diabo! — de repente, a um relance ao rosto impassível de homens que tinham narizes, bocas, olhos, sinais particulares e uma testa —</p> <p>Martim percebeu espantado: eles sabem! Ele percebeu: que todo o mundo sabe a verdade. E que o jogo era assim mesmo: agir como se não soubesse... Essa era a regra do jogo. Que estúpido ele tinha sido! pensou estarrecido, abanando a cabeça com incredulidade. Que ridículo o seu, o de querer salvar uma coisa que estava se salvando. Todos sabem a</p>			<p>com a existência de outras vacas — o homem se envolveu pelo calor indireto dos outros.</p> <p>E mais: às vezes mesmo era como se, olhando, ele fosse o dono de uma grande usina, e o barulho e a fumaça fossem o sinal de um caminhar progressivo. Em que direção? O homem não se perguntou.</p> <p>Embora sentisse — com a mesma vaga inquietação com que gradualmente a seca se aproximava — que ele não estava longe da pergunta, por enquanto imatura.</p> <p>(p. 104)</p>				
--	--	--	---	--	--	--	--

<p>verdade, ninguém a ignora! Espantado diante dos narizes e bocas com que nascemos, Martim olhou os quatro homens: todos sabiam a verdade. E mesmo que a ignorassem, o rosto das pessoas sabia. Aliás, todo o mundo sabe tudo. E uma ou outra vez alguém redescobre a pólvora, e o coração bate. A gente se atrapalha é quando quer falar, mas todo o mundo sabe tudo. Essa cara silenciosa com que teimosamente nascemos.</p> <p>Os homens conversavam baixo. E enquanto isso, Martim tentava apalpar o seu erro: seu erro anterior fora tentar entender por meio do pensamento. E quando tentara refazer a construção, caíra</p>							
---	--	--	--	--	--	--	--

<p>irremediavelmente no mesmo erro. Mas, se a pessoa não se pervertesse em pensamento, a pessoa intacta sabia a verdade. Que papelão o seu! descobriu ele envergonhado e enternecido. (p. 303 e 304)</p> <p>O que ele não entendera é que havia um pacto de silêncio. E ridiculamente heróico viera com suas palavras. Outros, antes dele, já haviam tentado quebrar o silêncio. Ninguém conseguira. Pois, muito antes dos que têm o dom da palavra, os quatro homens e mais os outros sabiam. (p. 304)</p> <p>Oh, como explicar que tudo estava certo? Iniciado agora no silêncio — não mais no silêncio</p>							
---	--	--	--	--	--	--	--

<p>das plantas, não mais no silêncio das vacas, mas no silêncio dos outros homens — ele não sabia mais como se explicar, só sabia que se sentia cada vez mais um homem, cada vez mais ele se sentia os outros. O que, ao mesmo tempo que lhe parecia a grande decadência e a queda de um anjo, pareceu-lhe também uma ascensão. ( p. 305)</p> <p>Se saíra de casa “para saber se era verdade”, ele agora sabia que era. Aliás, ele sabia a verdade. Embora nunca pretendesse pronunciá-la nem sequer sozinho — consigo mesmo, pois, como se disse, ele se tornara um sábio — e a verdade, quando pensada, é impossível. Diabo! a</p>							
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>verdade foi feita para existir! e não para sabermos. A nós, cabe apenas inventá-la. (p. 310 e 311)</p> <p>“Será que consegui mesmo alguma coisa?” Mas consegui dar existência ao mundo! (p. 325)</p> <p>— “Desculpe qualquer coisa que eu tenha feito sem querer”. O que imediatamente perturbou Martim é que ele sentiu que não repetira a frase com exatidão. Não, não era assim a frase de que vagamente se lembrava! — e ele fazia questão de reproduzi-la sem o mínimo erro como se uma simples modificação de sílaba já pudesse alterar o seu velho</p>							
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>sentido, e tirar a perfeição da fórmula perfeita de despedida — qualquer transformação no rito torna um homem individual, o que deixa em perigo a construção toda e o trabalho de milhões; qualquer erro na frase, torná-la-ia pessoal. E, francamente, não havia necessidade de ser pessoal: se não fosse essa teimosia, a pessoa descobriria que já existem fórmulas perfeitas para tudo o que se queira dizer: tudo o que se quisesse que um dia viesse a existir, na verdade já existia, a própria palavra era anterior ao homem — e aqueles quatro representantes sabiam disso: sabiam que toda a questão está em saber profundamente como imitar, pois</p>							
---	--	--	--	--	--	--	--

<p>quando a imitação é original ela é a nossa experiência. Martim passou a entender por que as pessoas imitavam. (p. 326)</p> <p>Afinal pode-se dizer que ele estava realizando tudo o que planejara, mesmo que não tivesse conseguido anotar no papel o que queria. (p. 331)</p>							
---	--	--	--	--	--	--	--